

Bernard Cornwell

O INIMIGO DE DEUS

Tradução de Ana Faria e Isabel Andrade

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

O Inimigo de Deus é dedicado a Susan Watt,
a sua única progenitora

PRÓLOGO

O Inimigo de Deus é o segundo romance da série CRÓNICAS DO SENHOR DA GUERRA e nele se dá continuidade imediata aos acontecimentos descritos em *O Rei do Inverno*. Neste livro, Uther, rei de Dumnónia e Rei Supremo da Bretanha morre, sendo sucedido por Mordred, o seu neto aleijado ainda bebé. Artur, um dos filhos bastardos de Uther, é nomeado tutor de Mordred e com o passar dos anos torna-se o mais importante dos seus protetores. Artur está decidido a cumprir o juramento feito a Uther de garantir que, uma vez chegado à idade adulta, Mordred assumirá o trono de Dumnónia.

Artur está igualmente decidido a restituir a paz aos beligerantes reinos da Bretanha. O conflito mais importante é o que opõe Dumnónia a Powys, e quando Artur é encorajado a desposar Ceinwyn, princesa de Powys, surge a possibilidade de evitar a guerra. Em vez disso, Artur foge com a arruinada princesa Guinevere, e este insulto feito a Ceinwyn acarretará anos de guerra que apenas terminam quando Artur derrota o rei Gorfyddyd de Powys, na Batalha do Vale do Lugg. O trono de Powys passa então para Cuneglas, o irmão de Ceinwyn que, tal como Artur, deseja a paz entre os Bretões, para que estes possam unir as suas lanças na luta contra o inimigo comum: os Saxões (os Sais).

O Rei do Inverno, tal como o presente livro, é narrado por Derfel (deve pronunciar-se Dervel), um escravo saxão que cresceu em casa de Merlim e se tornou um dos guerreiros de Artur. Artur envia Derfel para Armórica (a atual Bretanha francesa) para lutar na desditosa campanha destinada a proteger o reino britânico de Benoic dos ataques dos Francos. Entre os refugiados de Benoic que regressam à Bretanha, encontra-se Lancelote, rei de Benoic, que Artur pretende agora casar com Ceinwyn e colocar no trono da Silúria. Derfel apaixona-se por Ceinwyn.

O outro amor de Derfel é Nimue, sua amiga de infância, que entretanto se tornara ajudante e amante de Merlim, um Druida que lidera a facção bretã empenhada em restituir a ilha aos seus antigos Deuses. Para tal persegue um Caldeirão, um dos Treze Tesouros da Bretanha, uma demanda que, tanto para Merlim como para Nimue, é infinitamente superior a qualquer batalha travada contra outros reinos ou invasores, sejam eles quais forem. Os adversários de Merlim são os Cristãos da Bretanha. Um dos seus líderes é o bispo Sansum, que, ao desafiar Guinevere, perdeu muito do poder que

detinha. Sansum, agora caído em desgraça, desempenha as funções de Abade do Mosteiro do Espinheiro Sagrado, em Ynys Wydryn (Glastonbury).

O Rei do Inverno termina com a vitória de Artur na grande Batalha do Vale do Lugg. O trono de Mordred é salvo, os reinos do Sul da Bretanha selam alianças e Artur, embora não seja rei, é o seu líder incontestado.

PERSONAGENS

ADE	Amante de Lancelote
AELLE	Um rei saxão
AGRICOLA	Senhor da Guerra de Gwent, serve o rei Tewdric
AILLEANN	Em tempos foi amante de Artur e é a mãe dos seus filhos gémeos, Amhar e Loholt
AMHAR	Filho bastardo de Artur e de Ailleann
ARTUR	Senhor da Guerra de Dumnónia, protetor de Mordred
BALIN	Um dos guerreiros de Artur
BAN	Outrora Rei de Benoit (um dos reinos da Bretanha francesa) e pai de Lancelote
BEDWIN	Bispo de Dumnónia, principal conselheiro do rei
BORS	Primo de Lancelote e seu paladino
BROCHVAEL	Rei de Powys, depois da era de Artur
BYRTHIG	Príncipe herdeiro de Gwynedd, mais tarde rei
CADOC	Um bispo cristão, pretenso santo, um eremita
CADWALLON	Rei de Gwynedd
CADWY	Príncipe rebelde de Isca
CALLYN	Paladino de Kernow
CAVAN	Segundo-comandante de Derfel
CEI	Companheiro de infância de Artur, agora um dos seus guerreiros
CEINWYN	Princesa de Powys, irmã de Cuneglas
CERDIC	Um rei saxão
CULHWCH	Primo de Artur, um dos seus guerreiros
CUNEGLAS	Rei de Powys, filho de Gorfyddyd
CYTHRYN	Um magistrado de Dumnónia, um conselheiro
DERFEL CADARN	O narrador, saxão de nascença, um dos guerreiros de Artur e mais tarde monge
DIAN	A filha mais nova de Derfel
DINAS	Um druida da Silúria, gémeo de Lavaine
DIWRNACH	Rei irlandês de Lleyn, um país anteriormente chamado Henis Wyren
EACHERN	Um dos lanceiros de Derfel
ELAINE	Mãe de Lancelote, viúva de Ban
EMRYS	Bispo em Dumnónia, sucessor de Bedwin

ERCE	Mãe de Derfel, também chamada Enna
GALAAD	Meio-irmão de Lancelote, príncipe do reino perdido de Benoic
GORFYDDYD	Rei de Powys, morto no Vale do Lugg, pai de Cuneglas e de Ceinwyn
GUINEVERE	Esposa de Artur
GUNDLEUS	Outrora rei da Silúria, morto depois da Batalha do Vale do Lugg
GWENHWYVACH	Irmã de Guinevere, princesa do reino perdido de Henis Wyren
GWLYDDYN	Servo de Merlim
GWYDRE	Filho de Artur e de Guinevere
HELLEDD	Esposa de Cuneglas, rainha de Powys
HYGWYDD	Servo de Artur
IGRAINE	Rainha de Powys depois da era de Artur, casada com Brochvael
IORWETH	Druida de Powys
ISOLDA	Rainha de Kernow, casada com Mark
ISSA	Um dos lanceiros de Derfel, mais tarde o seu segundo-comandante
LANCELOTE	Rei de Benoic, exilado
LANVAL	Um dos guerreiros de Artur
LAVAINÉ	Um druida da Silúria, gémeo de Dinas
LEODEGAN	Rei exilado de Henis Wyren, pai de Guinevere e de Gwenhwyvach
LIGESSAC	Traidor no exílio
LOHOLT	Filho bastardo de Artur, gémeo de Amhar
LUNETE	Outrora amante de Derfel, agora aia de Guinevere
MAELGWYN	Monge de Dinnewrac
MALAINÉ	Druida de Powys
MALLA	Esposa saxónica de Sagramor
MARK	Rei de Kernow, pai de Tristão
MELWAS	Rei dos Belgas, no exílio
MERLIM	O druida supremo de Dumnónia
MEURIG	Príncipe herdeiro de Gwent, mais tarde virá a ser rei
MORDRED	Rei de Dumnónia, filho de Norwenna
MORFANS	«O Feio», um dos guerreiros de Artur
MORGANA	Irmã mais velha de Artur, outrora a grã-sacerdotisa de Merlim
MORWENNA	Filha mais velha de Derfel
NABUR	Magistrado cristão de Durnovária
NIMUE	Amante de Merlim e grã-sacerdotisa
NORWENNA	Mãe de Mordred, assassinada por Gundleus
OENGUS MAC AIREM	Rei irlandês de Demétia, um país outrora chamado Dyfed
PEREDUR	Filho de Lancelote e de Ade
PYRLIG	O bardo de Derfel

RALLA	Serva de Merlin, casada com Gwlyddyn
SAGRAMOR	Comandante númida de Artur, Senhor das Pedras
SANSUM	Bispo de Dumnónia, mais tarde superior de Derfel em Dinnewrac
SCARACH	Esposa de Issa
SEREN	Segunda filha de Derfel
TANABURS	Um druida da Silúria, morto por Derfel depois da batalha de Vale do Lugg
TEWDRIC	Rei de Gwent, pai de Meurig, mais tarde um eremita cristão
TRISTÃO	Príncipe herdeiro de Kernow, filho de Mark
TUDWAL	Monge noviço em Dinnewrac
UTHER	Falecido Rei Supremo de Dumnónia, avô de Mordred

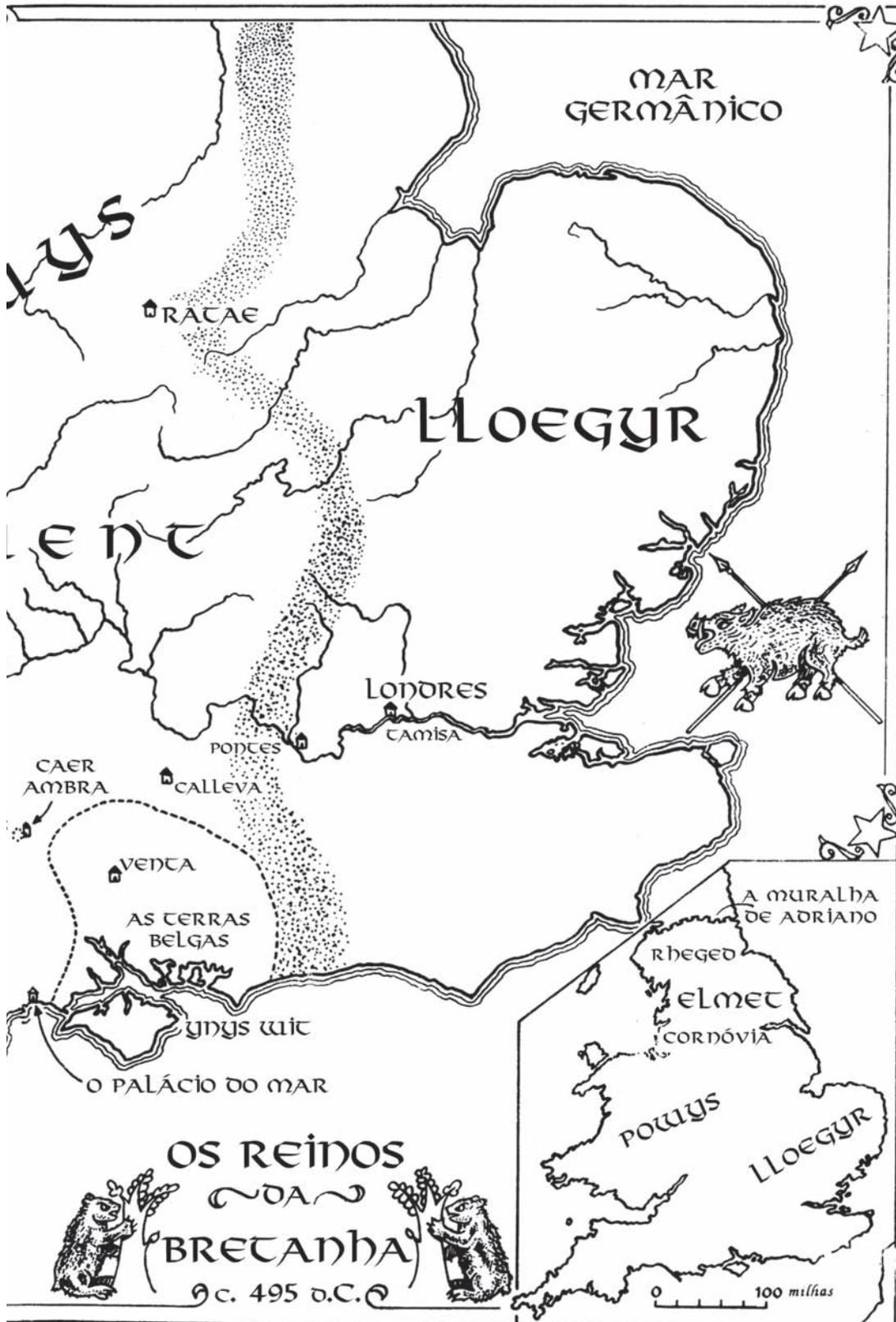
LOCAIS

Os nomes de lugares marcados com * são fictícios.

ABONA	Foz do Avon, Avon
AQUAE SULIS	Termas de Bath, Avon
BENOIC	Um reino, perdido para os Francos, na Bretanha francesa (Armórica)
BODUAN	Garn Boduan, Gwynned
BROCELIANDE	Único reino britânico sobrevivente em Armórica
BURRIUM	Capital de Gwent. Usk, Gwent
CAER AMBRA*	Amesbury, Wiltshire
CAER CADARN*	Sul de Cadbury, Somerset
CAER GEI*	Capital de Gwynedd. Gales do Norte
CAER SWS	Capital de Powys. Caersws, Powys
CALLEVA	Silchester, Hampshire
CORINIUM	Cirencester, Gloucestershire
CWM ISAF	Perto de Newtown, Powys
DINNEWAC*	Um mosteiro em Powys
DOLFORWYN	Perto de Newtown, Powys
DUN CEINACH*	Haresfield Beacon, perto de Gloucester
DUNUM	Hod Hill, Dorset
DURNOVÁRIA	Dorchester, Dorset
ERMID'S HALL*	Perto de Street, Somerset
GLEVUM	Gloucester
HALCWM*	Salcombe, Devon
ISCA Dumnónia	Exeter, Devon
ISCA Silúria	Caerleon, Gwent
LINDINIS	Ilchester, Somerset
LLOEGYR	A parte da Bretanha ocupada pelos Saxões, literalmente «as terras perdidas». Em galês moderno, <i>Lloegr</i> significa Inglaterra
LLYN CERRIG BACH	O Lago das Pequenas Pedras, atualmente Valley Airfield, Anglesey
VALE DO LUGG*	Mortimer's Cross, Hereford & Worcester
MAGNIS	Kenchester, Hereford & Worcester
NIDUM	Neath, Glamorgan
PONTES	Staines, Surrey
RATAE	Leicester

AS PEDRAS	Stonehenge
O TOR	Glastonbury Tor, Somerset
VENTA	Winchester, Hampshire
VINDOCLÁDIA	Forte romano, perto de Wimborne Minster, Dorset
ÝNYS MON	Anglesey
ÝNYS TREBES*	A capital perdida de Benoic, Monte St.-Michel, Bretanha francesa
ÝNYS WIT	Ilha de Wight
ÝNYS WYDRYN	Glastonbury, Somerset







Primeira Parte

A ESTRADA SOMBRIA





Hoje tenho estado a pensar nos mortos. Estamos no último dia do ano velho. Os fetos que cobrem a colina tingiram-se de uma tonalidade acastanhada, os ulmeiros nas extremidades do vale perderam as folhas e a matança de inverno das nossas cabeças de gado já começou. Esta noite é Véspera do Samain.

Esta noite, a cortina que separa os mortos dos vivos estremecerá, desfiar-se-á e acabará por desaparecer. Esta noite, os mortos atravessarão a ponte das espadas. Esta noite os mortos chegarão, vindos do Outro Mundo, mas nós não os veremos. Serão sombras diluídas na escuridão, simples sussurros numa noite sem vento, mas estarão presentes.

O bispo Sansum, o santo que governa a nossa pequena comunidade de monges, faz troça desta crença. Os mortos, diz ele, não têm corpos feitos de sombra, tão-pouco são capazes de atravessar a ponte das espadas. Em vez disso, jazem nos seus túmulos frios aguardando a última vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. É uma atitude digna, diz ele ainda, recordar os mortos e rezar pela imortalidade das suas almas, mas os seus corpos desapareceram para sempre. São corruptos. Os olhos derreteram-se para dar lugar a buracos negros incrustados nos crânios, os vermes liquefazem-lhes as barrigas e os ossos estão forrados com húmus. O santo insiste em dizer que os mortos não perturbam os vivos na Véspera do Samain, mas até ele tomará as precauções necessárias para deixar um pão junto da lareira do mosteiro, esta noite. Fará de conta que se tratou de um descuido da sua parte, mas, seja como for, esta noite haverá um pão e um cântaro com água ao lado das cinzas da cozinha.

Eu deixarei mais qualquer coisa. Uma taça de hidromel e um pedaço de salmão. São oferendas humildes, mas é tudo o que posso dar, e esta noite colocá-las-ei no meio das sombras, junto à lareira. Em seguida irei até à minha cela de monge para acolher os mortos que virão até esta casa fria, situada nesta colina despida.

Passo a nomear os mortos. Ceinwyn, Guinevere, Nimue, Merlim, Lancelote, Galaad, Dian, Sagramor. A lista daria para encher dois pergaminhos. Tantos mortos. O som dos seus passos não provocará o mínimo sobressalto, tão-pouco assustará os ratos que vivem no telhado de colmo do mosteiro, mas até o bispo Sansum sabe que os nossos gatos arquearão os respetivos corpos e bufarão pelos cantos da cozinha quando as sombras

que não são sombras se aproximarem da nossa lareira, ao encontro das ofensas que as dissuadem de fazer tropelias.

Hoje tenho estado, então, a pensar nos mortos.

Estou velho agora, talvez tão velho como era Merlim, embora nem por sombras tão sábio. Penso que o bispo Sansum e eu somos os únicos homens que sobreviveram aos dias gloriosos, e eu sou o único que os recordo com ternura. É provável que outros vivam ainda. Na Irlanda, talvez, ou nas terras desoladas a norte de Lothian, mas eu nada sei deles, ainda que esteja certo do seguinte: se outros há que de facto vivem ainda, então eles, tal como eu, evitam a escuridão avassaladora como gatos fugindo das sombras desta noite. Tudo o que amávamos foi destruído, tudo o que construímos foi arrasado, tudo o que semeámos está a ser colhido pelos Saxões. Nós, os Britânicos, mantemo-nos fiéis às terras altas a oeste e falamos de vingança, mas não há nenhuma espada capaz de lutar contra a grande escuridão. Momentos há, agora demasiado frequentes, em que tudo o que desejo é estar na companhia dos mortos. O bispo Sansum aplaude este meu desejo e diz-me que está certo que eu anseie por estar no Céu, à direita de Deus, mas não creio que alguma vez chegue a entrar no Paraíso dos santos. Pequei demasiado e por isso temo o Inferno, embora ainda acalente a esperança de, contrariando assim a minha fé, passar para o Outro Mundo. Aí, à sombra das macieiras espalhadas entre as quatro torres de Annwn, espera-me uma mesa repleta de comida e povoada pelos corpos-sombra dos meus velhos amigos. Merlim dividir-se-á entre adulações, palestras, queixumes e zombarias. Galaad arderá de impaciência por interrompê-lo e Culhwch, enfadada com tanta conversa, surripiará uma porção de carne maior, julgando que ninguém se terá apercebido do seu gesto. E Ceinwyn lá estará também, a querida e encantadora Ceinwyn, apaziguando o tumulto gerado por Nimue.

Eu, porém, ainda me encontro sob a maldição da vida. Enquanto os meus amigos festejam, eu continuo a viver, e enquanto viver, hei de escrever esta história de Artur. Escrevo por ordem da rainha Igraine, a jovem esposa do rei Brochvael de Powys, o protetor do nosso pequeno mosteiro. Igraine quis saber tudo o que eu pudesse lembrar-me acerca de Artur, por isso comecei a escrever estas histórias. O bispo Sansum, porém, não aprova este meu trabalho. Ele diz que Artur era o Inimigo de Deus, um rebento do Diabo, pelo que estou a escrever estas histórias em saxão, a minha língua materna, que o santo desconhece. Tanto eu como Igraine dissemos ao santo que estou a escrever o evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo na língua do inimigo. É possível que ele acredite em nós, ou então talvez esteja a aguardar a hora certa para desmascarar a nossa mentira e castigar-me, em seguida.

Escrevo todos os dias. Igraine desloca-se frequentemente ao mosteiro

para pedir a Deus que abençoe o seu ventre com um filho. Terminadas as orações, leva consigo as peles já preenchidas e pede ao escrivão de Brochael que as traduza para britânico. Acho que ela altera a história nessa altura, fazendo-a coincidir com o Artur que ela deseja que exista e não com o Artur que de facto existiu. Mas é provável que isso não tenha importância, pois quem irá ler esta história? Sinto-me como um homem que constrói uma parede de lama e vime com o objetivo de conter uma inundação iminente. A idade das trevas, um tempo em que nenhum homem lerá uma linha que seja, está a chegar. Haverá apenas Saxões.

Estou então a escrever sobre os mortos, e a escrita ajuda-me a passar o tempo que me resta até poder juntar-me a eles; o tempo em que o irmão Derfel, humilde monge de Dinnewrac, tornará a ser Lorde Derfel Cadarn, Derfel, o Poderoso, Paladino de Dumnónia e amigo dileto de Artur. Agora, porém, sou apenas um velho monge enregelado que escrevinha memórias com a única mão que lhe resta. E esta noite é Véspera do Samain e amanhã começa um novo ano. O inverno está a chegar. Empurradas pelo vento, as folhas outonais jazem sobre as sebes em montículos cintilantes, tordos-piscos revoloteiam em torno dos restolhos, as gaivotas trocaram o mar pela terra e as galinholas reúnem-se à luz da Lua cheia. É uma boa estação, segundo me disse Igraine, para escrever sobre coisas antigas. Por essa razão trouxe-me uma pilha de peles novas, um frasco de tinta acabada de misturar e um molho de penas. Fala-me de Artur, pede-me ela, do Artur de ouro, a nossa última e melhor esperança, o nosso rei que nunca chegou a ser rei, o Inimigo de Deus e o flagelo dos Saxões. Fala-me de Artur.

Um campo de batalha é uma visão horrível.

Sáíamos vitoriosos, mas nas nossas almas não havia qualquer vestígio de júbilo, apenas fadiga e alívio. Trémulos, juntávamo-nos em volta das nossas fogueiras e fazíamos por não pensar nos vampiros e espíritos que trilhavam a escuridão onde jaziam os mortos do Vale do Lugg. Alguns de nós dormiam, mas ninguém conseguia um sono descansado, pois os pesadelos do final da batalha não nos davam tréguas. Acordei em plena noite, sobressaltado pela lembrança da estocada de uma lança que por pouco não se enterrara na minha barriga. Issa salvara-me, afastando a lança inimiga com o rebordo do seu escudo, mas a memória do que quase acontecera continuava a atormentar-me. Tentei voltar a adormecer, mas a recordação daquela lança manteve-me acordado até que, por fim, trémulo e exausto, levantei-me e enrolei-me na minha capa. O vale estava iluminado por fogueiras que se iam consumindo lentamente, e nos intervalos escuros entre as chamas espalhava-se um miasma formado pelo fumo e pela neblina

que se elevava do rio. Algumas silhuetas moviam-se envoltas na cortina de fumo, mas se eram fantasmas ou criaturas vivas, não sei dizer.

— Não consegues dormir, Derfel? — disse uma voz suave, vinda do limiar do edifício romano onde repousava o corpo do rei Gorfyddyd.

Voltei-me e vi que Artur me observava.

— Não, não consigo dormir, senhor — admiti.

Ele avançou com cuidado pelo meio dos guerreiros adormecidos. Usava uma daquelas longas capas brancas de que tanto gostava e, na noite feérica, a peça de vestuário parecia resplandecer. Não apresentava qualquer vestígio de lama, ou de sangue, e percebi que ele devia tê-la enrolado em lugar seguro a fim de ter uma peça de vestuário limpa para vestir depois da batalha. Nenhum de nós se teria importado de chegar ao fim do combate completamente nu desde que estivesse vivo, mas Artur sempre foi um homem dado a minúcias. Tinha a cabeça descoberta e o cabelo ainda traía as reentrâncias deixadas pelo elmo no sítio onde este lhe apertara o crânio.

— Nunca durmo bem depois de uma batalha — disse ele, — durante uma semana, pelo menos. Depois disso surge então uma noite de abençoado descanso. — Sorriu para mim. — Estou em dívida para contigo.

— Não, senhor — disse eu, embora ele estivesse de facto em dívida para comigo. Sagramor e eu tínhamos defendido o Vale do Lugg durante todo aquele longo dia, lutando dentro do escudo defensivo contra uma vasta horda de inimigos, e Artur não conseguira vir socorrer-nos. O auxílio acabara por chegar, e com ele a vitória, mas de todas as batalhas travadas por Artur, Vale do Lugg foi a que estive mais perto da derrota. Até à última batalha.

— Eu, pelo menos, hei de recordar esta dívida — disse ele, com afeto, — ainda que tu não o faças. Já é tempo de fazer de ti um homem rico, Derfel, a ti e aos teus homens.

Sorriu e, segurando-me pelo cotovelo, conduziu-me até um pedaço de terra vazio onde as nossas vozes não perturbariam o sono agitado dos guerreiros, deitados perto das fogueiras. O chão estava húmido e a chuva cobria com lama as marcas fundas deixadas pelos cascos dos enormes cavalos do exército de Artur. Perguntei a mim mesmo se os cavalos sonhariam com batalhas e, depois, se os mortos recém-chegados ao Outro Mundo ainda estremeciam perante a recordação do golpe da espada ou da lança que atirara as suas almas para o outro lado da ponte das espadas.

— Gundleus está morto, suponho? — Artur interrompeu o fio dos meus pensamentos.

— Está sim, senhor — confirmei. O rei da Silúria morrera ao princípio da noite, mas eu não via Artur desde o instante em que Nimue pusera fim à vida do seu inimigo.

— Ouvi-o gritar — disse Artur num tom de voz neutro.

— A Bretanha inteira deve tê-lo ouvido gritar — respondi eu numa inflexão de voz igualmente seca. Nimue destruíra a tenebrosa alma do rei pedaço por pedaço, nunca deixando de trautear a meia voz a sua vingança sobre o homem que a violara e lhe arrancara um dos olhos.

— Nesse caso, a Silúria precisa de um rei — disse Artur, contemplando o vale imenso até onde as silhuetas negras flutuavam no meio da neblina e do fumo. As chamas projetavam sombras no seu rosto glabro, emprestando-lhe um aspeto macilento. Não era um homem bonito, mas tão-pouco era feio. Possuía, antes, um rosto singular: comprido, ossudo e resoluto. Em repouso era um rosto triste que denotava compaixão e um caráter sério, mas em momentos de conversa era animado pelo entusiasmo e por um sorriso fácil. Ainda era jovem nessa altura, tinha apenas trinta anos, e entre os seus cabelos curtos não se vislumbrava ainda qualquer fio grisalho.

— Vem. — Tocou-me no braço e fez um gesto na direção do vale.

— Ousaríeis caminhar entre os mortos? — Recuei, horrorizado. Eu teria esperado até que a madrugada tivesse afugentado os vampiros antes de me aventurar para longe da luz protetora das fogueiras.

— Fomos nós quem os transformou em mortos, Derfel, tu e eu — disse Artur, — por isso é natural que tenham medo de nós, não é?

Nunca foi um homem supersticioso, ao contrário de nós, que suspirávamos por bênçãos, venerávamos amuletos e nunca desistíamos de procurar presságios que pudessem pôr-nos de sobreaviso contra perigos iminentes. Artur movia-se naquele mundo de espíritos como um homem cego.

— Vem — disse, tocando-me de novo no braço.

Penetrámos, então, na escuridão. Não estavam todas mortas, aquelas coisas que jaziam enleadas na neblina, já que algumas imploravam por socorro em lamentos compungidos. Artur, porém, normalmente o mais bondoso dos homens, manteve-se surdo aos seus clamores débeis. Pensava na Bretanha.

— Amanhã sigo para Sul — disse. — Vou encontrar-me com Tewdric.

O rei Tewdric de Gwent era nosso aliado, mas recusara-se a enviar os seus homens para o Vale do Lugg, crente da impossibilidade de uma vitória. Agora, o rei estava em dívida para connosco, pois tínhamos ganho uma guerra que era dele em seu lugar. Artur, no entanto, não era homem que guardasse ressentimentos.

— Pedirei a Tewdric que envie um grupo de homens para Leste, para lutar contra os Saxões — continuou Artur — mas vou enviar Sagramor também. Isso deverá ser suficiente para segurar a fronteira durante o inverno. Os teus homens — brindou-me com um sorriso rápido — merecem um descanso.

O sorriso dele disse-me que não haveria descanso.

— Eles farão tudo o que lhes pedirdes — respondi, obediente. Caminhava hirto, olhando com desconfiança para as sombras que nos rodeavam e fazendo o gesto destinado a afastar o mal com a mão direita. Certas almas, recém-arrancadas aos respetivos corpos, não conseguem encontrar a porta de entrada para o Outro Mundo e, ao invés, deambulam pela superfície da Terra em busca dos seus antigos corpos, procurando vingar-se de quem as assassinou. Muitas dessas almas estavam no Vale do Lugg nessa noite e eu temia-as, mas Artur, esquecido da ameaça que elas representavam, deambulava despreocupadamente pelo campo de morte, segurando as dobras da capa com uma das mãos a fim de a manter fora do alcance da erva molhada e da lama espessa.

— Quero os teus homens na Silúria — disse, em tom decidido. — Oengus Mac Airem há de querer saqueá-la, mas tem de ser detido.

Oengus era o rei irlandês de Demétia que, ao mudar de partido durante a batalha, dera a vitória a Artur. O preço do irlandês era uma parte dos escravos e das riquezas do reino do falecido Gundleus.

— Ele pode levar uma centena de escravos — decretou Artur — e um terço dos tesouros de Gundleus. Concordou com estes termos, mas ainda assim tentará enganar-nos.

— Assegurar-me-ei de que não o fará, senhor.

— Não, tu não. Permites que Galaad conduza os teus homens?

Assenti, escondendo a minha surpresa.

— Que pretendeis então de mim? — perguntei.

— A Silúria é um problema — continuou Artur, ignorando a minha pergunta. Deteve-se, franzindo o sobrolho ao pensar no reino de Gundleus. — Tem sido mal governada, Derfel, mal governada.

Falou com profundo desagrado. Para os restantes de nós, as governações corruptas eram tão naturais como a neve no inverno ou as flores na primavera, mas Artur sentia-se genuinamente horrorizado com isso. Nos dias que correm, recordamos Artur como um senhor da guerra, como o homem extraordinário que metido numa reluzente armadura de latão polido fez de uma espada uma lenda. Ele, porém, teria preferido que o lembrassem apenas como um governante bom, honesto e justo. A espada deu-lhe poder, mas ele colocou esse poder ao serviço da lei.

— Não é um reino importante — continuou ele, — mas será uma eterna fonte de problemas, se não impusermos a ordem. — Pensava em voz alta, tentando antecipar todos os obstáculos que se interpunham entre aquela primeira noite depois da batalha e o seu sonho de uma Bretanha unida e pacificada. — A solução ideal — disse — seria dividi-la entre Gwent e Powys.

— E porque não o fazemos? — perguntei.

— Porque prometi a Silúria a Lancelote — disse ele, numa voz que não admitia oposição.

Eu nada disse, limitando-me a tocar o punho de Hywelbane, para que o ferro protegesse a minha alma das coisas demoníacas daquela noite. Olhei para sul, na direção do local onde os mortos jaziam mansamente e, como o curso de um regato, junto à sebe de árvores onde os meus homens tinham combatido o inimigo durante aquele longo dia.

Muitos homens valentes tinham participado naquele combate. Lancelote, no entanto, não o fizera. Ao longo de todos estes anos que tenho combatido por Artur e desde que conheço Lancelote, nunca o vi combater no escudo defensivo. Vira-o perseguir fugitivos derrotados, ou fazer prisioneiros e exibi-los perante multidões excitadas, mas nunca me fora dado vê-lo sofrer os efeitos da pressão terrível, abrasadora e clangorosa da luta árdua no perímetro de um escudo defensivo. Ele era o rei exilado de Benoic, destronado pela horda de francos que tinham irrompido da Gália decididos a apagar da memória dos homens o reino de seu pai, e nem uma vez, tanto quanto me era dado saber, brandira uma lança contra um grupo de guerreiros francos, apesar de a sua bravura ser cantada por todos os bardos de norte a sul da Bretanha. Ele era Lancelote, o rei sem terra, o herói de cem combates, a espada dos Bretões, o formoso senhor da desventura, o modelo da perfeição, e toda a sua reputação fora construída ao som de melodias e não, pelo que eu sabia, com uma espada. Eu era seu inimigo, e ele meu, mas ambos éramos amigos de Artur e essa amizade impunha tréguas pouco cómodas à nossa inimizade.

Artur conhecia a minha hostilidade. Tocou-me no cotovelo fazendo sinal para que ambos caminhássemos para sul, na direção do tapete de mortos.

— Lancelote é amigo de Dumnónia — insistiu ele — e se for ele a governar a Silúria, não teremos nada a temer. Além disso, se Lancelote desposar Ceinwyn, contará também com o apoio de Powys.

Pronto, estava dito, e agora a minha hostilidade misturava-se com um sentimento de raiva. Todavia, nada disse contra os planos de Artur. Que poderia eu dizer? Era filho de um escravo saxão, um jovem guerreiro com um bando de homens mas sem terra, e Ceinwyn era uma princesa de Powys. Chamavam-na *Seren*, a estrela, e ela cintilava numa terra sem interesse como uma centelha de Sol caída na lama. Estivera noiva de Artur, mas perdera-o para Guinevere, e essa perda desencadeara a guerra que neste momento chegava ao fim com o massacre do Vale do Lugg. Agora, em nome da paz, Ceinwyn deveria desposar Lancelote, o meu inimigo, enquanto eu, que valia pouco mais que nada, estava apaixonado por ela. Usava o prega-

dor dela e a sua imagem nunca me saía do pensamento. Chegara até a jurar que a protegeria, um juramento que ela não repelira. A aceitação dela fizera nascer em mim a esperança louca de que o meu amor por ela não era impossível, mas era-o de facto. Ceinwyn era uma princesa e como tal deveria casar com um rei, e eu era um soldado, escravo de nascença, e casar-me-ia com quem me aceitasse.

Nada revelei, por isso, acerca do meu amor por Ceinwyn e Artur, que naquela noite vitoriosa punha e dispunha da Bretanha, não suspeitou de nada. E porque haveria de o fazer? Se lhe tivesse confessado que estava apaixonado por Ceinwyn, ele teria considerado o facto como uma ambição tão injuriosa quanto a de um galo de capoeira que quisesse acasalar com uma águia.

— Conheces Ceinwyn, não conheces? — perguntou-me ele.

— Sim, senhor.

— E ela gosta de ti — disse ele, em jeito de pergunta incompleta.

— Ouso pensar que sim — respondi eu com sinceridade, revendo em espírito a beleza pálida e argentina de Ceinwyn e abominando a ideia de a mesma vir a ser entregue à guarda do formoso Lancelote. — Ela gosta de mim o suficiente — prossegui — para me ter dito que não sente qualquer entusiasmo em relação a este casamento.

— E porque haveria de sentir? — perguntou Artur. — Ela nunca viu Lancelote. Não espero entusiasmo da parte dela, Derfel, apenas obediência.

Hesitei. Antes da batalha, quando Tewdric tentava desesperadamente pôr fim à guerra que ameaçava destruir os seus domínios, eu fora enviado à presença de Gorfyddyd numa missão de paz. A missão falhara, mas eu falara com Ceinwyn e contara-lhe as esperanças acalentadas por Artur de a ver casada com Lancelote. Não rejeitara a ideia, mas tão-pouco a recebera de bom grado. Naquela época, ninguém acreditava que Artur fosse capaz de derrotar o pai de Ceinwyn numa batalha, mas Ceinwyn levava em consideração essa possibilidade inverosímil e pedira-me que transmitisse a Artur um pedido seu, caso ele saísse vencedor do conflito. Queria a proteção dele, e eu, consumido de paixão por ela, transformara o seu pedido num apelo para que ela não fosse forçada a um casamento contrário aos seus desejos. Agora dizia a Artur que ela implorara a sua proteção.

— Ela esteve prometida em casamento demasiadas vezes, senhor — acrescentei — e por demasiadas vezes se sentiu desiludida. Julgo que ela quer que a deixem tranquila durante algum tempo.

— Tempo! — Artur riu-se. — Ela não tem tempo, Derfel. Tem quase vinte anos. Não pode continuar solteira como um gato que não caça ratos. E com quem mais poderia ela casar? — Avançou alguns passos. — Ela tem a minha proteção — disse, — mas que melhor proteção poderia ela querer

do que estar casada com Lancelote e poder sentar-se num trono? E tu? — perguntou ele, inesperadamente.

— Eu, senhor? — Por momentos pensei que ele estaria a sugerir que eu deveria desposar Ceinwyn e o meu coração teve um sobressalto.

— Tens quase trinta anos — disse, — é tempo de te casares. Trataremos disso depois de regressarmos a Dumnónia. Agora, quero que vás até Powys.

— Eu, senhor? Powys?

Tínhamos acabado de combater e de derrotar o exército de Powys e não me passava pela cabeça que alguém em Powys estivesse disposto a acolher amigavelmente um guerreiro inimigo.

Artur agarrou-me pelo braço.

— O facto mais importante das próximas semanas, Derfel, é garantir que Cuneglas seja proclamado rei de Powys. Ele julga que ninguém o desafiará, mas quero estar certo disso. Quero um dos meus homens em Caer Sws para servir de testemunha da nossa amizade. Nada mais. Quero apenas que todo aquele que pense em lançar um desafio saiba que terá de lutar comigo e com Cuneglas. Se lá estiveres e se fores visto como amigo dele, essa mensagem será clara.

— Nesse caso, porque não enviar uma centena de homens? — perguntei eu.

— Porque assim parecerá que estamos a impor Cuneglas no trono de Powys. Não quero isso. Preciso dele como amigo e não quero que ele regresse a Powys como um homem derrotado. Além disso — sorriu, — vales tanto como uma centena de homens, Derfel. Provaste isso ontem.

Fiz uma careta, pois os elogios extravagantes deixavam-me sempre pouco à vontade. No entanto, se o elogio significava que eu era o homem certo para ser o enviado de Artur a Powys, então sentia-me feliz por isso, pois estaria de novo perto de Ceinwyn. Ainda conservava a preciosa recordação do toque dela na minha mão, da mesma forma que guardava religiosamente o pregador que ela me dera há tantos anos. Ela ainda não estava casada com Lancelote, disse para comigo mesmo, e tudo o que eu queria era uma oportunidade para me entregar de corpo e alma às minhas esperanças impossíveis.

— E depois de Cuneglas ter sido proclamado rei — perguntei, — que faço então?

— Esperas por mim — disse Artur. — Seguirei para Powys logo que possa, e uma vez assinada a paz e assegurado o noivado de Lancelote, regressaremos a casa. E no próximo ano, meu amigo, comandaremos os exércitos da Bretanha contra os Saxões. — Sentia um prazer raro ao falar da arte de guerrear. Era um bom soldado, que gostava das batalhas graças às emo-

ções vivas e desenfreadas que tomavam conta da sua alma, habitualmente caracterizada pela prudência. Todavia, nunca procurava a guerra quando a paz era uma possibilidade real, pois suspeitava das incertezas da batalha. Neste caso, porém, nem a diplomacia nem o tato lograriam alguma vez derrotar o invasor saxão, que se expandia para oeste, alastrando por todo o território da Bretanha como se fosse uma praga de parasitas. Artur sonhava com uma Bretanha ordenada, dotada de um governo legítimo e pacífica e os Saxões não faziam parte desse sonho.

— Marchamos na primavera? — perguntei.

— Com o despontar das primeiras folhas.

— Então gostaria de vos pedir que me concedêsseis um favor, antes disso.

— Qual? — retorquiu ele, encantado com o facto de eu querer algo como recompensa por ter contribuído para a sua vitória.

— Quero marchar com Merlim, senhor — disse eu.

Não respondeu logo. Limitou-se a fitar o chão enlameado, onde estava caída uma espada cuja lâmina estava dobrada quase em dois. Algures no escuro um homem gemeu, chamou e calou-se em seguida.

— O Caldeirão — disse Artur, finalmente, com voz carregada.

— Sim, senhor — disse eu. Merlim viera ao nosso encontro durante a batalha e pedira às duas fações envolvidas que suspendessem os combates e o seguissem na demanda do Caldeirão de Clyddno Eiddyn. O Caldeirão era o maior Tesouro da Bretanha, a oferenda mágica dos velhos Deuses, e havia séculos que se desconhecia o seu paradeiro. Merlim dedicara a sua vida à recuperação desses Tesouros, e o Caldeirão era a maior recompensa que poderia conquistar. Se conseguisse encontrá-lo, dissera ele, poderia devolver a Bretanha aos seus Deuses legítimos.

Artur meneou a cabeça.

— Acreditas mesmo que o Caldeirão de Clyddno Eiddyn tem estado escondido durante todos estes anos? — perguntou-me ele. — Durante todos os anos de domínio romano? Foi levado para Roma, Derfel, e fundido para fazer alfinetes, ou pregadores, ou moedas. O Caldeirão não existe!

— Merlim diz que sim, senhor — insisti eu.

— Merlim deu ouvidos a historietas de velhas — retorquiu Artur, zangado. — Sabes quantos homens pretende ele arrastar nessa demanda do seu Caldeirão?

— Não, senhor.

— Oitenta, disse-me ele. Ou cem. Ou, melhor ainda, duzentos! Ele nem sequer diz onde está o Caldeirão, quer apenas que eu lhe dê um exército e que o autorize a marchar até um qualquer local inóspito. Até à Irlanda, provavelmente, ou para o Deserto. Não! — Deu um pontapé

na espada dobrada e em seguida enterrou um dos dedos no meu ombro. — Ouve-me, Derfel, no próximo ano vou precisar de todas as lanças que conseguir reunir. Vamos acabar com os Saxões de uma vez por todas, e eu não posso abdicar de oitenta ou cem homens e deixá-los partir em busca de uma taça que desapareceu há quase quinhentos anos. Logo que os saxões de Aelle estejam derrotados, serás livre para ir atrás desse disparate, se a isso te sentes obrigado. Mas isso é um disparate, digo-te eu. O Caldeirão não existe. — Virou-se e começou a falar para as fogueiras. Segui-o, desejoso de contra-argumentar, mas sabia que nunca seria capaz de o persuadir do contrário, pois ele iria precisar de todas as lanças que conseguisse reunir se de facto pretendia derrotar os Saxões, e neste momento nada faria para reduzir as suas probabilidades de vitória na primavera. Sorriu para mim, como se assim quisesse compensar-me pela áspera resposta ao meu pedido.

— Se o Caldeirão realmente existe — disse ele, — então pode muito bem continuar escondido por mais um ano ou dois. Entretanto, Derfel, tenho planos para fazer de ti um homem rico. Arranjar-te-emos um casamento próspero. — Deu-me uma palmada nas costas. — Uma última campanha, meu querido Derfel, um último grande massacre, e depois teremos paz. A paz total. Não precisaremos de caldeirões nessa altura. — Falava num tom exultante. Nessa noite, rodeado pelos mortos, ele viu de facto o advento da paz.

Caminhámos na direção das fogueiras que circundavam a casa romana onde Gorfyddyd, o pai de Ceinwyn, jazia morto. Artur sentia-se feliz nessa noite, genuinamente feliz, pois via o seu sonho tornar-se realidade. E tudo parecia tão fácil. Haveria mais uma guerra e, depois, a paz eterna. Artur era o nosso senhor da guerra, o maior guerreiro da Bretanha. No entanto, naquela noite, após a batalha, vagueando entre as almas agonizantes dos mortos envoltos em fumo, a paz era tudo o que ele desejava. Cuneglas de Powys, o herdeiro de Gorfyddyd, comungava do sonho de Artur. Tewdric de Gwent era um aliado, Lancelote ficaria com o reino da Silúria e, juntamente com o exército dumnoniano de Artur, os reis unidos da Bretanha derrotariam os invasores Saxões. Sob a proteção de Artur, Mordred cresceria e assumiria o trono de Dumnónia e nessa altura Artur retirar-se-ia para desfrutar a paz e a prosperidade que a sua espada concedera à Bretanha.

Artur determinava assim o futuro dourado.

Todavia, não estava a contar com Merlim. Merlim era mais velho, mais sensato e mais ardiloso do que Artur. E Merlim pressentira a presença do Caldeirão. Encontrá-lo-ia, e o seu poder espalhar-se-ia por toda a Bretanha como um veneno.

Pois era, de facto, o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. O Caldeirão que destruía os sonhos dos homens.

E Artur, apesar de todo o seu espírito prático, era um sonhador.

Em Caer Sws, as folhas sucumbiam ao peso dos últimos frutos do verão.

Eu viajara para norte na companhia do rei Cuneglas e do seu exército derrotado. Era, por isso, o único dumnoniano que estava presente quando o corpo do rei Gorfyddyd foi cremado no cume de Dolforwyn. Vi as chamas da sua pira funerária elevarem-se bem alto na escuridão da noite no momento em que a sua alma atravessou a ponte das espadas e entrou no Outro Mundo. Em torno da fogueira estavam alinhados os lanceiros de Powys, formando dois anéis e empunhando tochas flamejantes que oscilavam em unísono enquanto eles cantavam o Lamento da Morte de Beli Mawr. Cantaram durante muito tempo, e o som das suas vozes ecoou nas colinas próximas como um coro de fantasmas. Caer Sws estava mergulhada numa grande consternação. Muitos eram os habitantes da região que tinham ficado viúvos ou órfãos, e na manhã seguinte à cremação do velho rei, no momento em que um fio de fumo ainda se desprendia da sua pira elevando-se na direção das montanhas a norte, a notícia da queda de Ratae veio aumentar ainda mais a tristeza. Ratae fora uma grande fortaleza na fronteira leste de Powys, mas Artur entregara-a aos Saxões, comprando assim a paz de que necessitava enquanto combatia Gorfyddyd. Ninguém, em Powys, sabia desta deslealdade de Artur e eu nada lhes disse.

Não vi Ceinwyn durante três dias, já que esses eram os dias de luto por Gorfyddyd e as mulheres não estavam autorizadas a participar na cremação. Em vez disso, as mulheres nobres de Powys vestiam-se de lã preta e permaneciam confinadas à ala do palácio que lhes estava destinada. Não podiam ouvir música, bebiam água e o seu único alimento consistia em pão seco e numa papa de aveia muito rala. No exterior, os guerreiros de Powys reuniram-se para aclamar o novo rei e eu, obedecendo às ordens de Artur, tentei descobrir se algum dos homens presentes seria capaz de desafiar o direito de Cuneglas ao trono. Nem um murmúrio de oposição se ouviu.

Ao fim dos três dias, a porta da ala das mulheres foi aberta. Uma serva assomou à porta e espalhou arruda no umbral e nas escadas. Um instante depois, uma onda de fumo irrompeu através da porta, sinal de que as mulheres estavam a queimar o leito nupcial do velho rei. O fumo escapava-se, rodopiante, pela porta e janelas dos aposentos das mulheres, e foi só depois de o fumo se ter dissipado que Helledd, agora Rainha de Powys, desceu os degraus para ajoelhar perante o marido, o Rei Cuneglas de Powys. Usava

um vestido de linho branco que, no momento em que Cuneglas a fez levantar, ostentava marcas de lama nos sítios onde ajoelhara. Beijou-a e depois conduziu-a de volta aos seus aposentos. Vestido de negro, Iorweth, o druida de Powys, seguiu o rei até à ala das mulheres, enquanto no exterior, rodeando os muros de madeira do palácio em fileiras de ferro e couro, os guerreiros sobreviventes de Powys observavam expectantes.

Esperaram enquanto um coro de crianças entoava o dueto de amor de Gwydion e Aranrhod, a Canção de Rhiannon, e em seguida cada um dos longos versos da Marcha para Caer Idion, de Gofannon. Foi só quando terminou esta última melodia que Iorweth, agora vestido de branco e empunhando uma vara negra encimada por visco-branco, assomou à porta e anunciou que os dias de luto tinham finalmente chegado ao seu termo. Os guerreiros deram vivas e desfizeram fileiras para ir ao encontro das respectivas esposas. Amanhã, Cuneglas será aclamado no cimo do monte Dolforwyn e se algum homem quiser desafiar o seu direito ao trono de Powys, o momento da aclamação será a oportunidade ideal. Essa será também a ocasião em que poderei vislumbrar Ceinwyn pela primeira vez desde o dia da batalha.

No dia seguinte, fixei o meu olhar em Ceinwyn enquanto Iorweth executava os ritos de aclamação. Estava de pé, de olhos postos no irmão, e eu fitava-a, atónito, perguntando a mim próprio como poderia uma mulher ser tão encantadora. Hoje estou velho, por isso é provável que a minha memória de velho exagere a beleza da princesa Ceinwyn, mas julgo que não. Não era impunemente que lhe chamavam *Seren*, a estrela. Era de estatura mediana, mas tinha uma constituição muito delicada e essa esbelteza emprestava-lhe uma aparência de fragilidade que era, conforme mais tarde vim a descobrir, enganadora, pois Ceinwyn era acima de tudo dotada de uma vontade férrea. Tinha cabelos louros como os meus. Os dela, porém, eram de um dourado pálido e brilhante como o Sol enquanto os meus se aproximavam mais do tom de palha suja. Os olhos eram azuis, o seu comportamento recatado e o seu rosto doce como o mel de uma colmeia silvestre. Naquele dia estava vestida com um traje de linho azul, guarnecido com a pele prateada e malhada de negro do arminho, o mesmo vestido que usava quando tocara a minha mão e aceitara o meu juramento. O seu olhar cruzou-se com o meu uma vez, e ela sorriu gravemente. Juro que o meu coração parou de bater durante uns segundos.

Os ritos da realeza de Powys não eram diferentes dos nossos. Cuneglas desfilou em torno do círculo de pedras de Dolforwyn, recebeu os símbolos da realeza e depois foi proclamado rei por um guerreiro, que desafiou todos os presentes a questionarem a aclamação. A resposta ao desafio foi o silêncio. As cinzas da enorme pira ainda fumegavam, para lá do círculo,

assinalando a morte de um rei. Todavia, o silêncio que reinava em torno das pedras era a prova de que um novo rei reinava agora. Em seguida, Cuneglas foi presenteado com oferendas. Artur, conforme eu bem sabia, traria ele próprio o seu magnífico presente, mas tinha-me confiado a espada de guerra de Gorfyddyd que fora encontrada no campo de batalha e que eu agora devolvia ao filho de Gorfyddyd como símbolo do desejo de Dumnónia de assinar a paz com Powys.

Depois da proclamação houve um banquete no edifício solitário situado no cimo de Dolforwyn. Foram festejos modestos, mais ricos em hidromel e em cerveja do que em comida, mas foi uma oportunidade para Cuneglas comunicar aos seus guerreiros as esperanças que alimentava para o seu reino.

Começou por falar da guerra que acabava de chegar ao fim. Evocou os mortos do Vale do Lugg e prometeu aos seus homens que aqueles guerreiros não tinham morrido em vão.

— O seu feito — disse — foi terem conseguido impor a paz entre os Bretões. Uma paz entre Powys e Dumnónia.

Estas palavras desencadearam alguns protestos entre os guerreiros, mas Cuneglas silenciou-os erguendo uma das mãos.

— O nosso inimigo — disse, e a sua voz soou subitamente dura — não é Dumnónia. O nosso inimigo é o saxão!

Fez uma pausa, e desta vez não se ouviram protestos. Esperavam apenas, em silêncio, observando o seu novo rei, que na verdade não era um grande guerreiro, mas sim um homem bom e honesto. Estas qualidades pareciam estar estampadas no seu rosto redondo e sincero ao qual ele tentara, em vão, imprimir dignidade, deixando crescer um bigode longo e entrelaçado que lhe chegava ao peito. Poderia não ser um guerreiro, mas era arguto o suficiente para saber que tinha de oferecer a estes guerreiros a oportunidade de combater numa guerra, pois só através dela é que um homem pode conquistar a glória e a riqueza. Ratae, prometeu-lhes, seria reconquistada e os Saxões punidos pelos horrores que tinham infligido aos seus habitantes. Lloegyr, as Terras Perdidas, seriam reclamadas aos Saxões e Powys, em tempos o mais poderoso dos reinos da Bretanha, tornaria a estender-se das montanhas ao mar germânico. As cidades romanas seriam reconstruídas, os seus muros tornariam a erguer-se, gloriosos, e as estradas seriam reparadas. Haveria terras cultiváveis, saques e escravos saxões para cada um dos guerreiros de Powys. Estes aplaudiram aquela perspectiva, pois Cuneglas oferecia aos seus desiludidos chefes militares as recompensas que homens como eles sempre procuravam obter dos seus soberanos. No entanto, continuou ele depois de ter erguido uma mão a fim de silenciar os aplausos, as riquezas de Lloegyr não seriam reclamadas apenas por Powys.

— Agora — advertiu os seus seguidores, — marchamos lado a lado com os homens de Gwent e ao lado dos lanceiros de Dumnónia. Eram os inimigos de meu pai, mas são meus amigos, e é por esse motivo que Lorde Derfel está aqui presente. — Sorriu para mim. — E é por esse motivo — continuou — que na próxima Lua cheia, a minha querida irmã assumirá o seu noivado com Lancelote. Será rainha na Silúria e os homens naturais deste país marcharão connosco, e com Artur e com Tewdric, para expulsar os Saxões. Destruiremos o nosso verdadeiro inimigo. Destruiremos os Sais!

Desta vez, a aclamação elevou-se sem entraves. Conquistara-os. Oferecia-lhes a riqueza e o poder da velha Bretanha e eles aplaudiam e batiam os pés para demonstrar a sua aprovação. Cuneglas permaneceu de pé durante algum tempo, deixando que a aclamação continuasse, depois sentou-se e sorriu para mim como se reconhecesse que Artur teria aprovado as palavras que acabara de proferir.

Não fiquei em Dolforwyn para o festim que se prolongaria pela noite fora. Em vez disso regressei a Caer Sws atrás da carroça puxada por bois que transportava a rainha Helledd, as suas duas tias e Ceinwyn. As nobres damas desejavam estar de volta a Caer Sws à hora do crepúsculo e eu acompanhei-as, não porque me sentisse hostilizado na companhia dos homens de Cuneglas mas sim porque não tivera qualquer oportunidade de falar com Ceinwyn. Assim, como um vitelo aluado, juntei-me ao reduzido grupo de soldados que escoltava a carroça até ao seu destino. Vestira-me com esmero nesse dia, desejando impressionar Ceinwyn. Limpava a minha cota de malha, escovava a lama que manchava as minhas botas e a minha capa e depois prendera os meus longos cabelos louros numa longa trança que caía ao longo das minhas costas. Usava o pregador dela na minha capa, em sinal da minha vassalagem para com ela.

Pensei que ela iria ignorar-me, pois durante a longa caminhada de volta a Caer Sws, seguiu sentada na carroça sem olhar para mim. Finalmente, porém, depois da curva e quando a fortaleza se tornou visível, virou-se e apeou-se esperando por mim na berma da estrada. Os soldados que a escoltavam afastaram-se para me deixar caminhar ao lado dela. Ela sorriu ao reconhecer o pregador, mas não fez qualquer referência ao mesmo.

— Estávamos curiosas, Lorde Derfel — disse ela, em vez disso, — por conhecer os motivos que o trouxeram até aqui.

— Artur queria que alguém de Dumnónia testemunhasse a aclamação do seu irmão, senhora — respondi.

— Ou será que Artur queria certificar-se de que ele iria ser aclamado? — perguntou ela, sagazmente.

— Também — admiti eu.

Ela encolheu os ombros.

— Mais ninguém a não ser ele poderia ser rei. O meu pai garantiu que assim fosse. Havia um chefe chamado Valerin que poderia ter contestado a ascensão ao trono de Cuneglas, mas segundo as notícias que nos chegaram, Valerin morreu na batalha.

— Sim, senhora, assim foi — disse eu, sem acrescentar contudo que fora eu quem matara Valerin num combate corpo a corpo junto ao vau, no Vale do Lugg. — Era um homem valente, tal como o vosso pai. Lamento, por vós, que ele tenha morrido.

Avançou alguns passos em silêncio sob o olhar desconfiado de Helledd, a rainha de Powys, que permanecia na carroça.

— O meu pai — disse Ceinwyn algum tempo depois — era um homem muito amargurado. Mas sempre foi bom para mim. — O tom da sua voz era triste, mas nenhuma lágrima foi derramada. Já tinha vertido todas as lágrimas e agora o irmão era rei e ela, Ceinwyn, tinha pela frente um novo futuro. Puxou as saias para cima para passar sobre uma mancha de lama. Chovera durante a noite anterior e as nuvens que se acumulavam a ocidente prometiam mais chuva para breve. — E Artur, virá até cá? — perguntou ela.

— Pode chegar a qualquer momento, senhora.

— E vem acompanhado de Lancelote? — perguntou ela.

— Julgo que sim.

Ela fez uma careta.

— No nosso último encontro, Lorde Derfel, eu estava prometida em casamento a Gundleus. Agora é Lancelote. Um rei atrás do outro.

— Sim, senhora — disse eu. Era uma resposta inadequada, estúpida até, mas eu tinha sido assaltado por um intenso e estranho nervosismo que ata a língua dos amantes. Tudo o que sempre desejara era estar com Ceinwyn, mas sempre que me encontrava a seu lado, não era capaz de dizer o que me ia na alma.

— Estou então destinada a ser Rainha da Silúria — disse Ceinwyn sem demonstrar qualquer vislumbre de satisfação perante a perspectiva. Parou e indicou com um gesto o amplo vale do Severn, atrás de nós. — Logo depois de passarmos Dolforwyn — disse-me, — há um pequeno vale escondido com uma casa e algumas macieiras. Quando era uma rapariguita, costumava pensar que o Outro Mundo se parecia com esse vale; um lugar pequeno e seguro onde eu poderia viver, ser feliz e ter filhos. — Riu para si própria e começou a andar. — Em toda a Bretanha há raparigas que sonham casar-se com Lancelote e em serem rainhas de um palácio, e tudo o que eu quero é um pequeno vale com as suas macieiras.

— Senhora — disse eu, enchendo-me de coragem para dizer aquilo

que realmente queria dizer, mas ela adivinhou de imediato o que me ia no espírito e tocou o meu braço para me impor silêncio.

— Tenho de cumprir o meu dever, Lorde Derfel — disse ela, advertindo-me para ter tento na língua.

— Estou ligado a vós por um juramento de fidelidade — deixei escapar abruptamente. Era o mais próximo que eu conseguia chegar de uma confissão de amor naquele momento.

— Eu sei — disse ela em tom grave — e é meu amigo, não é?

Queria ser mais do que um amigo, mas assenti.

— Sou vosso amigo, senhora.

— Então digo-vos — tornou ela — o que disse ao meu irmão. — Fitou-me com os seus olhos azuis muito sérios. — Não sei se quero casar-me com Lancelote, mas prometi a Cuneglas que o conheceria antes de tomar a minha decisão. Tenho de o fazer, mas se vou ou não casar-me com ele, não sei.

Deu alguns passos em silêncio e eu senti que ela ponderava se devia ou não dizer-me alguma coisa. Finalmente decidiu-se a confiar em mim.

— Desde a última vez que estive convosco — continuou, — visitei a sacerdotisa em Maesmwyr, que me levou para a caverna dos sonhos e me fez dormir no leito de caveiras. Queria descobrir o meu destino, mas não me recordo de ter sonhado fosse o que fosse. No entanto, quando acordei, a sacerdotisa disse que o próximo homem que quisesse casar comigo casaria com os mortos e não comigo. — Fitou-me. — Achais que isto faz algum sentido?

— Nenhum, senhora — disse eu e toquei o ferro que forrava o punho de Hywelbane. Estaria ela a avisar-me? Nunca tínhamos falado de amor, mas ela deve ter pressentido a intensidade do meu desejo.

— Para mim também não faz qualquer sentido — confessou, — por isso perguntei a Iorweth qual era o significado da profecia e ele disse-me que eu devia parar de me preocupar. Disse que a sacerdotisa fala por enigmas, porque é incapaz de se expressar de forma coerente. Penso que a profecia significa que não devo casar-me de todo, mas não sei. Sei apenas uma coisa, Lorde Derfel. Não me casarei de forma leviana.

— Sabeis duas coisas, senhora — disse eu. — Sabeis que o meu juramento continua de pé.

— Sei isso também — concordou ela e depois sorriu de novo para mim. — A vossa presença aqui deixa-me feliz, Lorde Derfel. — E com estas palavras correu e voltou a trepar para a carroça, deixando-me a braços com a resolução daquele enigma, sem encontrar qualquer resposta que desse paz à minha alma.

Artur chegou a Caer Sws três dias mais tarde, acompanhado de vinte

cavaleiros e de uma centena de lanceiros. Com ele vinham também bardos e harpistas. Trouxe Merlim, Nimue e oferendas em ouro tiradas aos mortos do Vale do Lugg e ainda Guinevere e Lancelote.

Soltei um lamento de desaprovação quando vi Guinevere. Tínhamos conseguido uma vitória e feito a paz, mas mesmo assim achei cruel da parte de Artur fazer-se acompanhar da mulher por amor de quem tinha repellido Ceinwyn. Guinevere, porém, insistira em acompanhar o marido e foi assim que chegou a Caer Sws numa carroça puxada por bois guarnecida de peles, decorada com panos de linho tingidos e adornada com ramos de verdura em sinal de paz. A rainha Elaine, mãe de Lancelote, viajava na carroça com Guinevere, mas era esta e não a rainha quem atraía as atenções. Levantou-se no momento em que a carroça transpunha lentamente os portões de Caer Sws e manteve-se de pé à medida que os bois a conduziam até à entrada do grande castelo de Cuneglas, onde outrora fora uma exilada indesejada e onde agora chegava como uma conquistadora. Trajava um vestido de linho tingido de dourado, trazia ouro ao pescoço e nos pulsos, enquanto a sua farta cabeleira ruiva estava presa por um aro de ouro. Estava grávida, mas a gravidez ainda não era visível sob o precioso linho dourado. Parecia uma deusa.

Todavia, se Guinevere parecia uma deusa, Lancelote entrou em Caer Sws como um deus. Muita gente pensou que se tratava de Artur, pois o seu aspeto era magnífico, montado num cavalo branco ornamentado com um pano de linho de cor pálida guarnecido de pequenas estrelas douradas. Usava a sua armadura de lâminas metálicas dispostas em forma de escamas e esmaltada de branco, a espada enfiada numa bainha igualmente branca e uma longa capa branca, forrada a vermelho, que lhe caía sobre os ombros. O belo rosto moreno estava emoldurado pelo rebordo dourado do elmo, agora encimado por um par de asas de cisne abertas, em vez das asas de águia-marinha que usara em Ynys Trebes. As pessoas sustinham a respiração ao vê-lo passar e eu pude ouvir um murmúrio que rapidamente percorreu a multidão informando que aquele não era Artur, afinal, mas sim o rei Lancelote, o herói trágico do reino perdido de Benoic e o homem que iria desposar Ceinwyn, a sua princesa. Senti um aperto no coração quando o vi, pois receei que a sua magnificência deslumbrasse Ceinwyn. A multidão quase nem reparou em Artur, que usava um justilho de couro e uma capa branca e parecia embaraçado por estar em Caer Sws.

Naquela noite houve um banquete. Duvido que Cuneglas se sentisse muito inclinado a acolher amigavelmente Guinevere, mas ele era um homem paciente e sensato que, ao contrário do seu pai, não encarava como ofensa todas as hipotéticas manifestações de descortesia. Por isso tratou Guinevere como uma rainha. Serviu-lhe vinho, comida e inclinou a cabeça

para conversar com ela. Artur estava sentado do outro lado de Guinevere, irradiando satisfação. Era sempre a imagem da felicidade quando estava com a sua Guinevere e deve ter sentido um prazer genuíno ao vê-la ser tratada com tanta cerimónia, precisamente no mesmo palácio onde a entrevistara pela primeira vez, no meio dos simples, perdida no fundo da multidão.

Artur concentrava quase todas as suas atenções em Ceinwyn. Todos os que estavam presentes no salão sabiam que ele a desprezara em tempos, desfazendo o noivado entre ambos para casar com a arruinada Guinevere. Muitos dos homens de Powys haviam jurado que jamais perdoariam Artur por essa humilhação, embora Ceinwyn o tivesse feito e o demonstrasse agora de modo bastante óbvio. Sorria para ele, descansava uma mão no braço dele e inclinava-se até ficar bem perto dele. Mais tarde, no decorrer dos festejos, quando o hidromel já havia diluído todas as antigas hostilidades, o rei Cuneglas tomou a mão de Artur, depois a de sua irmã e uniu as duas entre as suas debaixo dos aplausos de todos os convivas, que ao testemunhar aquele gesto de paz, davam largas à sua alegria. Um insulto antigo era assim anulado.

Instantes depois, em mais um gesto simbólico, Artur tomou a mão de Ceinwyn e conduziu-a até um assento que fora deixado vago ao lado de Lancelote. Nova aclamação. Vi, com o rosto impassível, quando Lancelote se levantou para receber Ceinwyn e depois se sentou ao lado dela e lhe serviu um pouco de vinho. Tirou uma pesada pulseira de ouro do seu pulso e ofereceu-lha e embora Ceinwyn tivesse feito menção de recusar a generosa oferta, acabou por enfiá-la no braço, onde o ouro cintilou à luz das velas. Os guerreiros espalhados pelo pavimento do salão pediram para ver a pulseira e Ceinwyn ergueu timidamente o braço para exibir o pesado aro de ouro. Fui o único que não aplaudiu. Deixei-me ficar sentado à medida que o som dos aplausos estrondeava à minha volta e a chuva intensa fustigava a cobertura do telhado. *Ficou deslumbrada*, pensei, *ficou deslumbrada*. A estrela de Powys sucumbira ante a beleza morena e elegante de Lancelote.

Teria abandonado o palácio naquele preciso momento carregando comigo a minha infelicidade para a noite varrida pela chuva, se Merlim não tivesse pisado o chão do salão. No início do banquete sentara-se na mesa principal, mas abandonara-a para se passear entre os guerreiros, detendo-se aqui e ali para escutar uma conversa ou sussurrar qualquer coisa ao ouvido de alguém. O seu cabelo branco estava puxado para trás e apanhado numa trança comprida que ele prendera com uma fita negra, enquanto a longa barba estava entrançada e presa de forma semelhante. O seu rosto, escuro como as castanhas romanas tão apreciadas em Dumnónia, era comprido, sulcado de rugas profundas e perpassado por uma expressão divertida. *Está a preparar alguma travessura*, pensei eu, e encolhi-me no meu lugar para

que ele não me escolhesse como alvo das suas judiarias. Gostava de Merlim como de um pai, mas não estava com disposição para mais enigmas. Queria apenas manter-me tão longe de Ceinwyn e de Lancelote quanto os Deuses me permitissem.

Esperei até julgar que Merlim se encontrava no extremo mais afastado do salão e que poderia sair sem receio que ele me visse, mas justamente nesse instante a sua voz soou no meu ouvido.

— Estavas a esconder-te de mim, Derfel? — perguntou, soltando em seguida um elaborado suspiro ao instalar-se no chão ao meu lado. Gostava de fingir que a sua idade avançada o fragilizara e, numa atitude teatral, massajou os joelhos gemendo ao sentir dores nas articulações. Tirou depois o corno do hidromel que eu segurava na minha mão e esvaziou-o.

— Observa a princesa virgem — disse, indicando Ceinwyn com o corno vazio, — caminhando para o seu terrível destino. Vejamos — coçou os intervalos das tranças da barba enquanto refletia sobre as suas próximas palavras. — Meio mês até ao noivado? Casamento uma semana depois e em seguida uma série de meses até que a criança a mate. Não há qualquer hipótese de que um bebé consiga passar através daquelas ancas estreitas sem a partir ao meio. — Riu. — Seria o mesmo que uma gata dar à luz um boi. Muito desagradável, Derfel. — Olhou-me com atenção, retirando prazer do meu desconforto.

— Julguei — respondi, em tom azedo — que tínheis feito um amuleto da felicidade para Ceinwyn.

— E fiz — disse ele suavemente. — E daí? As mulheres gostam de ter bebés, e se a felicidade de Ceinwyn consiste em ser rasgada em duas metades ensanguentadas para dar à luz o seu primogénito, então o meu amuleto terá funcionado, não é verdade? — Sorriu para mim.

— «Ela nunca subirá alto» — disse eu, citando a profecia de Merlim, a mesma que ele proferira naquele mesmo palácio havia menos de um mês, — «nunca descerá baixo, mas será feliz.»

— Que memória prodigiosa para trivialidades, a tua! O carneiro está péssimo, não achas? Mal cozido, percebes? E nem sequer está quente! Não suporto comida fria. — O que não o impediu de roubar uma porção do meu prato. — Achas que ser rainha da Silúria é subir alto?

— E não é? — perguntei, irritado.

— Oh, pelos Deuses, não. Que ideia absurda! A Silúria é o lugar mais deplorável à superfície da Terra, Derfel. Vales peçados de bichos, praias rochosas e pessoas feias, nada mais. — Estremeceu. — Queimam carvão em vez de madeira e em resultado disso, a maioria dos habitantes é preta como Sagramor. Desconfio que nem sequer sabem o que é lavar-se. — Arrancou um pedaço de cartilagem com os dentes e atirou-o a um dos cães que de-

ambulavam entre os convivas. — Lancelote depressa se cansará da Silúria! Não estou a ver o nosso galante Lancelote capaz de suportar aqueles preguiçosos feios e enegrecidos pelo carvão durante muito tempo. Assim sendo, se sobreviver ao parto, o que eu duvido, a pobre Ceinwyn será abandonada tendo apenas um monte de carvão e um bebé chorão por companhia. Isso será o fim dela! — A perspectiva parecia agradar-lhe. — Já reparaste, Derfel, em como encontramos uma jovem no auge da sua beleza, com um rosto capaz de fazer desaparecer as próprias estrelas dos céus, e um ano mais tarde surpreendêmo-la a tresandar a leite e a excremento de bebé e perguntamos a nós próprios como pudemos tê-la considerado bela? Os bebés fazem isso às mulheres. Por isso olha para ela agora, Derfel, olha para ela agora, pois ela nunca mais voltará a ser tão encantadora.

Estava encantadora, e pior do que isso, parecia feliz. Usava um vestido branco nessa noite e em torno do pescoço trazia uma estrela prateada enfiada numa corrente de prata. Os cabelos dourados estavam presos por um laço prateado e eram igualmente de prata as gotas de chuva que pendiam das suas orelhas. E Lancelote estava tão atraente quanto Ceinwyn, nessa noite. Era considerado o homem mais belo da Bretanha e assim era, caso se gostasse do seu rosto moreno, comprido e magro, quase reptiliano. Estava vestido com um casaco preto às riscas brancas, usava um colar dourado de metal torcido e um aro em ouro prendia os seus longos cabelos negros e oleados, que acompanhavam os contornos do couro cabeludo antes de cair em cascata ao longo das suas costas. A barba, aparada para formar um bico, estava também oleada.

— Ela disse-me — disse eu a Merlim, consciente de que estava a expor em demasia os segredos do meu coração àquele velho perverso — que não está segura quanto a um casamento com Lancelote.

— Bom, é natural que diga isso, não é? — respondeu Merlim despreocupadamente, fazendo sinal a um escravo que levava um prato com carne de porco destinado à mesa principal. Serviu-se de uma mão-cheia de costeletas, que colocou no regaço da sua imunda túnica branca, e começou a chupar cupidamente uma delas. — Ceinwyn — prosseguiu depois de já ter descarnado a quase totalidade da costeleta — é uma tola romântica. Não sei como nem porquê, conseguiu convencer-se a si própria que podia casar com quem quisesse, ainda que só os Deuses saibam por que razão tal ideia cruzaria o espírito de qualquer rapariga! Agora — disse com a boca cheia de carne de porco, — é claro que tudo muda. Ela conheceu Lancelote! A esta altura estará deslumbrada por ele. Talvez nem espere até ao dia do casamento. Quem sabe? Talvez, esta mesma noite, na privacidade dos seus aposentos, ela cubra o malandro. No entanto, é pouco provável que isso aconteça. É uma rapariga muito convencional. — As três últimas palavras

foram proferidas num tom depreciativo. — Come uma costeleta — ofereceu ele. — Já é tempo de estares casado.

— Não há ninguém com quem deseje casar-me — disse eu, mal-humorado. À exceção de Ceinwyn, claro, mas que esperanças poderia eu alimentar perante um rival como Lancelote?

— O casamento nada tem a ver com querer ou não querer — disse Merlim, com desdém. — Artur julgou que sim e vê como ele é um idiota em questões de mulheres! O que tu queres, Derfel, é uma rapariga bonita na tua cama, mas só os idiotas julgam que uma rapariga e uma esposa têm forçosamente de ser a mesma criatura. Artur é de opinião que deverias casar-te com Gwenhwyvach. — O nome dela foi dito num tom des preocupado.

— Gwenhwyvach! — exclamei eu, num tom demasiado elevado. Tratava-se da irmã mais nova de Guinevere, uma rapariga gorda, estúpida e deslavada que Guinevere considerava insuportável. Não tinha qualquer motivo para não gostar de Gwenhwyvach, mas tão-pouco conseguia imaginar-me casado com alguém tão porco, vulgar e infeliz como ela.

— E porque não? — perguntou Merlim fingindo-se ofendido. — É um bom partido, Derfel. O que és tu, afinal, a não ser o filho de um escravo saxão? E Gwenhwyvach é uma princesa genuína. Não tem dinheiro, claro, e é mais feia do que a porca selvagem de Llyffan, mas pensa só em como ela te ficará grata! — Olhou-me de soslaio. — E pensa nas ancas de Gwenhwyvach, Derfel! Não há qualquer perigo de um bebé ficar preso entre elas. Ela cuspirá as pestezinhas como se fossem pevides gordurosas!

Perguntei a mim mesmo se Artur teria de facto sugerido aquele casamento ou se teria sido ideia de Guinevere? O mais certo era que tivesse sido uma lembrança desta última. Fitei-a, envolta em ouro, sentada ao lado de Cuneglas, e a expressão de triunfo do seu rosto era inegável. Estava invulgarmente bela nessa noite. Foi sempre a mulher mais atraente de toda a Bretanha, mas naquela noite chuvosa e festiva em Caer Sws, parecia resplandecente. Talvez isso se devesse à gravidez, mas a explicação mais provável residia no profundo prazer que sentia perante o poder que agora detinha sobre as pessoas que outrora a tinham rejeitado, tratando-a como uma exilada sem recursos. Hoje, graças à espada de Artur, podia dispor dessas pessoas da mesma forma que o marido dispunha dos seus reinos. Guinevere, e eu bem o sabia, era a principal defensora de Lancelote em Dumnónia, fora ela quem obrigara Artur a prometer o trono da Silúria a Lancelote, fora ela, por fim, quem decidira que Ceinwyn deveria ser a noiva de Lancelote. Agora, suspeitava eu, queria castigar-me pela hostilidade que eu demonstrava para com Lancelote, impondo a sua inconveniente irmã como minha noiva.

— Pareces infeliz, Derfel — provocou-me Merlim.

Não cedi à sua provocação.

— E vós, senhor? — perguntei eu. — Estais feliz?

— E isso preocupa-te? — perguntou ele, alegremente.

— Amo-vos, senhor, como um pai — disse eu.

Soltou um assobio ao ouvir as minhas palavras e quase se engasgou com uma lasca de carne de porco, mas ainda ria quando recobrou o fôlego.

— Como um pai! Oh, Derfel, que criatura absurdamente emotiva me saíste. A única razão que me levou a criar-te foi por pensar que os Deuses te consideravam especial, e talvez sejas. Os Deuses, por vezes, escolhem as criaturas mais estranhas para amar. Diz lá, então, filho putativo, o teu amor filial inclui o serviço?

— Que serviço, senhor? — perguntei eu, embora soubesse muito bem o que ele queria. Queria lanceiros que partissem com ele em busca do Caldeirão.

Baixou a voz e aproximou-se ainda mais de mim, ainda que eu duvidasse que algum dos convivas presentes naquele salão ruidoso e embriagado pudesse ouvir a nossa conversa.

— A Bretanha — disse ele — sofre de dois males, mas Artur e Cuneglas apenas reconhecem um deles.

— Os Saxões.

Ele assentiu.

— No entanto, a Bretanha sem Saxões continuará doente, Derfel, pois corremos o risco de perder os Deuses. O Cristianismo está a espalhar-se mais depressa do que os Saxões, e os Cristãos constituem uma ofensa maior para os nossos Deuses do que qualquer saxão. Se não contivermos os Cristãos, os Deuses abandonar-nos-ão por completo, e o que é a Bretanha sem os seus Deuses? Todavia, se protegermos os Deuses e restaurarmos a sua legitimidade na Bretanha, tanto os Saxões como os Cristãos desaparecerão. Estamos a atacar a doença errada, Derfel.

Olhei para Artur que escutava atentamente algo que Cuneglas dizia. Artur não era um homem descrente, mas lidava com as suas crenças de forma pouco séria e na sua alma não havia lugar para ódio em relação aos homens e mulheres que acreditavam noutros Deuses. Mas eu sabia que Artur detestaria ouvir Merlim falar da luta contra os Cristãos.

— E ninguém vos dá ouvidos, senhor? — perguntei a Merlim.

— Alguns sim — respondeu, ressentido. — Poucos, um ou dois. Artur, não. Pensa que sou um velho idiota à beira da senilidade. E tu, Derfel? Também achas que sou um velho tolo?

— Não, senhor.

— E acreditas na magia, Derfel?

— Sim, senhor — disse eu. Tinha visto a magia funcionar, mas também a vira falhar. Era algo difícil, a magia, mas eu acreditava nela.

Merlim inclinou-se ainda mais, aproximando-se do meu ouvido.

— Então vai ao cume do Dolforwyn esta noite, Derfel — sussurrou, — e eu conceder-te-ei o desejo da tua alma.

Um tocador de harpa fez soar a corda que convocava os bardos para a sessão de cânticos. As vozes dos guerreiros esmoreceram quando uma rajada de vento gélido empurrou alguns pingos de chuva para dentro do salão através da porta aberta e fez estremecer as pequenas chamas das velas de sebo e das velas de pavio ensopadas em gordura.

— O desejo da tua alma — tornou a sussurrar Merlim. Todavia, quando olhei para a minha esquerda, ele tinha desaparecido sem que eu soubesse como.

E na noite a trovoada rugia. Os Deuses estavam longe e eu tinha sido chamado ao Dolforwyn.

Abandonei o banquete antes da troca de oferendas, antes que os bardos tivessem começado a cantar e que as vozes dos guerreiros bêbedos se elevassem entoando os sons da obsessiva Canção de Nwyfre. Ouvia a canção muito para trás de mim enquanto descia, sozinho, o vale do rio, onde Ceinwyn me falara da sua visita ao leito de caveiras e da estranha profecia que não fazia sentido.

Usava a minha armadura, mas não levava escudo. Hywelbane, a minha espada, estava comigo e sobre os ombros tinha a minha capa verde. Nenhum homem penetrava na noite de ânimo leve, pois a noite pertencia aos vampiros e aos espíritos, mas eu tinha sido convocado por Merlim e por isso sabia que estava em segurança.

O meu caminho acabou por revelar-se fácil, já que havia uma estrada que seguia para leste das muralhas, na direção da vertente sul das colinas onde se situava Dolforwyn. Era uma caminhada longa, quatro horas na escuridão húmida, e a estrada era negra como breu. Os Deuses, porém, deviam estar interessados em que eu chegasse ao meu destino, pois nem me perdi nem tropecei em quaisquer perigos noturnos.

Sabia que Merlim não podia levar-me muito avanço e embora eu fosse duas vidas mais jovem do que ele, não só não o alcancei como também não o ouvi. Aos ouvidos chegava-me apenas o som esbatido das canções e, mais tarde, quando as notas das melodias se diluíram na noite, escutei o rumor-rejar do rio que corria sobre as pedras, o bater da chuva nas folhas, o grito de uma lebre apanhada por uma doninha e o grito estridente de um texugo chamando pela companheira. Passei por dois acampamentos, onde o bri-

lho ténue das fogueiras espreitava através das aberturas baixas por baixo dos tetos de fetos. De dentro de uma das cabanas soou uma voz masculina chamando em tom de desafio, mas eu respondi-lhe que viajava em paz e ele calou o cão que desatara a ladrar.

Deixei a estrada para ir dar a um carreiro estreito que subia, serpenteante, a encosta de Dolforwyn. Tive medo que a escuridão me afastasse do caminho que seguia sob as copas dos carvalhos frondosos que povoavam a encosta, mas as nuvens de chuva tornaram-se menos compactas para deixar penetrar um luar pálido através da densa folhagem, tornando visível o trilho empedrado que subia pela colina real, na direção do Sol. Ninguém ali vivia. Era um sítio para os carvalhos, as pedras e o mistério.

O trilho ligava o arvoredado ao vasto espaço aberto do cume onde se erguia, solitária, a sala das celebrações e onde o círculo de pedras eretas marcava o local onde Cuneglas fora aclamado. Este cume era o local mais sagrado de Powys. Todavia, durante a maior parte do ano, permanecia deserto, sendo usado apenas para celebrações importantes e em épocas de grande solenidade. Agora, à luz pálida do luar, a sala estava envolta na escuridão e o topo da colina estava, aparentemente, vazio.

Detive-me junto à orla de carvalhos. Uma coruja branca voou sobre a minha cabeça, o seu corpo atarracado roçando apressadamente a crista do meu elmo, adornado com uma cauda de lobo. A coruja era um presságio, mas eu não conseguia saber se esse presságio era bom ou mau e, de súbito, senti-me assustado. A curiosidade atraía-me até este lugar, mas agora eu pressentia o perigo. Merlin não me ofereceria os desejos da minha alma a troco de nada, o que significava que eu estava aqui para fazer uma escolha, uma escolha, suspeitava eu, que não iria querer fazer. De facto, o meu medo era tal que quase virei costas e me encaminhei para o arvoredado envolto na escuridão. Foi então que um latejar na cicatriz da minha mão esquerda me obrigou a permanecer no mesmo lugar.

A cicatriz fora ali colocada por Nimue e sempre que ela latejava, eu sabia que o meu destino tinha escapado a qualquer possibilidade de escolha da minha parte. Estava ligado a Nimue por um juramento. Não podia retroceder.

A chuva parara e as nuvens pareciam agora em farrapos. Um vento frio varria as copas das árvores, mas não chovia. Ainda estava escuro. A madrugada já não devia tardar, mas não se vislumbrava ainda qualquer indício da luminosidade rosada por detrás das colinas a leste. Havia apenas o luar bruxuleante que transformava as pedras do círculo real de Dolforwyn num conjunto de silhuetas prateadas incrustadas na escuridão.

Avancei na direção do círculo de pedras e o bater do meu coração abafava o ruído provocado pelas minhas botas pesadas. No entanto, nin-

guém apareceu e, por instantes, perguntei a mim próprio se se trataria de uma das elaboradas brincadeiras de Merlim. Então, no centro do anel de pedras, onde repousava a única pedra da realeza de Powys, vi um clarão mais brilhante do que qualquer reflexo de luar num rochedo varrido pela chuva.

Aproximei-me com o coração a ribombar, depois penetrei no círculo de pedras e vi o reflexo da Lua numa taça. Uma taça de prata. Uma pequena taça de prata que, conforme pude ver quando me aproximei da pedra real, continha um líquido escuro, banhado pelo luar.

— Bebe, Derfel — disse a voz de Nimue, num sussurro que mal se sobrepunha ao som do vento entre os carvalhos. — Bebe.

Virei-me, procurando-a, mas não consegui ver ninguém. O vento levantou a minha capa e fez saltar a cobertura de colmo do telhado da sala.

— Bebe, Derfel — repetiu a voz de Nimue, — bebe.

Olhei para o céu e rezei a Lleullaw pedindo-lhe que velasse por mim. A minha mão esquerda, que latejava agora com as dores, apertava-se em torno da bainha de Hywelbane. Queria fazer aquilo que era mais seguro e isso, sabia-o, consistia em sair dali e regressar ao calor da amizade de Artur. Todavia, a infelicidade que invadia a minha alma trouxera-me até esta colina fria e agreste e a ideia da mão de Lancelote sobre o pulso delgado de Ceinwyn fez-me baixar os olhos e fitar a taça.

Ergui-a, hesitei, e depois esvaziei-a.

O líquido tinha um sabor amargo que me fez estremecer quando acabei de engolir a última gota. Voltei a colocar, com cuidado, a taça na pedra do rei e o sabor desagradável permanecia na minha boca e garganta.

— Nimue? — chamei em tom quase implorante, mas não tive resposta à exceção do vento soprando entre as árvores.

— Nimue! — tornei a chamar, pois agora sentia a cabeça a andar à roda. As nuvens agitavam-se em negros e cinzentos e a Lua estilhaçava-se em pontos de luz prateada que retalhavam o rio distante e se despedaçavam na escuridão das árvores sinuosas. — Nimue! — chamei, à medida que os meus joelhos cediam e a minha cabeça rodopiava em sonhos lúridos. Ajoelhei aos pés da pedra real que, de súbito, se agigantara e surgia diante dos meus olhos tão grande como uma montanha. Depois caí para a frente e o meu peso era tal que ao esticar o braço fiz voar a taça vazia. Sentia-me enjoado mas não conseguia vomitar, havia apenas sonhos, sonhos terríveis, pesadelos povoados de vampiros soltando gritos estridentes dentro da minha cabeça. Chorava, suave abundantemente e os meus músculos contraíam-se em espasmos incontrolláveis.

Depois, umas mãos agarraram a minha cabeça. O meu elmo foi puxado para cima e uma fronte foi pressionada contra a minha. Era uma testa

branca e fresca e os pesadelos esfumaram-se para serem substituídos pela visão de um longo corpo branco e desnudado, de coxas delgadas e seios pequenos.

— Sonha, Derfel — Nimue tranquilizou-me, afagando-me os cabelos com as duas mãos, — sonha, meu amor, sonha.

Eu chorava descontroladamente. Era um guerreiro, um Senhor de Dumnónia, amado por Artur e a sua dívida para comigo depois da última batalha era de tal modo grande que ele me agraciaria com terras e riquezas com que eu jamais sonhara. E, no entanto, naquele momento chorava como uma criança órfã. O desejo da minha alma era Ceinwyn, mas Ceinwyn estava a deixar-se fascinar por Lancelote e eu julgava que nunca mais poderia conhecer a felicidade.

— Sonha, meu amor — cantarolava Nimue, e deve ter estendido uma capa negra sobre as cabeças de ambos, pois subitamente a noite cinzenta desapareceu e eu fiquei imerso numa escuridão silenciosa com os braços dela a rodear-me o pescoço e o seu rosto colado ao meu. Ajoelhámos, as nossas faces sempre juntas, as minhas mãos estremecendo espasmódica e descontroladamente sobre a pele fresca das suas coxas desnudadas. Deixei que o peso do meu corpo contorcido encontrasse apoio nos ombros magros dela e, aí, entre os seus braços, as lágrimas cessaram, os espasmos serenaram e eu fiquei subitamente calmo. Nenhum acesso de vômito me apertava a garganta, as dores nas pernas tinham desaparecido e eu senti-me quente, tão quente que continuei a transpirar. Permaneci imóvel, não queria mexer-me, mas deixar apenas que o sonho acontecesse.

Começou por ser um sonho maravilhoso, pois era como se me tivessem dado as asas de uma grande águia e eu voava agora muito alto sobre um país que não conhecia. Então vi que se tratava de um país horrível, dilacerado por abismos profundos e altas montanhas feitas de rochedos escarpados, ao longo dos quais pequenos riachos escorriam em cascata e iam morrer em lagos negros e turfosos. As montanhas pareciam não ter fim, ou refúgio, pois à medida que sobrevoava os seus contornos nas asas do meu sonho, não via cavalos, nem abrigos, nem campos, nem rebanhos ou manadas, nem almas, apenas um lobo correndo entre as rochas escarpadas e as ossadas de um veado abandonado numa mata. O céu por cima de mim era tão cinzento como uma espada, as montanhas por baixo tão escuras como sangue seco e o ar sob as minhas asas frio como um punhal enterrado nas costelas.

— Sonha, meu amor — murmurava Nimue, e no sonho as minhas largas asas ajudaram-me a descer o suficiente para distinguir uma estrada serpenteante entre as montanhas escuras. Era uma estrada de terra batida, cortada por rochas, fazendo a ligação entre vales ao longo do seu percurso

cruel, subindo por vezes por passagens sinistras antes de tornar a descer até às pedras descarnadas do leito de mais um vale. A estrada passava à beira de lagos negros, atravessava abismos mergulhados num mar de sombras, contornava colinas cobertas de neve, mas seguia sempre para norte. Porquê para norte, não sabia, mas este era um sonho em que o conhecimento não necessita de explicações.

As asas do sonho baixaram-me até à superfície da estrada e, de súbito, deixei de voar para passar a caminhar estrada acima na direção de uma passagem estreita entre as colinas. As encostas, em ambos os lados da passagem eram lajes íngremes em ardósia negra por onde escorria água. Todavia, algo me dizia que a estrada acabava logo depois do desfiladeiro escuro e que se eu conseguisse forçar as minhas pernas cansadas a andar mais um pouco, poderia atravessar o cume e encontrar o desejo da minha alma no extremo mais afastado.

Respirava agora com dificuldade, por arfadas angustiadas enquanto, no sonho, percorria o pouco que me restava para chegar ao fim do caminho quando, de súbito, chegado ao cimo, vi luz, cor e calor.

De facto, a estrada começava a descer continuando para além da passagem até uma zona costeira onde havia árvores e campos. Para lá da costa via-se o mar cintilante onde havia uma ilha e nesta, resplandecendo sob o Sol inesperado, um lago.

— Aí está! — exclamei eu em voz alta, pois sabia que a ilha era a minha meta. Todavia, no preciso momento em que parecia que me tinham concedido energias redobradas para percorrer os últimos metros de estrada e mergulhar naquele mar banhado pelo Sol, um vampiro atravessou-se no meu caminho. Era uma coisa negra metida dentro de uma armadura preta e da sua boca saíam limos negros. Na mão que terminava numas garras negras segurava uma espada com uma lâmina negra duas vezes mais comprida do que Hywelbane. Gritou, lançando-me um desafio.

Gritei também e o meu corpo ficou rígido entre os braços de Nimue.

Os braços dela apertaram-se em torno dos meus ombros.

— Viste a Estrada Sombria, Derfel — sussurrou ela, — viste a Estrada Sombria.

De súbito afastou-se de mim, a capa foi arrancada das minhas costas e eu caí para a frente sobre a erva húmida do Dolforwyn enquanto o vento frio uivava à minha volta.

Fiquei ali deitado durante longos minutos. O sonho terminara e perguntei a mim mesmo o que é que a Estrada Sombria teria a ver com o desejo da minha alma. Em seguida fiz um movimento brusco e comecei a vomitar. Depois disso, as ideias voltaram a ficar claras na minha cabeça e eu vi a taça prateada caída a meu lado. Peguei nela, endireitei-me e vi que

Merlim me observava do canto mais afastado da pedra real. Nimue, sua amante e sacerdotisa, estava a seu lado, o corpo magro envolto numa ampla túnica negra, o cabelo preto preso por uma fita e o olho dourado a brilhar à luz da Lua. O olho daquela órbita tinha sido alvo da cobiça de Gundleus, e por isso ele fora obrigado a pagar um preço mil vezes superior.

Nenhum deles falou, apenas me observavam enquanto eu cuspi o último vômito, limpava os lábios, abanava a cabeça e tentava pôr-me de pé. O meu corpo ainda estava fraco, ou então era a cabeça que continuava a andar à roda, pois não conseguia levantar-me. Em vez disso, ajoelhei-me ao lado da pedra e apoiei-me nos cotovelos. Breves espasmos ainda me provocavam convulsões de tempos a tempos.

— O que me obrigastes a beber? — perguntei, tornando a colocar a taça prateada sobre a pedra.

— Não te obriguei a beber nada — respondeu Merlim. — Bebeste por tua livre e espontânea vontade, Derfel, do mesmo modo que vieste até aqui por tua livre e espontânea vontade. — A sua voz, tão maliciosa no castelo de Cuneglas, soava agora fria e distante. — Que viste tu?

— A Estrada Sombria — respondi, obediente.

— Ali está ela — disse Merlim apontando para norte, na noite escura.

— E o vampiro? — perguntei.

— É Diwrnach — respondeu ele.

Fechei os olhos, pois agora sabia o que ele queria.

— E a ilha — disse, abrindo de novo os olhos — é Ynys Mon?

— Sim — disse Merlim. — A Ilha Abençoada.

Antes da chegada dos Romanos e antes mesmo que alguém sonhasse com a existência dos Saxões, a Bretanha era governada pelos Deuses, que comunicavam connosco de Ynys Mon. A ilha, porém, fora saqueada pelos Romanos, que tinham abatido os carvalhos, destruído os seus bosques sagrados e massacrado os seus guardiões, os druidas. O Ano Negro ocorrera mais de quatrocentos anos antes desta noite, mas Ynys Mon era ainda território sagrado para os poucos druidas que, tal como Merlim, tentavam fazer com que os Deuses regressassem à Bretanha. Agora, porém, a Ilha Abençoada fazia parte do reino de Lleyrn, e Lleyrn era governada por Diwrnach, o mais terrível de todos os reis irlandeses, que atravessara o mar da Irlanda para invadir e dominar a Bretanha. Dizia-se que Diwrnach pintava os seus escudos com sangue humano. Não havia em toda a Bretanha rei mais cruel ou mais temido e apenas as montanhas que o cercavam e a pequenez do seu exército o impediam de espalhar o seu reino de terror para sul através de Gwynned. Diwrnach era uma besta que não podia ser morta; uma criatura que permanecia à espreita nos recantos obscuros da Bretanha e, mediante um acordo comum, ninguém o provocava.

— Quereis — disse eu a Merlim — que eu vá até Ynys Mon?
— Quero que venhas connosco até Ynys Mon — disse ele, indicando Nimue. — Connosco e com uma virgem.

— Uma virgem? — perguntei.

— Porque só uma virgem, Derfel, pode encontrar o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. E nenhum de nós, julgo eu, corresponde a este requisito — acrescentou estas últimas palavras sarcasticamente.

— E o Caldeirão — disse eu, lentamente — está em Ynys Mon.

Merlim assentiu com um movimento de cabeça e eu estremeci ao pensar em tal empresa. O Caldeirão de Clyddno Eiddyn era um dos Treze Tesouros Mágicos da Bretanha que tinham sido dispersos quando os Romanos arrasaram Ynys Mon, e a última ambição da longa vida de Merlim era conseguir reunir os Tesouros, embora o Caldeirão fosse o seu verdadeiro prémio. Com o Caldeirão, alegava ele, poderia controlar os Deuses e destruir os Cristãos, razão pela qual, com um gosto amargo na boca e o estômago atacado pela acidez, eu me encontrava ajoelhado no cimo de uma colina húmida em Powys.

— A minha missão — disse eu a Merlim — é lutar contra os Saxões.

— Louco! — disse Merlim com brusquidão. — A guerra contra os Sais está perdida, a não ser que recuperemos os Tesouros.

— Artur não é dessa opinião.

— Então Artur é tão louco como tu. Que importância têm os Saxões, estúpido, quando os nossos Deuses nos abandonarem?

— Jurei prestar serviço a Artur — protestei.

— Agora estás ligado ao meu chamamento também — disse Nimue, erguendo a mão esquerda para exibir uma cicatriz igual à minha.

— Mas não quero um homem na Estrada Sombria — disse Merlim — que não venha por sua livre e espontânea vontade. Tens de escolher a quem dedicar a tua lealdade, Derfel, e eu posso ajudar-te a escolher.

Afastou a taça que estava em cima da pedra e no seu lugar colocou uma pilha com os ossos das costeletas que comera no festim de Cuneglas. Ajoelhou-se, pegou num osso e colocou-o no centro da pedra real.

— Isto é Artur — disse — e isto — tirou outro osso — é Cuneglas, e deste — colocou um terceiro osso de modo a que este formasse um triângulo juntamente com os dois primeiros — falaremos mais tarde. Este — depôs um quarto osso atravessado sobre um dos ângulos do triângulo — é Tewdric de Gwent, e isto é a aliança entre Artur e Tewdric e isto a sua aliança com Cuneglas.

O segundo triângulo erguia-se então sobre o primeiro e ambos se assemelhavam agora a uma estrela de seis pontas imperfeita.

— Aqui está Elmet — começou a formar a terceira camada que era

paralela à primeira — e aqui a Silúria, e este osso — ergueu o último — representa a aliança entre todos estes reinos. Pronto.

Inclinou-se para trás e fez um gesto na direção da precária torre de ossos que se erguia no centro da pedra.

— Aqui tens, Derfel, o cuidadoso plano de Artur, embora te diga, te assevere, que sem os Tesouros, o plano falhará.

Calou-se. Fitei os nove ossos. Todos eles, à exceção do misterioso terceiro osso, ainda tinham lascas de carne, tendões e cartilagem. Apenas aquele terceiro osso fora completamente chupado. Toquei-o muito ao de leve com o dedo, tomando precauções para não perturbar o frágil equilíbrio da atarracada torre.

— E o terceiro osso, o que é? — perguntei.

Merlim sorriu.

— O terceiro osso, Derfel — disse ele, — é o casamento entre Lancelote e Ceinwyn. — Deteve-se. — Tira-o.

Não me mexi. Tirar o terceiro osso significaria fazer desmoronar a frágil rede de alianças de Artur, a sua melhor, a sua única, para ser mais exato, esperança de derrotar os Saxões.

Merlim riu da minha relutância, em seguida apoderou-se do terceiro osso mas não o soltou.

— Os Deuses detestam a ordem — disse com rispidez. — A ordem, Derfel, é o que destrói os Deuses, por isso eles têm de destruir a ordem. — Puxou o osso para fora e de imediato a pilha de ossos se desmoronou. — Artur tem de reintegrar os Deuses, Derfel — disse Merlim, — se quiser estender a paz a toda a Bretanha. — Estendeu-me o osso. — Leva-o.

Não me mexi.

— É apenas uma pilha de ossos — disse Merlim, — mas este osso, Derfel, é o desejo da tua alma. — Mantinha o osso limpo estendido na minha direção. — Este osso representa o casamento de Lancelote com Ceinwyn. Parte este osso em dois, Derfel, e o casamento nunca se realizará. Mas deixa este osso intacto, Derfel, e o teu inimigo levará a tua mulher para a sua cama e tratá-la-á como um cão. — Tornou a empurrar o osso na minha direção e, mais uma vez, não lhe toquei. — Julgas que o teu amor por Ceinwyn não está estampado no teu rosto? — perguntou Merlim com ironia. — Leva-o! Porque eu, Merlim de Avalon, concedo-te a ti, Derfel, o poder deste osso.

Peguei nele, que os Deuses me perdoem, mas peguei nele. Que outra coisa poderia ter feito? Estava apaixonado e peguei naquele osso limpo e coloquei-o na minha bolsa.

— Não te servirá de nada — Merlim troçou de mim, — a não ser que o quebres.

— Poderá não me servir de nada, seja de que forma for — disse eu, descobrindo por fim que conseguia manter-me de pé.

— És um tolo, Derfel — disse Merlin. — Mas és um tolo que maneja bem a espada e é por isso que preciso de ti, se decidirmos percorrer a Estrada Sombria. — Ergueu-se. — A escolha é tua, agora. Podes partir o osso e Ceinwyn virá ter contigo, prometo-to. Nesse momento, porém, ficarás ajuramentado à demanda do Caldeirão. Ou, então, podes casar com Gwe-nhwyvach e desperdiçar a tua vida demolindo escudos saxões enquanto os Cristãos inventam estratégias para dominar Dumnónia. Deixo esta escolha ao teu cuidado, Derfel. Agora fecha os olhos.

Fechei os olhos e, obedientemente, mantive-os fechados durante muito tempo. Por fim, quando todas as instruções tinham sido dadas, abri-os.

O cimo da colina estava vazio. Nada ouvira, mas Merlin, Nimue, os oito ossos e a taça prateada tinham desaparecido. A aurora rompia a oriente, os pássaros chilreavam nas árvores e eu tinha um osso descarnado dentro da minha bolsa.

Desci a encosta da colina até chegar à estrada que seguia ao longo do rio. Na minha cabeça, porém, via outra estrada, a Estrada Sombria que conduzia ao covil de Diwrnach, e senti-me assustado.

Passámos a manhã a caçar javalis e quando saíamos de Caer Sws, Artur procurou deliberadamente a minha companhia.

— Saíste cedo ontem à noite, Derfel — cumprimentou ele.

— O meu estômago, senhor — disse eu. Não queria contar-lhe a verdade, dizer-lhe que estivera com Merlim, pois isso levá-lo-ia a desconfiar de que eu ainda não abandonara a ideia da demanda do Caldeirão. Era preferível mentir. — Tive uma indisposição de estômago — expliquei.

Ele riu.

— Nunca percebo por que razão lhes chamamos banquetes — disse ele, — pois mais não são do que uma desculpa para beber.

Parou para esperar por Guinevere, que gostava de caçar e nessa manhã tinha calçado umas botas e vestido um par de calças axadrezadas em pele bem cingidas às suas longas pernas. Escondia a gravidez sob um colete de couro sobre o qual usava uma capa verde. Trouxera consigo uma parelha dos seus adorados galgos escoceses e passou-me as trelas dos mesmos, para que Artur pudesse carregá-la sobre o vau que corria ao lado da velha fortaleza. Lancelote ofereceu a mesma cortesia a Ceinwyn, que soltou um grito de inegável prazer quando Lancelote a tomou nos braços. Ceinwyn também estava vestida com roupas de homem, mas as suas não eram tão justas nem tão finas como as de Guinevere. Ceinwyn tomara provavelmente de empréstimo toda a roupa de caça que o irmão já não queria, e as peças de vestuário largas e demasiado compridas faziam com que se parecesse com um rapazinho, emprestando-lhe um ar juvenil em comparação com a elegância sofisticada de Guinevere. Nenhuma das mulheres tinha lança, mas Boars, primo de Lancelote e seu paladino, carregava uma arma a mais caso Ceinwyn quisesse participar numa matança. Artur insistira para que Guinevere, que estava grávida, não levasse nenhuma arma.

— Tens de ter cuidado, hoje — disse ele quando a pousou no chão, na margem sul do Severn.

— Preocupas-te de mais — disse ela, após o que pegou nas trelas dos galgos, que eu segurava, passou uma das mãos pelos espessos e longos cabelos ruivos e virou-se para Ceinwyn. — Basta que engravides — disse — para que os homens logo pensem que és feita de vidro.

Acertou o seu passo com o de Lancelote, Ceinwyn e Cuneglas, deixando que Artur seguisse a meu lado na direção do vale coberto de folhas onde,

segundo os batedores de Cuneglas, havia caça em abundância. Devíamos ser cinquenta caçadores ao todo, na sua maioria guerreiros, embora um grupo de mulheres tivesse decidido acompanhar-nos e cerca de quarenta criados fechassem o cortejo. Um deles fazia soar um corno a fim de avisar os batedores de caça que se encontravam no extremo mais afastado do vale que era chegada a hora de empurrar a caça para baixo, na direção do rio, enquanto nós erguíamos as nossas longas e pesadas lanças de javali à medida que nos íamos posicionando em linha. Era um frio dia de final de verão, suficientemente frio para que a nossa respiração formasse nuvens de vapor. No entanto, a chuva parara e o Sol brilhava sobre os campos em pousio adornados pela neblina matinal. Artur estava de muito bom humor, deleitando-se com a beleza daquele dia, com a sua juventude e com a perspectiva de uma caçada.

— Mais um festim — disse-me — e depois podes ir para casa e descansar.

— Mais um festim? — perguntei, desencorajado, o espírito toldado pelo cansaço e pelos últimos resquícios do líquido que Merlim e Nimue me tinham dado para beber, fosse ele o que fosse, no cimo de Dolforwyn.

Artur deu-me uma palmada no ombro.

— O noivado de Lancelote, Derfel. Em seguida regressamos a Dumnônia. E atiramo-nos ao trabalho! — Parecia encantado com a perspectiva e cheio de entusiasmo falou-me sobre os seus planos para o inverno que se aproximava. Queria reconstruir quatro pontes romanas que haviam sido destruídas, depois os pedreiros do reino seriam enviados para acabar o palácio real em Lindinis. Lindinis era a cidade romana próxima de Caer Cadarn, o local onde eram realizadas as aclamações reais, e Artur queria fazer dela a nova capital.

— Há demasiados cristãos em Durnovária — disse, embora se apressasse a acrescentar, como era próprio dele, que pessoalmente nada tinha contra os Cristãos.

— Acontece, senhor — disse eu secamente, — que eles têm algo contra vós.

— Alguns sim — admitiu ele. Antes da batalha, quando a causa de Artur parecia irremediavelmente perdida, uma das fações que se opunham a Artur era liderada por cristãos, os mesmos que detinham a guarda de Mordred. A causa próxima da sua hostilidade fora um empréstimo que Artur arrancara à força à Igreja, destinado a financiar a campanha que terminara no Vale do Lugg, empréstimo esse que fizera nascer uma amarga inimizade. *É estranho, pensei eu, como a Igreja prega as virtudes da pobreza, mas nunca perdoa um homem pelo dinheiro que lhe pede emprestado.*

— Queria falar contigo sobre Mordred — disse Artur, explicando o

que o levara a procurar a minha companhia naquela bela manhã. — Dentro de dez anos — continuou, — terá idade suficiente para assumir o trono. Já não falta muito para isso, Derfel, não falta mesmo muito, e é necessário educá-lo bem durante esses dez anos. Tem de aprender a ler e a escrever, a manejar a espada e tem de aprender a ser responsável. — Acenei com a cabeça em sinal de concordância, embora sem qualquer entusiasmo. Mordred, que tinha cinco anos de idade, iria certamente aprender tudo o que Artur desejava que ele aprendesse, mas eu não percebia o que é que isso tinha a ver comigo. Artur pensava de forma diferente.

— Quero que sejas seu protetor — disse ele, apanhando-me de surpresa.

— Eu! — exclamei.

— Nabor está mais preocupado com a sua própria prosperidade do que com o caráter de Mordred — disse Artur. Nabor era o magistrado cristão, atual protetor de Mordred, e fora ele quem conspirara com mais vigor para destruir o poder de Artur; Nabor e, é claro, o bispo Sansum. — E Nabor não é de modo nenhum um soldado — prosseguiu Artur. — Rezo para que Mordred reine em paz, Derfel, mas ele precisa de aprender as artes da guerra, todos os reis precisam, e não me ocorre ninguém melhor do que tu para o treinar.

— Eu não — protestei. — Sou demasiado jovem!

Artur riu perante esta objeção.

— Os jovens devem ser educados pelos jovens, Derfel — disse ele.

Uma trombeta distante soou anunciando que no fundo do vale se iniciara a caçada. Nós, os caçadores, enterrámo-nos no arvoredo passando por cima do emaranhado de roseiras bravas e troncos mortos carregados de fungos. Avançávamos devagar, agora, à espera de ouvir o som aterrador de um javali fazendo estalar os arbustos.

— Além disso — continuei, — o meu lugar é no seio do vosso escudo defensivo, não nos aposentos de Mordred.

— Continuarás a fazer parte do meu escudo defensivo. Julgas que me daria ao luxo de te perder, Derfel? — disse Artur com um sorriso. — Não te quero amarrado a Mordred, quero apenas que ele vá para tua casa. Preciso que ele seja educado por um homem honesto.

Ignorei o elogio e depois pensei, assaltado pela culpa, no osso limpo e intacto que guardava dentro da minha bolsa. *Seria honesto*, cisme, *servir-me da magia para fazer com que Ceinwyn mudasse de ideias?* Fitei-a, e ela olhou na minha direção sorrindo timidamente.

— Não tenho casa — disse eu a Artur.

— Mas em breve terás uma — disse ele. Depois ergueu uma mão e eu gelei, escutando os sons que se faziam sentir à nossa frente. Uma coisa

pesada pisava o chão entre as árvores e ambos nos agachámos, instintivamente, as nossas lanças quase roçando o solo. Foi então que vimos que a besta assustada era um belo veado com um bom par de chifres e quando o animal se afastou, tornámos a descontrair.

— Caçá-lo-emos amanhã, talvez — disse Artur, ao ver o veado a afastar-se. — Deixa os teus galgos darem uma boa corrida esta manhã! — gritou para Guinevere.

Ela riu e desceu a colina vindo ao nosso encontro, os cães exercendo pressão sobre as trelas.

— Isso agrada-me — disse ela. Os seus olhos estavam brilhantes e tinha as faces ruborizadas pelo frio. — A caça é melhor aqui do que em Dumnónia — afirmou.

— Mas a terra não é — contrapôs Artur, dirigindo-se a mim. — Há uma propriedade a norte de Durnovária — continuou — que pertence a Mordred por direito próprio. Tenciono fazer de ti o seu rendeiro. Dar-te-ei outras terras, para os teus, mas poderás construir um castelo nas terras de Mordred e educá-lo aí.

— Conheces a propriedade — disse Guinevere. — É aquela que fica a norte da herdade de Gyllad.

— Sei qual é — disse eu. A propriedade possuía boas terras alagadiças, ideais para sementeiras, e ótimas terras altas para criar carneiros. — Mas não estou certo de saber como educar uma criança — resmunguei. As trombetas soaram alto um pouco mais à frente e os galgos dos batedores de caça latiram. Ao longe, à nossa direita, ouviram-se vivas, sinal de que alguém encontrara uma presa, se bem que a zona do bosque onde nos encontrávamos ainda estivesse vazia. Um pequeno riacho rumorejava à nossa esquerda e à direita trepava a paisagem florestal. As rochas e as raízes torcidas das árvores estavam forradas de musgo.

Artur fez desaparecer os meus medos.

— Não serás tu quem educará Mordred — disse ele, — mas quero que ele seja educado em tua casa, na companhia dos teus criados, segundo as tuas maneiras, a tua moral e os teus juízos.

— E — acrescentou Guinevere, — com a tua mulher.

O estalar de um galho obrigou-me a olhar para o cimo da colina. Lancelote e o primo Bors estavam lá, os dois em frente de Ceinwyn. A haste da lança de Lancelote estava pintada de branco e ele usava botas altas de cabedal e uma capa de pele macia. Voltei a fitar Artur.

— A esposa, senhor — disse eu, — é uma novidade para mim.

Apertou-me o cotovelo, esquecendo a caça ao javali.

— Estou a pensar nomear-te paladino de Dumnónia, Derfel — disse ele.

— É uma honra demasiado elevada para mim, senhor — disse eu, cauteloso. — Além do mais, o paladino de Mordred sois vós.

— O Príncipe Artur — disse Guinevere, pois gostava de o tratar por Príncipe, ainda que ele fosse filho bastardo — já preside ao Conselho. Não pode ser paladino em simultâneo, a não ser que se espere que seja ele a fazer tudo o que há a fazer em Dumnónia.

— É certo, senhora — disse eu. Não era avesso à honra, pois a mesma era elevada, embora tivesse um preço. Em caso de batalha, teria de lutar contra todo e qualquer paladino que se apresentasse para um combate individual, mas em tempo de paz, essa honra traduzir-se-ia em riquezas e num estatuto muito acima da minha condição presente. Já tinha o título de Lorde, bem como os homens condizentes com esse tipo de título e o direito de pintar a minha própria divisa nos escudos desses homens. No entanto estas honrarias eram partilhadas com outros quarenta senhores da guerra de Dumnónia. Como paladino do rei, tornar-me-ia o principal guerreiro de Dumnónia, embora eu não conseguisse ver de que modo é que um homem, fosse ele quem fosse, poderia reclamar esse estatuto enquanto Artur fosse vivo. Ou enquanto Sagramor fosse vivo, de facto.

— Sagramor — disse, cauteloso — é melhor guerreiro do que eu, meu Príncipe. — Na presença de Guinevere não podia esquecer-me de o tratar ocasionalmente por Príncipe, embora este título lhe desagradasse.

Artur demoliu a minha objeção.

— Vou nomear Sagramor Senhor das Pedras — disse ele. — É tudo o que ele quer. — A tutela das Pedras transformaria Sagramor no responsável pela fronteira saxónica e não me era difícil acreditar que o negro Sagramor, pele e olhos escuros, ficaria bem satisfeito com uma nomeação de características tão bélicas. — Tu, Derfel — bateu-me no peito, — serás o paladino.

— E quem — perguntei num tom seco — será a esposa do paladino?

— A minha irmã, Gwenthwyvach — disse Guinevere, olhando-me fixamente.

Senti-me agradecido por ter sido prevenido por Merlim.

— Concedeis-me uma honra demasiado elevada, senhora — disse eu, suavemente.

Guinevere sorriu, satisfeita pelo facto de as minhas palavras implicarem aceitação.

— Alguma vez pensaste vir a casar com uma princesa, Derfel?

— Não, senhora — disse eu. Gwenthwyvach, tal como Guinevere, era de facto uma princesa, uma princesa de Henis Wyren, embora Henis Wyren já não existisse. O infeliz reino chamava-se agora Lley e era governado pelo tenebroso invasor irlandês, o rei Diwrnach.

Guinevere deu um puxão nas trelas para conter a excitação dos cães.

— Podemos celebrar o noivado quando regressarmos a Dumnónia — disse ela. — Gwenhwyvach já deu o seu consentimento.

— Há um impedimento, senhor — disse eu a Artur.

Guinevere tornou a puxar as trelas dos cães desnecessariamente, mas não tolerava qualquer oposição e descarregava a sua frustração nos cães em vez de o fazer sobre mim. Eu não lhe desagradava naquela época, mas ela tão-pouco nutria um sentimento especial por mim. Conhecia a minha aversão a Lancelote e era inegável que esse facto a predispunha contra mim. No entanto, não teria atribuído grande significado aos meus sentimentos de antipatia, pois via-me apenas como mais um dos senhores da guerra do marido; um homem alto, desinteressante, louro como o trigo, desprovido das graciosas e civilizadas maneiras que Guinevere tanto apreciava.

— Um impedimento? — perguntou-me Guinevere, perigosamente.

— Meu Príncipe — disse eu, insistindo em falar com Artur e não com a sua esposa, — estou ligado a uma dama por um juramento. — Lembrei-me do osso que tinha na minha bolsa. — Não tenho quaisquer direitos sobre ela, nem posso esperar nada da sua parte, mas se ela me quiser, serei forçado a aceitá-la.

— Quem? — perguntou de imediato Guinevere.

— Não posso revelar, senhora.

— Quem? — insistiu Guinevere.

— Ele não precisa de o revelar — defendeu-me Artur. Sorriu. — Durante quanto tempo pode esta senhora reclamar a tua lealdade?

— Pouco, senhor — disse eu, — apenas durante mais alguns dias. — Pois uma vez Ceinwyn estando comprometida com Lancelote, eu poderia considerar sem validade o juramento que lhe fizera.

— Muito bem — disse ele energicamente e sorriu a Guinevere como se pretendesse convidá-la a partilhar o prazer que ele sentia. Guinevere, porém, franziu o sobrolho. Detestava Gwenhwyvach, considerando-a sem graça e maçadora e queria casar a irmã a toda a força para que esta saísse da sua vida.

— Se tudo correr bem — disse Artur, — poderás casar em Glevum ao mesmo tempo que Lancelote desposar Ceinwyn.

— Ou será que estás a pedir esses poucos dias que faltam — perguntou Guinevere, com acidez, — para inventar motivos para não te casares com a minha irmã?

— Senhora — reagi, sério, — seria uma honra para mim desposar Gwenhwyvach. — Esta, era, creio eu, a pura verdade, pois Gwenhwyvach revelar-se-ia certamente uma esposa honesta. Agora, saber se eu daria um bom marido era outra questão, já que o único motivo que me levaria a casar com Gwenhwyvach seriam o elevado estatuto social e a grande riqueza que

ela traria no dote. Estes, contudo, eram para a maioria dos homens o objetivo primordial do casamento. E se eu não podia ter Ceinwyn, que importância tinha a pessoa com quem viesse a casar? Merlim sempre nos advertira para não confundirmos amor com casamento e apesar do cinismo do conselho, ele continha também um quê de verdade. Ninguém esperava que eu amasse Gwenhwyvach, apenas que me casasse com ela, e a sua posição social e riqueza seriam as minhas recompensas por ter lutado durante todo aquele longo e sangrento dia, no Vale do Lugg. Ainda que maculadas pelas zombarias de Guinevere, estas recompensas não deixariam de constituir um belo presente.

— Desposarei a vossa irmã com prazer — prometi a Guinevere, — desde que a dona do meu juramento nada me reclame.

— Rezo para que não o faça — disse Artur com um sorriso, virando-se subitamente quando um grito soou no alto da colina.

Bors estava agachado, segurando a lança. Lancelote estava a seu lado, mas olhava para a base da colina, na nossa direção, preocupado talvez com a possibilidade de o animal poder esgueirar-se pela abertura que havia entre nós. Gentilmente, Artur fez recuar Guinevere e, com um gesto, indicou-me que subisse a colina e tapasse a abertura.

— São dois! — gritou Lancelote.

— Um deverá ser uma porca — replicou Artur correndo alguns passos rio acima antes de iniciar a subida da colina. — Onde? — perguntou. Lancelote apontou o sítio com a sua lança branca, mas eu continuava sem distinguir nada no meio dos arbustos.

— Ali! — disse Lancelote, petulante, picando um emaranhado de roseiras bravas com a ponta da lança.

Artur e eu subimos mais alguns metros e então conseguimos finalmente ver o javali bem escondido no matagal. Era um animal enorme e velho com dois dentes amarelos, olhos pequenos e boças de músculo sob a pele escura e cheia de cicatrizes. A massa muscular permitia-lhe mover-se à velocidade da luz e enterrar os dentes aguçados com uma perícia fatal. Todos nós já víramos homens morrerem em consequência de feridas provocadas por dentadas de javali e nada tornava um javali mais perigoso do que ser encurralado por uma porca. Todos os caçadores rezavam para que um javali atacasse em campo aberto, permitindo-lhes assim aproveitar a velocidade e a corpulência do animal para enterrar a lança no seu corpo. Um confronto como este exigia sangue-frio e perícia, mas não tanto sangue-frio como aquele que era necessário quando um homem tinha de atacar frontalmente o javali.

— Quem o viu primeiro? — perguntou Artur.

— O meu Rei e Senhor. — Bors indicou Lancelote.

— É vosso, então, meu Rei. — Graciosamente, Artur cedeu a Lancelote a honra da matança.

— Ofereço-vos, senhor — respondeu Lancelote. Ceinwyn estava de pé atrás dele, mordendo o lábio inferior de olhos muito abertos. Pegara na lança sobressalente que pertencia a Bors, não porque tivesse esperanças de se servir dela mas para o aliviar daquele fardo, e agora segurava a arma nervosamente.

— Atiça-lhe os cães! — Guinevere juntou-se a nós. Os seus olhos brilhavam e o seu rosto estava animado. Julgo que ela se sentia entediada dentro dos grandes palácios de Dumnónia e o terreno de caça proporcionava-lhe a excitação por que tanto ansiava.

— Vais perder os dois cães — advertiu Artur. — Este porco sabe lutar. — Avançou com cuidado, avaliando qual seria a melhor forma de provocar o animal. Em seguida deu alguns passos enérgicos em frente e bateu vigorosamente nos arbustos com a lança, como se assim quisesse oferecer ao javali uma porta de saída do seu refúgio. A besta rugiu, mas não se mexeu, nem mesmo quando a flamejante lâmina da lança lhe rasou o focinho, passando a escassos centímetros de distância. A porca estava atrás do javali, observando-nos.

— Já fez isto antes — disse Artur, feliz.

— Deixai-me apanhá-lo, senhor — disse eu, subitamente ansioso.

— Achas que perdi a habilidade? — perguntou Artur com um sorriso. Agitou de novo os arbustos, mas as roseiras bravas não baixavam e o javali não se movia. — Que os Deuses te abençoem — disse Artur dirigindo-se ao animal, após o que gritou um desafio e mergulhou num emaranhado de espinhos. Saltou para um dos lados do trilho que tão cruamente abrira e, ao fincar os pés no chão, atirou a lança para a frente, apontando a sua lâmina cintilante para o flanco esquerdo do javali.

A cabeça do javali pareceu contrair-se. Foi uma contração ligeira, mas suficiente para desviar a lâmina da lança de um dos dentes, rasgando a pele do animal e abrindo uma ferida inofensiva ao longo de um dos flancos. Em seguida, atacou. Um bom javali pode passar da imobilidade total à loucura instantânea, cabeça apontada para o chão e dentes preparados para investir em sentido ascendente. O animal encontrava-se já fora do alcance da ponta da lança de Artur no momento da investida, fazendo com que ele ficasse preso no silvado.

Dei um grito no intuito de distrair o javali e enterrei a minha própria lança na sua barriga. Artur estava caído no chão, de costas, a lança caída e o javali sobre o seu corpo. Os cães uivaram e Guinevere gritou por ajuda. A minha lança penetrara fundo na barriga do animal e o seu sangue jorrava para as minhas mãos à medida que eu levantava a lança como se fosse

uma alavanca, a fim de afastar o animal ferido de cima do meu senhor. A criatura pesava mais do que dois sacos cheios de sementes, e a sua musculatura fazia lembrar cordas de ferro torcendo a minha lança. Segurei-a com firmeza e dei um puxão. Nesse momento, porém, a porca investiu e fez-me perder o equilíbrio. Caí e o meu peso pressionou a haste da lança para baixo fazendo com que o javali se encavalitasse de novo sobre a barriga de Artur.

Sem que se soubesse como, Artur conseguira agarrar os dois dentes do animal e, apelando a todas as suas forças, empurrava agora a cabeça para longe do seu peito. A porca desapareceu, precipitando-se colina abaixo na direção do riacho.

— Mata-o! — gritou Artur, embora ainda conseguisse esboçar um meio sorriso. Estava a escassos centímetros da morte, mas estava a adorar o momento. — Mata-o! — repetiu. As patas traseiras do javali agitavam-se e a sua saliva salpicava o rosto de Artur, cujas roupas estavam ensopadas no sangue do animal.

Eu estava deitado de costas, o rosto dilacerado pelos espinhos. Pus-me de pé atabalhoadamente e tentei alcançar a minha lança que se contorcia e agitava ainda enterrada na barriga daquele enorme brutamontes. Nesse momento, porém, Bors espetou uma faca no pescoço do javali e eu vi quando a imensa força do animal começou a diminuir enquanto Artur conseguia forçar a cabeça compacta, malcheirosa e ensanguentada a afastar-se das suas costelas. Agarrei na minha lança e torci a lâmina, procurando o sangue vital do animal escondido bem no fundo das suas entranhas enquanto Bors o esfaqueava uma segunda vez. De súbito, o javali urinou para cima de Artur, desferiu um último golpe desesperado com o seu pescoço enorme e, depois, sucumbiu abruptamente. Artur estava empapado no sangue e urina do animal, soterrado como estava debaixo do seu corpo.

Cautelosamente, soltou os dentes do javali e depois desfez-se numa gargalhada descontrolada. Bors e eu agarrámos em cada um dos dentes e, com um impulso concertado, levantámos o corpo e afastámo-lo de cima de Artur. Um dos dentes ficou preso no colete de Artur, rasgando o tecido no momento em que o retirávamos. Pousámos o animal sobre o matagal e ajudámos Artur a levantar-se. Ficámos os três de pé a sorrir, com as roupas enlameadas, rasgadas e cobertas de folhas, raízes e do sangue do javali.

— Vou ficar com uma nódoa negra aqui — disse Artur dando uma palmada no peito. Virou-se para Lancelote, que permanecera imóvel durante a refrega.

Após uma brevíssima pausa, Artur inclinou a cabeça.

— Agraciastes-me com uma nobre oferenda, meu Rei — disse ele, — e eu aceitei-a da forma mais ignóbil. — Limpou os olhos. — Mas apesar de tudo, gostei. E havemos de desfrutá-lo na tua festa de noivado. — Olhou

para Guinevere e vendo-a pálida, quase trémula, dirigiu-se imediatamente para ela:

— Estás doente?

— Não, não — disse ela, enlaçando-o e descansando a sua cabeça no peito ensanguentado do marido. Estava a chorar. Era a primeira vez que eu a via chorar.

Artur fez-lhe uma festa nas costas.

— Não houve qualquer perigo, meu amor — disse ele, — nenhum perigo. Só transformei a matança num picado de carne.

— Estás ferido? — perguntou Guinevere, afastando-se dele e limpando as lágrimas.

— São só arranhões. — O rosto e as mãos estavam dilaceradas pelos espinhos, mas não havia outras mazelas, à exceção da nódoa negra provocada pelo dente do javali. Afastou-se dela, pegou na lança e gritou: — Há uma dúzia de anos que ninguém me atirava ao chão daquela maneira!

O rei Cuneglas chegou a correr, preocupado com os seus convidados, e os batedores de caça apareceram logo em seguida para levar dali o corpo. Todos eles devem ter-se apercebido da discrepância entre as roupas imaculadas de Lancelote e o estado de desalinho em que nós nos encontrávamos, mas ninguém fez qualquer comentário. Estávamos todos excitados, satisfeitos por termos sobrevivido e ansiosos por partilhar a história em que Artur afastara a fera bruta do seu corpo, segurando-a pelos dentes. A história espalhou-se e as gargalhadas dos homens soaram alto entre as árvores. Lancelote era o único que não se ria.

— Agora temos de encontrar um javali para si, meu Rei e Senhor — disse-lhe eu. Estávamos a poucos passos de distância da multidão excitada que se juntara para ver os batedores de caça tirar as vísceras ao javali e arranjar assim uma boa refeição para os cães de Guinevere.

Lancelote mirou-me de soslaio com olhos avaliadores. Detestava-me tanto quanto eu o detestava a ele, mas inesperadamente sorriu.

— Um javali — disse — seria melhor do que uma porca, julgo eu.

— Uma porca? — perguntei, pressentindo um insulto.

— A porca não vos atacou? — perguntou ele e depois abriu muito os olhos francos. — Certamente não pensais que eu estava a referir-me ao vosso casamento! — Presenteou-me com uma vénia irónica. — Não posso deixar de vos felicitar, Lorde Derfel! Pelo casamento com Gwenhwyfach!

Contive a raiva com todas as minhas forças e fiz um esforço para fitar o seu rosto zombeteiro com a sua barba delicada, olhos escuros e longos cabelos oleados tão escuros e brilhantes como asas de corvo.

— E eu devo felicitar-vos, meu Rei e Senhor, pelo vosso noivado.

— Com *Seren* — disse ele, — a estrela de Powys.

Olhou para Ceinwyn, que permanecia de pé com as mãos no rosto enquanto os punhais dos caçadores iam rasgando as longas pregas dos intestinos do javali. Parecia tão jovem, com o seu cabelo brilhante puxado para a nuca.

— Não é encantadora? — perguntou-me Lancelote numa voz que soava como o ronronar de um gato. — Tão vulnerável. Nunca acreditei nas histórias que contavam sobre a sua beleza, pois quem esperaria encontrar uma joia como esta entre as crias de Gorfyddyd. Mas é bela e eu sou um homem muito afortunado.

— Sois, sim, meu Rei e Senhor.

Riu e virou-se. Era um homem no auge da sua glória, um rei que vinha buscar a sua noiva e era também meu inimigo. Eu, porém, tinha o osso dele dentro da minha bolsa. Toquei-a, preocupado em saber se a luta com o javali tinha partido a costeleta. Esta, no entanto, estava intacta, escondida ainda, esperando apenas os desígnios da minha vontade.

Cavan, o meu segundo-comandante, chegou a Caer Sws na véspera do noivado de Ceinwyn acompanhado de quarenta dos meus lanceiros. Galaad mandara-os regressar, concluindo que o seu trabalho na Silúria poderia ser terminado pelos outros vinte homens que lá ficavam. Os habitantes da Silúria, segundo parece, tinham aceitado tristemente a derrota do seu país e não se tinha verificado qualquer agitação quando as notícias da morte do seu rei se espalharam, tão-só uma dócil submissão às exigências dos vitoriosos. Cavan disse-me que Oengus de Demétia, o rei irlandês que possibilitara a vitória de Artur no Vale do Lugg, reivindicara a parte que lhe cabia em escravos e tesouros, roubados mais uma vez, e partira deixando para trás os Silurianos nitidamente felizes pelo facto de o famoso Lancelote ser agora o seu rei.

— Suponho que o patife será bem acolhido — disse Cavan quando me encontrou no castelo de Cuneglas, onde eu tinha estendido o meu cobertor e comia as minhas refeições. Coçou um piolho que passeava pela sua barba. — Um lugar sujo, a Silúria.

— Geram bons guerreiros — disse eu.

— Lutar para fugir à pátria; nada que me surpreenda. — Fungou. — O que é que vos arranhou o rosto, senhor?

— Espinhos. Uma luta com um javali.

— Julguei que talvez tivésseis casado enquanto eu estava distraído — disse ele — e que esse tinha sido o presente de casamento dela.

— Vou casar-me em breve — disse-lhe no momento em que saíamos do salão em direção ao sol de Caer Sws e contei-lhe a proposta de Artur,

que pretendia fazer de mim paladino de Mordred e seu cunhado. Cavan recebeu as notícias da minha prosperidade iminente com grande satisfação, pois era um irlandês condenado ao exílio que procurara transformar o seu talento para manusear a lança e a espada em fortuna, na Dumnónia de Uther. No entanto, esta fortuna teimava de certo modo em iludi-lo. Tinha o dobro da minha idade, era um homem atarracado, de ombros largos, barba grisalha e com umas mãos cobertas pelos anéis típicos dos guerreiros, que forjávamos a partir das armas dos inimigos derrotados. Estava feliz pelo facto de o meu casamento significar ouro e deu provas de muito tato no que se referia à noiva que traria esse metal.

— Não é uma beldade como a irmã — disse ele.

— É certo — admiti.

— Na verdade — disse ele, abdicando do tato, — é feia como um saco de sapos.

— Não tem de facto nenhuma beleza especial — acedi.

— Mas são as menos bonitas que fazem as melhores esposas, senhor — declarou ele, que nunca tinha sido casado mas que tão-pouco era um homem solitário. — E ela vai trazer prosperidade para todos nós — acrescentou feliz; esta era obviamente a razão que me levava a casar com a infeliz Gwenhwyvach. O meu bom senso não podia depositar qualquer tipo de fé na costeleta de porco que guardava dentro da minha bolsa, e o meu dever para com os meus homens era recompensá-los pela sua lealdade, recompensas estas que tinham escasseado durante o ano anterior. Tinham perdido virtualmente tudo o que possuíam com a queda de Ynys Trebes e em seguida tinham combatido contra o exército de Gorfyddyd, no Vale do Lugg. Agora estavam cansados, mais pobres, e não havia homens que merecessem mais da parte do seu amo e senhor do que eles.

Saudei os meus quarenta homens, que esperavam indicações para se instalarem. Senti-me contente ao ver Issa no meio deles, já que ele era o melhor dos meus lanceiros: um moço de lavoura, dotado de uma força imensa e de um otimismo inesgotável, que protegia o meu flanco direito nas batalhas. Abracei-o e depois expressei o meu pesar por não ter oferendas para lhes dar.

— Mas a nossa recompensa está para breve — acrescentei, olhando em seguida para as duas dúzias de raparigas que deviam ter seduzido na Silúria, — ainda que me sinta muito satisfeito por ver que a maioria de vós já encontrou algumas recompensas por iniciativa própria.

Riram. A rapariga de Issa era uma bonita criança de cabelo escuro de talvez catorze verões. Ele apresentou-ma.

— Scarach, senhor — pronunciou o nome dela com orgulho.

— Irlandesa? — perguntei-lhe.

Ela acenou afirmativamente.

— Era uma das escravas de Ladwys, senhor. — Scarach falava a língua da Irlanda, um idioma como o nosso, mas com as diferenças suficientes, como o nome dela por exemplo, para identificar a raça a que pertencia. Supus que tivesse sido capturada pelos homens de Gundleus numa das suas incursões às terras do rei Oengus, na Demétia. A maioria dos escravos irlandeses provinha de povoações situadas na costa ocidental da Bretanha, embora eu suspeitasse que nenhum tivesse alguma vez sido capturado em Lleyrn. Só um louco se aventuraria a penetrar no território de Diwrnach sem ser convidado.

— Ladwys! — disse eu. — Como está ela? — Ladwys fora amante de Gundleus. Era uma mulher alta e morena que Gundleus desposara em segredo, embora estivesse disposto a renegar esta união quando Gorfyddyd lhe oferecera a mão de Ceinwyn.

— Está morta, senhor — disse Scarach alegremente. — Matámo-la na cozinha. Enterrei-lhe um espeto na barriga.

— É boa rapariga — disse Issa, ansiosamente.

— Nota-se — disse eu, — por isso, toma conta dela. — A última rapariga que tivera abandonara-o, trocando-o por um dos missionários cristãos que deambulavam pelos caminhos de Dumnónia. No entanto, duvidava que a temível Scarach incorresse em semelhante loucura.

Nessa tarde, usando alguma da cal armazenada nas arrecadações de Cuneglas, os meus homens pintaram uma nova divisa nos seus escudos. A honra de usar a minha própria divisa fora-me concedida por Artur, na véspera da batalha do Vale do Lugg, mas não houvera tempo para mudar os escudos que, até este momento, tinham ostentado a figura de um urso, o símbolo de Artur. Os meus homens esperavam que eu escolhesse uma máscara de lobo como insígnia, fazendo eco das caudas de lobo que tínhamos começado a usar nos nossos elmos, nas florestas de Benoic. Eu, no entanto, insisti em que cada um de nós pintasse uma estrela de cinco pontas.

— Uma estrela! — resmungara Cavan, desapontado. Pretendia algo feroz, com garras, focinho e dentes, mas eu não abdiquei da estrela.

— *Seren* — disse eu, — pois somos nós as estrelas do escudo defensivo.

A explicação agradou-lhes e ninguém suspeitou do romantismo sem futuro subjacente à minha escolha. Assim, começámos por aplicar uma camada de pez negra sobre as formas arredondadas dos escudos feitos de pau de salgueiro e forrados a pele; em seguida pintámos as estrelas com cal, servindo-nos da bainha de uma espada para manter os extremos direitos. Quando a cal ficou seca, aplicámos uma camada de verniz feito de resina de pinheiro e clara de ovo, que protegeria as estrelas da chuva durante alguns meses.

— Fica diferente — concedeu Cavan de má vontade enquanto admirávamos os escudos depois de pintados.

— Está esplêndido — disse eu, e nessa noite, quando jantava entre o círculo de guerreiros que comiam deitados no chão do palácio, Issa estava perfilado atrás de mim como meu escudeiro. O verniz ainda estava húmido, mas isso só fazia com que a estrela parecesse mais brilhante. Scarach serviu-me. Era uma refeição pobre composta por papas de cevada, mas as cozinhas de Caer Sws não estavam em condições de fornecer uma refeição mais requintada, pois estavam atarefadas com a preparação da grande festa da noite seguinte. Na verdade, todo o palácio estava ocupado com os preparativos para esse acontecimento. O salão tinha sido decorado com ramos de faia vermelhos-escuros, o chão tinha sido varrido e coberto de junco fresco e dos aposentos das mulheres chegavam relatos sobre os vestidos que estavam a ser confeccionados e delicadamente bordados. Pelo menos quatrocentos guerreiros estavam agora hospedados em Caer Sws, instalados na sua maioria em abrigos improvisados nos campos que ficavam do lado de fora das muralhas, enquanto no interior da fortaleza se concentrava uma multidão formada pelas esposas dos guerreiros, crianças e cães. Metade dos homens pertenciam a Cuneglas e a outra metade eram dumnonianos. No entanto, apesar da guerra recente, não se registavam distúrbios, nem sequer quando se espalhou a notícia da queda de Ratae que caíra nas mãos da horda saxónica de Aelle graças à traição de Artur. Cuneglas devia ter desconfiado que Artur comprara a paz a Aelle por esse meio e aceitou o juramento de Artur, quando este lhe prometeu que os homens de Dumnónia vingariam os mortos de Powys que jaziam entre as cinzas da fortaleza capturada.

Não via Merlim ou Nimue desde a noite em que fora ao Dolforwyn. Merlim deixara Caer Sws, mas Nimue, segundo me constara, encontrava-se ainda no interior da fortaleza e estava escondida nos aposentos das mulheres onde, a acreditar nos rumores que corriam, passava muito tempo na companhia da princesa Ceinwyn. Isso parecia-me pouco provável, já que Nimue e Ceinwyn eram muito diferentes uma da outra. Nimue era alguns anos mais velha do que Ceinwyn. Era uma mulher morena e ardente, vacilando eternamente na estreita fronteira que separa a loucura da raiva, enquanto Ceinwyn era loura, suave e, como me dissera Merlim, extremamente convencional. Não conseguia imaginar que alguma delas tivesse muito para dizer à outra, por isso concluí que os boatos eram falsos e que Nimue estaria com Merlim que, julgava eu, partira à procura de homens dispostos a carregarem as suas espadas até aos terríveis domínios de Diwrnach, em busca do Caldeirão.

E eu? Juntar-me-ia a ele? Na manhã do noivado de Ceinwyn, encaminhei-me para norte, na direção dos grandes carvalhos que circundavam

o imenso vale de Caer Sws. Procurava um local em particular e Cuneglas dissera-me onde podia encontrá-lo. Issa, o meu fiel Issa, acompanhou-me, embora não fizesse a mais pequena ideia do motivo que nos levava àqueles bosques densos e escuros.

Esta terra, o coração de Powys, ficara quase incólume à passagem dos Romanos. Estes tinham construído fortes na região, como Caer Sws, e tinham deixado algumas estradas que corriam ao longo dos vales ribeirinhos, mas não se viam grandes *villas* ou cidades como as que existiam em Dumnónia e lhe conferiam o brilho de uma civilização perdida. Aqui, no coração dos domínios de Cuneglas, também não havia muitos cristãos. O culto dos antigos Deuses tinha sobrevivido em Powys sem o rancor que enquinava a religião no reino de Mordred, onde Cristãos e Pagãos rivalizavam pela obtenção de favores reais e pelo direito de erigir os seus santuários em locais sagrados. Nenhum altar romano havia substituído os bosques dos druidas de Powys e nenhuma igreja cristã se erguia sobre os seus poços sagrados. Os Romanos tinham demolido alguns santuários, mas muitos tinham sido preservados e era para um destes locais sagrados antigos que Issa e eu nos dirigíamos sob a penumbra folhosa da floresta batida pelo Sol do meio-dia.

Era um santuário druida, um pequeno bosque de carvalhos perdido nos confins de uma floresta densa. A folhagem suspensa sobre o santuário ainda não se tingira de bronze, mas isso não tardaria a suceder e então as folhas tomariam sobre o baixo muro de pedra disposto em semicírculo no centro do bosque. Dois nichos tinham sido escavados na parede e neles tinham sido colocados dois crânios humanos. Outrora, eram muitos os locais como este em toda a Dumnónia e muitos mais tinham sido reconstruídos depois da partida dos Romanos. Demasiadas vezes, porém, os Cristãos apareciam e partiam os crânios, destruíam os muros feitos de pedras secas e cortavam os carvalhos. No entanto, este santuário de Powys poderia continuar perdido neste denso bosque durante um milhar de anos. Pequenos fios de lã tinham sido enfiados entre as pedras, assinalando assim as orações oferecidas pelos crentes neste bosque.

O silêncio pairava sobre os carvalhos. Era um silêncio pesado. Issa observava-me, desde o arvoredo, enquanto eu caminhava até ao centro do semicírculo, onde desapertei o pesado cinto de Hywelbane.

Depus a espada sobre a pedra lisa que assinalava o centro do santuário e de dentro da minha bolsa tirei o osso branco que me conferia poderes sobre o casamento de Lancelote. Coloquei-o ao lado da espada. Por último, coloquei sobre a pedra o pequeno pregador dourado que Ceinwyn me dera muitos anos antes. Estendi-me sobre a cama de folhas.

Dormi, na esperança de ter um sonho que me dissesse o que havia

de fazer, mas tal não aconteceu. Talvez devesse ter sacrificado um pássaro ou um animal antes de ter adormecido, uma oferenda que pudesse ter incitado uma divindade a conceder-me a resposta que eu procurava. Nenhuma resposta, porém, veio em meu auxílio. Apenas o silêncio. Colocara a minha espada e o poder do osso nas mãos dos Deuses, à guarda de Bel e Manawydan, de Taranis e Lleullaw, mas eles ignoraram as minhas oferendas. Ouvia-se apenas o sussurro do vento entre a folhagem alta, o arranhar das patas dos esquilos nos ramos dos carvalhos e a súbita algazarra de um pica-pau.

Deixei-me ficar deitado, imóvel, quando acordei. Não tivera qualquer sonho, mas sabia o que queria. Queria pegar no osso e parti-lo em dois, e se semelhante gesto implicasse percorrer a Estrada Sombria e penetrar no reino de Diwrnach, paciência. No entanto, queria também que a Bretanha de Artur fosse uma, boa e verdadeira. E queria que os meus homens tivessem ouro, terras, escravos e títulos. Queria expulsar os Saxões de Lloegy. Queria ouvir o alarido que se libertava de um escudo defensivo desfeito e o estridor das trombetas de guerra à medida que um exército vitorioso perseguia e levava o seu inimigo à ruína. Queria marchar com os meus escudos estrelados na direção das planícies a leste que nenhum bretão livre via há uma geração. E queria Ceinwyn.

Sentei-me. Issa viera sentar-se ao meu lado. Deve ter perguntado a si próprio por que razão eu olhava tão fixamente para o osso, mas não fez quaisquer perguntas.

Pensei na pequena e atarracada torre de ossos de Merlim que representava o sonho de Artur e perguntei a mim próprio se aquele sonho se desmoronaria de facto, caso Lancelote não desposasse Ceinwyn. O casamento dificilmente podia ser considerado como o elo que mantinha intacta a aliança de Artur; era apenas uma conveniência destinada a atribuir um trono a Lancelote e garantir a Powys um aliado no interior da casa real da Silúria. Se o casamento nunca viesse a realizar-se, os exércitos de Dumnónia, Gwent, Powys e Elmet não deixariam de marchar contra os Sais. Tudo isso eu sabia, tudo isso era verdade. No entanto, também pressentia que o osso podia de alguma forma abalar o sonho de Artur. No momento em que partisse o osso em dois, estaria a jurar fidelidade à demanda de Merlim, uma demanda que prometia instalar a inimizade em Dumnónia; a inimizade dos antigos pagãos que tanto odiavam a recente religião cristã.

— Guinevere — proferi subitamente o nome em voz alta.

— Senhor? — perguntou Issa, perplexo.

Abanei a cabeça para mostrar que não tinha mais nada a dizer. Na verdade, não era minha intenção pronunciar o nome de Guinevere em voz alta. De súbito, porém, compreendera que o gesto de partir o osso faria

muito mais do que apenas encorajar a campanha de Merlim contra o Deus cristão, também faria de Guinevere minha inimiga. Fechei os olhos. Poderia a esposa do meu senhor ser minha inimiga? E se o fosse? Artur continuaria a amar-me, eu a ele, e as minhas lanças e escudos estrelados tinham mais valor para ele do que toda a fama de Lancelote.

Levantei-me e recuperei o pregador, o osso e a espada. Issa viu-me tirar um fio de lã verde da minha capa, que depus entre as pedras.

— Não estavas em Caer Sws — perguntei-lhe — quando Artur rompeu o noivado com Ceinwyn?

— Não, senhor. Mas ouvi falar nisso.

— Foi durante a festa de noivado — disse eu, — uma festa exatamente igual àquela a que assistiremos esta noite. Artur estava sentado na mesa principal com Ceinwyn a seu lado quando viu Guinevere no fundo do salão. Ela vestia uma capa velha e gasta e tinha os galgos a seu lado. Artur viu-a ali e as coisas nunca mais foram as mesmas. Só os Deuses sabem quantos homens morreram por ele ter visto aquela cabeleira ruiva. — Virei-me para o muro de pedra baixo e reparei que havia um ninho abandonado no interior de um dos crânios forrados de musgo. — Merlim diz que os Deuses amam o caos — disse eu.

— Merlim ama o caos — disse Issa num tom despreocupado, embora as suas palavras contivessem mais verdade do que ele supunha.

— Merlim ama-o, sim — concordei, — mas a maioria de nós teme o caos e é por isso que tentamos impor a ordem. — Pensei na pilha de ossos cuidadosamente ordenada. — Mas quando se tem ordem, não se precisa dos Deuses. Quando tudo está bem ordenado e disciplinado, não há espaço para o inesperado. Quando compreendemos tudo — disse, cuidadoso, — deixa de haver espaço para a magia. E é só no momento em que nos sentimos perdidos e assustados e mergulhados no escuro que invocamos os Deuses, e eles gostam que nós os invoquemos. Fá-los sentir poderosos, e é por isso que eles gostam que vivamos no caos. — Limitava-me a repetir as lições que aprendera na infância, as lições que nos eram dadas no Tor de Merlim. — E agora temos oportunidade de escolher — disse eu a Issa. — Podemos viver na Bretanha bem ordenada de Artur ou podemos seguir Merlim rumo ao caos.

— Eu seguir-vos-ei, senhor, em quaisquer circunstâncias — disse Issa. Não creio que ele tenha compreendido o que eu tinha estado a dizer, mas estava contente por confiar em mim de qualquer maneira.

— Quem dera saber o que fazer — confessei.

Quão fácil seria, pensei, se os Deuses andassem pela Bretanha como antes. Nesses tempos podíamos vê-los, ouvi-los, falar-lhes. Agora, somos como homens de olhos vendados procurando uma agulha num palheiro.

Ajustei a espada na sua posição habitual e depois tornei a meter o osso intacto dentro da bolsa.

— Quero que transmitas uma mensagem aos homens — disse eu a Issa. — Não a Cavan, pois com ele falarei pessoalmente, mas quero que lhes digas que se algo de estranho suceder esta noite, eles estão desobrigados do juramento que me fizeram.

Ele olhou-me, franzindo o sobrolho.

— Desobrigados dos nossos juramentos? — perguntou e depois abanou a cabeça energeticamente. — Eu não, senhor.

Fiz sinal para que se calasse.

— Diz-lhes também — prossegui — que se algo de estranho acontecer de facto, e pode ser que não aconteça, a lealdade ao meu juramento poderá ter como significado lutar contra Diwrnach.

— Diwrnach! — disse Issa. Cuspiu e fez o símbolo para afastar o mal com a mão direita.

— Diz-lhes isto, Issa — disse eu.

— E o que poderá acontecer esta noite, então? — perguntou ele, ansiosamente.

— Nada, talvez — disse eu, — absolutamente nada. — Pois os Deuses não me tinham revelado qualquer sinal no bosque e eu ainda não sabia qual seria a minha escolha. Ordem ou caos. Ou nenhum dos dois, pois talvez o osso mais não fosse do que um resto de comida cozinhada e o facto de o partir fosse apenas o símbolo da destruição do amor que eu próprio sentia por Ceinwyn. Contudo, havia apenas uma forma de o saber, e essa era partir o osso. Se eu ousasse tal feito.

Na festa de noivado de Ceinwyn.

De todas as festas que marcaram aquelas noites de fim de verão, a festa de noivado de Lancelote e Ceinwyn foi a mais sumptuosa. Até os Deuses pareciam favorecê-la, pois a Lua surgiu cheia e clara, o que era um presságio maravilhoso para um noivado. A Lua subiu pouco depois do pôr-do-sol, uma orbe de prata crescente, imensa, sobre os cumes onde ficava Dolforwyn. Perguntara a mim mesmo se a festa decorreria no castelo de Dolforwyn, mas Cuneglas, ao ver o elevado número de bocas que havia para alimentar, decidira circunscrever as celebrações ao interior de Caer Sws.

Havia demasiados convidados para que todos coubessem dentro do salão do rei, pelo que apenas os mais privilegiados foram autorizados a instalar-se entre as suas grossas paredes de madeira. Os restantes sentaram-se no exterior, dando graças aos Deuses por aquela noite seca. O solo ainda estava húmido da chuva que caíra no início da semana, mas havia gran-

de abundância de palha para que os homens arransassem assentos secos. Tochas ensopadas em pez tinham sido amarradas a estacas e, momentos depois de a Lua ter nascido, foram acesas e o recinto real foi subitamente iluminado por chamas tremeluzentes. A cerimónia de casamento seria realizada à luz do dia para que Gwydion, o Deus da Luz, e Belenos, o Deus do Sol, concedessem a sua bênção, mas o noivado estava sob a bênção da Lua. De quando em vez, a fagulha de uma tocha flutuaria até ao solo para pousar num pedaço de palha e logo ressoariam gargalhadas, gritos de criança, latidos de cães e um acesso de pânico até o fogo ser extinto.

Mais de cem homens tinham sido convidados a transpor os muros do palácio de Cuneglas. Grupos de círios e velas de pavio projetavam sombras estranhas e vacilantes nos altos tetos de colmo, onde os pequenos ramos de folhas de faia se misturavam agora com as primeiras bagas de azevinho do ano. A única mesa que havia no salão fora colocada sobre o estrado, debaixo de uma fileira de escudos, cada um dos quais com um círio na base que iluminava a divisa pintada sobre o couro. Ao centro estava o escudo real de Powys, pertença de Cuneglas, com a sua águia de asas abertas, enquanto num dos lados da águia aparecia o urso negro de Artur e no outro o dragão vermelho de Dumnónia. A divisa de Guinevere, um veado coroado pela lua, estava pendurado ao lado do urso, enquanto a águia-marinha de Lancelote voava ao lado do dragão, com um peixe preso entre as garras. Não estava presente nenhum representante de Gwent, mas Artur insistira em que o touro negro de Tewdric fosse pendurado juntamente com o cavalo vermelho de Elmet e a máscara de raposa da Silúria. Os símbolos reais marcavam a grande aliança, a barreira defensiva que repeliria os Saxões para a costa.

Iorweth, o druida supremo de Powys, anunciou o momento em que dava como certo o desaparecimento definitivo dos últimos raios do Sol moribundo no longínquo mar da Irlanda, após o que os convidados de honra ocuparam os respetivos lugares sobre o estrado. Quanto a nós, já estávamos sentados no chão do salão, onde os homens reclamavam uma quantidade do famoso e poderoso hidromel de Powys que fora especialmente preparada para essa noite. Vivas e aplausos acolheram os convidados de honra.

A rainha Elaine foi a primeira a entrar. A mãe de Lancelote estava vestida de azul. Em volta do pescoço trazia uma corrente de ouro de metal torcido e um fio também dourado prendia os caracóis dos seus cabelos grisalhos. Em seguida, uma sonora aclamação recebeu Cuneglas e a rainha Helledd. O rosto redondo do rei irradiava prazer perante a perspectiva das celebrações da noite, em honra das quais atara pequenas fitas brancas aos bigodes balouçantes. Artur vinha sobriamente vestido de negro, enquanto

Guinevere, que o seguia até ao estrado, estava esplêndida, no seu traje de linho ouro pálido. Tinha sido habilidosamente cortado e cosido para que o precioso tecido, tingido com ferrugem e goma, desse a impressão de se colar ao seu corpo alto e direito. A sua barriga mal traía sinais da gravidez e entre os homens espantados ouviu-se um murmúrio de admiração pela sua beleza. Pequenas lascas douradas tinham sido cosidas no tecido do vestido, pelo que o seu corpo parecia reluzir à medida que ela caminhava devagar atrás de Artur até ao centro do estrado. Sorriu ao ver o desejo que sabia que provocava, e que queria provocar, pois nessa noite Guinevere estava empenhada em ofuscar Ceinwyn. Um pequeno aro dourado mantinha os seus cabelos ruivos no devido lugar, um cinto de argolas de ouro rodeava-lhe a cintura e, em honra de Lancelote, um alfinete dourado com uma águia-marinha adornava o pescoço de Guinevere. Beijou as faces da rainha Elaine, depôs outro beijo numa das faces de Cuneglas, inclinou a cabeça perante a rainha Helledd e depois sentou-se à direita de Cuneglas enquanto Artur deslizava para o assento vago ao lado de Helledd.

Sobravam ainda dois lugares, mas antes que qualquer deles fosse ocupado, Cuneglas levantou-se e bateu ao de leve com o punho na mesa. O silêncio desceu sobre os convivas, e no mutismo que entretanto se formou, Cuneglas indicou com um gesto os tesouros dispostos na extremidade do estrado, em frente ao pano de linho que pendia da mesa.

Esses tesouros eram os presentes que Lancelote trouxera para Ceinwyn e a sua magnificência desencadeou uma tempestade de aplausos que ressoou por todo o salão. Todos nós tínhamos inspecionado as oferendas e eu ouvira, irritado, os elogios que os homens iam tecendo à generosidade do rei de Benoic. Havia correntes de ouro, correntes de prata e correntes feitas de uma mistura de ouro e prata. As correntes eram tantas que apenas serviam de base para os restantes presentes. Viam-se espelhos de mão romanos, frascos de vidro romano e pilhas de joias também romanas. Havia ainda colares, pregadores, jarros de água, alfinetes e fivelas. Uma fortuna digna de um rei composta de metal cintilante, esmalte, coral e pedras preciosas. Tudo aquilo, sabia eu, tinha sido retirado de Ynys Trebes em chamas quando Lancelote, desdenhando erguer a sua espada contra os furiosos francos, fugira no primeiro navio que encontrara a fim de escapar ao massacre da cidade.

Os aplausos dirigidos às oferendas ainda ressoavam quando Lancelote entrou em toda a sua glória. Tal como Artur, ele vinha vestido de negro. No entanto, as roupas negras de Lancelote eram adornadas por uma orla feita de um raro tecido dourado. O seu cabelo negro tinha sido oleado e puxado para trás de forma a ficar bem junto ao crânio estreito, colando-se à nuca sem uma única ruga. Os dedos da mão direita cintilavam com anéis

de ouro enquanto a esquerda ostentava os braços anéis de guerreiro, nenhum dos quais, concluí irritado, ganho em batalha. Em torno do pescoço usava uma pesada corrente de ouro rematada por pedras reluzentes e, sobre o peito, em honra de Ceinwyn, exibia o símbolo da família real a que ela pertencia: uma águia de asas abertas. Não trazia armas, já que homem algum fora autorizado a entrar no palácio do rei acompanhado de uma só espada que fosse, mas usava o cinto da espada com que Artur o apresentara. Agradeceu a aclamação erguendo uma das mãos, beijou a mãe, cumprimentou Guinevere com um beijo na mão, fez uma vénia a Helledd e sentou-se.

Um dos assentos continuava vazio. Uma harpista tinha começado a tocar, mas as notas clangorosas que produzia mal se faziam ouvir sobre os ruídos das conversas. O cheiro a carne assada deslizou suavemente para o interior do salão, onde jovens escravas distribuíam jarros de hidromel. Iorweth, o druida, percorria o salão para cima e para baixo em grande azáfama, abrindo um corredor entre os homens sentados no chão coberto de juncos. Afastou os convivas para os lados, saudou o rei com uma vénia depois de ter aberto o corredor e pediu silêncio com um movimento do bastão.

Uma grande saudação irrompeu no seio da multidão que se encontrava no exterior.

Os convidados de honra tinham entrado no salão pela retaguarda, subindo para o estrado vindos diretamente das sombras da noite. Ceinwyn, no entanto, faria a sua entrada através da enorme porta situada em frente ao salão e para chegar a essa porta, teria de caminhar por entre a multidão de convidados que se apinhavam no recinto iluminado por fogueiras. A aclamação que tínhamos acabado de ouvir era o som dos aplausos desses convidados ao vê-la sair dos aposentos das mulheres, enquanto no interior do palácio do rei nós aguardávamos a sua entrada debaixo de um silêncio expectante. Até a harpista afastou os seus dedos das cordas e dirigiu o olhar para a porta.

Primeiro entrou uma criança. Era uma menina vestida de linho branco que caminhava virada de costas ao longo da ala aberta por Iorweth para permitir a passagem de Ceinwyn. A criança ia espalhando pétalas secas de flores primaveris sobre os juncos recentemente dispostos sobre o pavimento. Ninguém falava. Todos os olhares estavam fixos na porta à exceção do meu, que observava o estrado. Lancelote fitava a porta, o rosto iluminado por um meio sorriso. Cuneglas não parava de secar as lágrimas que teimavam em assomar-lhe aos olhos, tão grande era a sua felicidade. Artur, o autor da paz, estava radiante. Só Guinevere não sorria. Exibia apenas uma expressão de triunfo. Em tempos fora objeto de escárnio neste mesmo cas-

telo e agora punha e dispunha da filha do seu senhor, impondo-lhe um casamento.

Eu observava Guinevere enquanto, com a mão direita, tirava o osso de dentro da minha bolsa. A costeleta parecia macia sob os meus dedos e Issa, perfilado atrás de mim com o meu escudo, deve ter perguntado a si mesmo que significado poderia ter para mim aquele resto de comida naquela noite de ouro e fogo, iluminada pela luz da Lua.

Olhei para a enorme porta do salão no preciso instante em que Ceinwyn apareceu e, nos segundos que antecederam a explosão de vivas que ressoou por todo o salão, ouviu-se uma exclamação de admiração. Nem todo o ouro da Bretanha, nem nenhuma das rainhas de outrora poderiam ter ofuscado Ceinwyn naquela noite. Não precisei sequer de olhar para Guinevere para saber que ela tinha sido completamente vencida pela astúcia naquela noite de beleza.

Esta era, eu bem o sabia, a quarta festa de noivado de Ceinwyn. Viera aqui uma vez por Artur, mas ele quebrara o compromisso deixando-se enfeitiçar pelo amor de Guinevere. Em seguida, Ceinwyn ficara noiva de um príncipe da distante Rheged. Este, porém, morrera em consequência de uma febre antes do casamento; depois, ainda não há muito tempo, usara o colar de noivado por Gundleus da Silúria, mas este perecera gritando às mãos cruéis de Nimue. Agora, pela quarta vez, Ceinwyn transportava o colar por um homem. Lancelote dera-lhe um tesouro imenso, mas o costume ditava que ela lhe retribuísse presenteando-o com um vulgar cabresto de boi, significando dessa forma que a partir desse dia se submeteria à autoridade dele.

Lancelote levantou-se quando ela entrou e o meio sorriso converteu-se num olhar de alegria, o que não era de surpreender, já que a sua beleza era arrebatadora. Nos noivados anteriores, tal como convinha a uma princesa, Ceinwyn aparecera envolta em joias e prata, ouro e adornos vários. Esta noite, no entanto, usava apenas um simples vestido branco, cingido por um cordão azul-claro, caído ao longo da saia singela que terminava em borlas. Nem um fio de prata embelezava os seus cabelos, nem o mais pequeno vestígio de ouro cintilava no seu pescoço, não trazia quaisquer joias preciosas, apenas o vestido de linho e, em torno do cabelo louro-claro, uma delicada grinalda azul feita com as últimas violetas estivais. Não calçava sapatos, mas caminhava descalça sobre as pétalas. Não evidenciava sinais de realeza ou quaisquer símbolos de riqueza. Deslocara-se até ao salão vestida de forma tão singela como uma camponesa e conseguira um triunfo. Não era de admirar que os homens suspirassem, não era de admirar que a aplaudissem à medida que ela avançava, lenta e timidamente, por entre os convivas. Cuneglas lacrimejava de felicidade, Artur liderava

as aclamações, Lancelote alisava o cabelo e a mãe dele irradiava alegria e aprovação. Por momentos, o rosto de Guinevere ficou imperscrutável, mas depois abriu-se num sorriso, um sorriso de puro triunfo. Podia ter sido ofuscada pela beleza de Ceinwyn, mas esta ainda não deixara de ser a noite de Guinevere, que via assim a sua velha rival ser entregue a um casamento que ela própria arquitetara.

Vi o sorriso afetado e vitorioso que assomou no rosto de Guinevere e talvez tivesse sido a sua satisfação maldosa que me fez decidir. Ou talvez tivesse sido o ódio que sentia por Lancelote, ou o meu amor por Ceinwyn, ou talvez Merlim estivesse certo e os Deuses amem de facto o caos, pois num súbito acesso de raiva, agarrei o osso com as duas mãos. Não pensei nas consequências da magia de Merlim, no seu ódio pelos Cristãos ou no risco de virmos a acabar todos mortos em plena demanda do Caldeirão, no reino de Diwrnach. Não pensei na ordem prudente de Artur; tinha apenas consciência de que Ceinwyn ia ser entregue a um homem que eu odiava. Eu, como os restantes convivas espalhados pelo salão, estava de pé a observar Ceinwyn por entre as cabeças dos guerreiros. Ela alcançara já o grande pilar central de carvalho do salão principal, onde foi envolvida e cercada pelo feroz estridor dos aplausos e assobios. Eu era o único que me mantinha silencioso. Sem desviar os meus olhos dela, coloquei os meus dois polegares na parte central da costeleta e prendi as extremidades entre os punhos. *Agora, Merlim, pensei, agora, velho patife, deixa-me testar a tua magia.*

Parti a costeleta. O ruído que provocou ao desfazer-se diluiu-se no meio dos aplausos.

Enfiei as duas metades do osso dentro da minha bolsa e juro que quase não sentia o bater do meu coração enquanto observava a princesa de Powys, que saíra da noite com flores no cabelo.

E que nesse momento se deteve subitamente. Parou, mesmo junto ao pilar decorado com bagas e folhas.

Desde que entrara no salão, Ceinwyn não tirara os olhos de Lancelote e assim continuava, o rosto sempre iluminado por um sorriso. No entanto, parou e a sua súbita imobilidade fez com que um silêncio perplexo descesse lentamente sobre o aposento. A criança que espalhava as pétalas franziu o sobrolho e olhou em volta à espera de instruções. Ceinwyn não se mexeu.

Artur, sorrindo ainda, deve ter pensado que ela se deixara dominar pelo nervosismo, pois acenou-lhe encorajadoramente. O cabresto oscilava nas suas mãos trémulas. A harpista fez vibrar uma corda hesitante, depois afastou os dedos da harpa e à medida que as suas notas eram abafadas pelo silêncio, vi uma figura vestida de negro avançar no meio da multidão, do outro lado da coluna.

Era Nimue, cujo olho dourado refletia as chamas que brilhavam no salão estupefacto.

O olhar de Ceinwyn deixou Lancelote para se fixar em Nimue. Em seguida, muito lentamente, ergueu um braço envolto numa manga branca. Nimue segurou na mão dela e olhou para a princesa com uma expressão zombeteira. Ceinwyn parou por uma fração de segundo, depois fez um aceno de consentimento quase impercetível. De súbito, o som de vozes encheu o salão, quando Ceinwyn virou as costas ao estrado e, guiada por Nimue, desapareceu por entre a multidão.

As conversas morreram, pois ninguém conseguia encontrar uma explicação para o que estava a acontecer. Lancelote, que fora abandonado em pé no estrado, limitava-se a olhar. A boca de Artur permanecera aberta enquanto Cuneglas, meio erguido no seu assento, olhava incrédulo enquanto a irmã abria caminho através da multidão que se afastava perante o rosto feroz, marcado e irónico de Nimue. Guinevere parecia estar disposta a matar.

Foi então que o olhar de Nimue se cruzou com o meu e ela sorriu fazendo com que eu sentisse o meu coração bater como o de um animal selvagem enjaulado. Nesse momento, Ceinwyn sorriu para mim e eu deixei de ter olhos para Nimue, apenas conseguia ver Ceinwyn, a doce Ceinwyn, que transportava o cabresto de boi através da multidão de homens na direção do lugar que eu ocupava no salão. Os guerreiros abriram alas, mas eu parecia feito de pedra, incapaz de me mexer ou de falar à medida que Ceinwyn, com os olhos marejados de lágrimas, avançava para mim. Ela nada disse, limitando-se a segurar o cabresto e a estendê-lo na minha direção. Um murmúrio de espanto cresceu à nossa volta, mas eu ignorei as vozes. Em vez disso, caí de joelhos e aceitei o cabresto. Depois segurei as mãos de Ceinwyn e pressionei-as de encontro ao meu rosto que, tal como o dela, estava lavado em lágrimas.

O salão explodiu numa manifestação de fúria, protesto e estupefação, mas Issa permanecia atrás de mim erguendo o meu escudo. Nenhum homem trazia uma arma de lâmina afiada para dentro do palácio de um rei, mas Issa segurava o escudo com a sua estrela de cinco pontas como se estivesse pronto a abater qualquer um que ousasse desafiar aquele momento espantoso. No outro lado, Nimue rogava pragas a todo o salão num tom de voz sibilino, instigando qualquer um dos presentes a desafiar a escolha da princesa.

Ceinwyn estava ajoelhada e o seu rosto estava próximo do meu.

— Fizestes um juramento, senhor — sussurrou ela, — em como me protegeríeis.

— Sim, senhora.

— Liberto-vos desse juramento, se é esse o vosso desejo.

— Nunca — prometi eu.

Ela afastou-se ligeiramente.

— Não me casarei com nenhum homem, Derfel — preveniu-me suavemente, os olhos fixos nos meus. — Dar-vos-ei tudo, exceto o casamento.

— Então dais-me tudo o que eu poderia desejar, senhora — disse eu, com um nó na garganta e os olhos toldados por lágrimas de felicidade. Sorri e devolvi-lhe o cabresto. — É vosso — disse.

Ela sorriu perante o meu gesto, depois deixou cair o cabresto sobre a palha e beijou-me suavemente numa das faces.

— Acho — murmurou-me ao ouvido, maliciosamente — que esta festa correrá melhor sem a nossa presença.

Nesse momento levantámo-nos e, de mãos dadas, ignorando perguntas, protestos e até alguns vivas, encaminhámo-nos para a noite enluarada. Atrás de nós cresceu a confusão e a fúria e à nossa frente estendia-se uma multidão de pessoas perplexas que atravessámos lado a lado.

— A casa por baixo de Dolforwyn — disse Ceinwyn — está à nossa espera.

— A casa que tem as macieiras? — perguntei, recordando o que me dissera sobre a pequena casa com que sonhava quando era criança.

— Essa mesmo — disse ela. Para trás ficara a multidão aglomerada às portas do salão e caminhávamos agora na direção do portão de Caer Sws, iluminado por tochas. Issa juntara-se a mim depois de ter ido buscar as nossas espadas e lanças, e Nimue seguia ao lado de Ceinwyn. Três das servas de Ceinwyn corriam atrás de nós, assim como uma vintena dos meus homens.

— Tendes a certeza disto? — perguntei a Ceinwyn como se de alguma maneira ela pudesse inverter o curso dos últimos minutos e devolver o cabresto a Lancelote.

— Estou mais certa disto — disse Ceinwyn calmamente — do que de qualquer coisa que tenha feito até aqui. — Lançou-me um olhar divertido. — Alguma vez duvidaste de mim, Derfel?

— Duvidei de mim mesmo — disse eu.

Ela apertou a minha mão.

— Não pertenço a homem nenhum — disse ela, — sou apenas senhora de mim mesma. — Depois riu deliciada, largou a minha mão e desatou a correr. As violetas soltavam-se dos seus cabelos à medida que ela corria através da erva, impelida por uma alegria genuína. Corri atrás dela, enquanto nas nossas costas, desde a estupefacta entrada do palácio, Artur chamava por nós pedindo-nos que regressássemos.

Mas nós continuámos a correr. Direitos ao caos.

No dia seguinte peguei numa faca afiada e desbastei as extremidades dos dois pedaços de osso. Em seguida, com muito cuidado, fiz duas incisões estreitas e alongadas nos punhos de madeira de Hywelbane. Issa foi até Caer Sws e trouxe uma porção de grude, que passámos pelo fogo. Quando ficou claro que as duas incisões coincidiam exatamente com a configuração dos fragmentos de osso, enchemos as incisões com o grude e encaixámos os dois fragmentos no punho da espada. Retirámos o excesso de grude e envolvemos os pedaços colados com faixas feitas de tendões, apertando-as bem para que os fragmentos de osso ficassem bem incrustados na madeira.

— Parece marfim — disse Issa com admiração quando o trabalho ficou concluído.

— Pedações de osso de porco — desmenti eu, embora os dois pedaços de osso evocassem realmente o marfim e conferissem a Hywelbane uma aparência distinta. O nome da espada derivava do seu primeiro dono, Hywel, o criado de Merlim que me iniciara no manuseio das armas.

— Mas os ossos têm magia? — perguntou Issa, ansiosamente.

— A magia de Merlim — respondi-lhe, sem adiantar mais explicações.

Cavan veio ter comigo ao meio-dia. Pousou um dos joelhos sobre a relva e curvou a cabeça, mas não falou. Nem precisava de o fazer, pois eu conhecia os motivos da sua vinda.

— És livre de partir, Cavan — disse-lhe. — Liberto-te do teu juramento.

Ele ergueu os olhos e fitou-me. A libertação de um juramento, porém, era algo demasiado difícil para que ele fosse capaz de dizer fosse o que fosse. Sorri-lhe, então.

— Já não és um jovem, Cavan — disse eu, — e mereces servir um senhor que te ofereça ouro e conforto, em vez de uma Estrada Sombria e de uma vida de incertezas.

— Tenho uma cisma, senhor — consegui, finalmente, dizer. — Morrer na Irlanda.

— Para que possas estar com os teus?

— Sim, senhor. Mas não posso regressar como um homem pobre. Preciso de ouro.

— Queima o teu escudo, nesse caso — aconselhei-o.

Sorriu ao ouvir as minhas palavras e em seguida beijou o punho de Hywelbane.

— Sem ressentimentos, senhor? — perguntou, ansioso.

— Nenhuns — disse eu. — E se alguma vez precisares da minha ajuda, avisa-me.

Levantou-se e abraçou-me. Voltaria para servir Artur e levaria com ele metade dos meus homens, já que comigo ficavam apenas vinte. Os restantes, ou temiam Diwrnach ou estavam demasiado sequiosos de riquezas, e eu não podia culpá-los por isso. Tinham conquistado honrarias, anéis de guerreiros e caudas de lobo ao meu serviço, mas pouco ouro. Autorizei-os a manter as caudas de lobo nos elmos, já que as tinham ganho no decurso dos terríveis combates de Benoit. Obriguei-os, porém, a apagar as estrelas recentemente pintadas nos seus escudos.

As estrelas estavam reservadas aos vinte homens que tinham escolhido ficar comigo, e estes eram os mais jovens, os mais fortes e os mais aventureiros de todos os meus lanceiros. Só os Deuses sabem como precisavam de o ser, pois ao fazer estalar o osso, eu tinha-os ligado indissolivelmente à Estrada Sombria.

Não sabia quando seríamos convocados por Merlim, por isso deixei-me ficar à espera na pequena casa para onde Ceinwyn nos levara naquela noite enluarada. A casa ficava situada a norte e a leste do Dolforwyn, num pequeno vale muito escarpado, onde as sombras apenas abandonavam o riacho quando o Sol ia já a meio do seu curso no céu matinal. As encostas íngremes do vale estavam forradas por carvalhos, mas em volta da casa via-se um conjunto de campos minúsculos, cuja disposição fazia lembrar uma manta de retalhos, onde alguém plantara uma vintena de macieiras. A casa não tinha nome, tal como o vale, de resto. Este era apenas conhecido como Cwm Isaf, o Vale Baixo, e era agora a nossa casa.

Os meus homens construíram abrigos entre as árvores, na encosta sul do vale. Não sabia como iria cuidar de vinte homens e das respetivas famílias, pois a pequena quinta de Cwm Isaf mal tinha capacidade para alimentar um rato do campo, quanto mais um bando de guerreiros. Ceinwyn, no entanto, tinha ouro e, tal como ela me prometera, o irmão não nos deixaria morrer à fome. A quinta, dissera ela, tinha pertencido ao seu pai, sendo uma entre as milhares de propriedades arrendadas que tinham alimentado a riqueza de Gorfyddyd. O último arrendatário fora um primo do fabricante de velas de Caer Sws, que falecera antes da batalha do Vale do Lugg, e até ao momento ninguém fora escolhido para o substituir. A casa propriamente dita era muito modesta, consistindo num pequeno retângulo de pedra coberto por um telhado feito de uma espessa camada de palha de centeio

e fetos, que carecia de uma reparação urgente. No interior havia três divisões. Uma delas, a principal, abrigara outrora os poucos animais da quinta. Varrêmo-la e limpámo-la para a transformar num espaço minimamente habitável. As outras duas divisões correspondiam aos quartos de dormir, um para Ceinwyn e outro para mim.

— Prometi a Merlim — dissera ela naquela primeira noite, tentando justificar a existência dos dois quartos de dormir.

Senti uma desagradável sensação de formigueiro espalhar-se pela minha pele.

— O que é que lhe prometeste? — perguntei.

Ela deve ter corado, mas o luar não conseguia penetrar nas profundezas de Cwm Isaf, impedindo-me assim de distinguir o seu rosto. Apenas podia sentir a pressão dos dedos dela entrelaçados nos meus.

— Prometi-lhe — disse, lentamente — que me manteria virgem até encontrarmos o Caldeirão.

Nesse momento comecei a compreender quão subtil fora Merlim. Subtil, perverso e esperto. Precisava de um guerreiro que o protegesse durante a viagem até Lleyl e precisava de uma virgem para encontrar o Caldeirão, por isso manipulara-nos a ambos.

— Não! — protestei. — Tu não podes entrar em Lleyl!

— Só uma virgem pode descobrir o Caldeirão — sussurrou-nos Nimue na escuridão. — Preferias que levássemos uma criança, Derfel?

— Ceinwyn não pode ir para Lleyl — insisti.

— Silêncio — calava-me Ceinwyn. — Eu prometi. Fiz um juramento.

— Sabes o que é Lleyl? — perguntei-lhe. — Sabes o que faz Diwrnach?

— Sei — disse ela — que a viagem até lá é o preço que tenho de pagar para estar aqui contigo. E prometi a Merlim — repetiu ela. — Fiz um juramento.

Foi assim que dormi sozinho naquela noite. Na manhã seguinte, no entanto, depois de termos partilhado um modesto pequeno-almoço na companhia dos nossos lanceiros e criados e antes de eu ter incrustado os fragmentos de osso no punho de Hywelbane, Ceinwyn acompanhou-me num passeio ao longo do ribeiro de Cwm Isaf. Escutou os meus argumentos inflamados contra a sua intenção de percorrer a Estrada Sombria, mas rejeitou-os a todos alegando que se Merlim estava connosco, quem poderia triunfar sobre nós?

— Diwrnach — disse eu, num tom resolutivo.

— Mas tu irás acompanhar Merlim, não é verdade? — perguntou-me.

— Sim.

— Nesse caso, não tentes impedir-me — insistiu. — Estarei contigo, e

tu estarás comigo. — E recusou-se a dar ouvidos a outros argumentos. Não era mulher para se vergar à autoridade de um homem. A sua decisão estava tomada.

Depois, é claro, conversámos sobre os acontecimentos dos últimos dias e as nossas palavras jorraram desordenadas. Estávamos apaixonados, tão enfeitiçados um pelo outro como Artur por Guinevere e não nos cansávamos de querer conhecer os pensamentos e as histórias de ambos. Mostrei-lhe o osso de porco e ela riu quando lhe disse que esperara até ao último momento antes de o partir em dois.

— Na verdade, não sabia se ousaria virar costas a Lancelote — admitiu Ceinwyn. — Desconhecia tudo sobre o osso, claro. Pensei que tivesse sido Guinevere quem me tinha forçado a tomar uma decisão.

— Guinevere? — perguntei, surpreendido.

— Não consegui suportar o seu regozijo. Será que isso faz de mim uma pessoa horrível? Senti-me como se fosse o seu gatinho de estimação e não consegui suportá-lo. — Caminhou em silêncio durante algum tempo. Folhas caíam das árvores, a maioria das quais estavam ainda verdes. Nessa manhã, ao acordar na primeira madrugada que passei em Cwm Isaf, vira uma andorinha levantar voo do telhado. Não voltou e calculei que até à primavera não tornaríamos a ver mais nenhuma. Ceinwyn caminhava descalça ao longo da margem do ribeiro, a sua mão na minha.

— E tenho andado a pensar naquela profecia do leito de caveiras — continuou. — Acho que significa que não devo casar-me. Estive noiva por três vezes, Derfel, três vezes! E por três vezes perdi o meu prometido. Se isso não é uma mensagem dos Deuses, o que é então?

— Oiço Nimue — disse eu.

Ela riu.

— Gosto dela.

— Nunca poderia imaginar que vocês gostassem uma da outra — confessei.

— E porque não haveríamos de gostar? Gosto do seu carácter beligerante. Temos de agarrar a vida com as nossas próprias mãos, não submeter-nos a ela. Durante toda a minha vida, Derfel, fiz aquilo que as pessoas me diziam para fazer. Sempre fui muito bem-comportada — disse, dando à expressão «bem-comportada» uma inflexão irónica. — Sempre fui aquela rapariguinha obediente, a filha respeitadora. Era fácil, claro, pois o meu pai gostava de mim e ele gostava de muito poucas pessoas, mas deram-me tudo o que sempre quis e, em troca, tudo o que queriam de mim era que eu fosse bonita e obediente. E eu era muito obediente.

— Bonita, também.

Enterrou um cotovelo nas minhas costelas, num gesto de reprovação.

Um bando de lavandiscas sarapintadas levantou voo no meio da neblina que envolvia o ribeiro, que se estendia diante de nós.

— Fui sempre obediente — disse Ceinwyn, tristonha. — Sabia que teria de casar com aquele que escolhessem para meu marido, e isso não me preocupava porque é o que fazem as filhas dos reis. Lembro-me da felicidade que senti quando conheci Artur. Julguei que a vida afortunada que tivera até esse momento iria prolongar-se indefinidamente. Tinha sido agraciada com um homem tão bom. Então, subitamente, ele esfumou-se.

— E nem sequer reparaste em mim — disse eu.

Eu era o mais jovem dos lanceiros da guarda de Artur quando ele viera a Caer Sws, a fim de celebrar o seu noivado com Ceinwyn. Foi nessa altura que ela me deu o pequeno pregador que ainda usava nessa época. Ela presenteara toda a escolta de Artur, mas nunca soube o fogo que ateara na minha alma, nesse dia.

— Tenho a certeza que reparei em ti, sim — disse ela. — Quem poderia ignorar um latagão grande, desajeitado e com cabelos louro-palha como tu? — Riu e depois deixou que a ajudasse a saltar por cima de um carvalho derrubado. Usava o mesmo vestido de linho que vestira na noite anterior, embora a saia clara estivesse agora manchada de lama e musgo. — Em seguida fiquei noiva de Caelgyn de Rheged — continuou o seu relato — e já não estava tão certa de ser uma pessoa afortunada. Era um bruto intratável, mas prometeu ao meu pai uma centena de lanceiros e uma quantia em ouro como dote e eu convenci-me de que seria feliz na mesma, ainda que tivesse de ir viver para Rheged. Mas Caelgyn morreu com uma febre. Depois houve Gundleus. — A recordação fê-la franzir o sobrolho. — Nesse momento compreendi que não passava de um peão num jogo de guerra. O meu pai amava-me, mas ter-me-ia entregue a Gundleus, se isso significasse mais armas para lutar contra Artur. Foi aí que compreendi pela primeira vez que nunca seria feliz a não ser que eu própria construísse a minha felicidade, e foi precisamente nessa altura que tu e Galaad vieram visitar-nos. Lembras-te?

— Lembro. — Acompanhara Galaad na sua fracassada missão de paz e Gorfyddyd, em jeito de insulto, obrigara-nos a jantar nos aposentos das mulheres. Aí, à luz das velas, ao som da música tocada por uma harpista, conversara com Ceinwyn e jurara protegê-la.

— Tu importavas-te com a minha felicidade.

— Estava apaixonado por ti — confessei. — Era um cão latindo a uma estrela.

Ela sorriu.

— Depois veio Lancelote. O adorável Lancelote. O bonito Lancelote. Todos me diziam que eu era a mulher mais afortunada da Bretanha, mas

queres saber qual era o meu pressentimento? Que para Lancelote eu seria apenas mais uma das suas possessões, e ele parece já ter tantas. No entanto, ainda não tinha a certeza do que iria fazer. Então Merlim apareceu e conversou comigo. Deixou ficar Nimue, que falou, falou, falou. Eu, porém, já sabia que não queria pertencer a homem nenhum. Toda a minha vida pertenci a homens. Então, Nimue e eu fizemos um juramento a Don e eu Jurei-Lhe que se Ela me concedesse as forças de que precisava para conquistar a minha liberdade, nunca me casaria. Amar-te-ei — prometeu-me, erguendo os olhos para fitar o meu rosto — mas nunca pertencerei a homem nenhum.

Talvez não, pensei, mas ela, tal como eu, era ainda um joguete nas mãos de Merlim. Como se tinham afadigado, ele e Nimue. No entanto, nada adiantei sobre isso, nem sobre a Estrada Sombria.

— A partir de agora, serás inimiga de Guinevere — adverti Ceinwyn.

— Sim — disse ela, — mas sempre fui, desde o momento em que ela decidiu roubar-me Artur. Nessa altura, porém, eu não passava de uma criança e não sabia como havia de lutar contra ela. A noite passada ripostei, embora daqui para o futuro pretenda apenas manter-me discreta. — Sorriu. — E tu deverias ter casado com Gwenhwyvach?

— Pois devia — confessei.

— Pobre Gwenhwyvach — disse Ceinwyn. — Ela foi sempre muito boa para mim enquanto elas viveram aqui, mas lembro-me que sempre que a irmã entrava no quarto, ela fugia. Era como se ela fosse um rato enorme e anafado e a irmã fosse o gato.

Artur veio até ao vale nessa tarde. O grude que segurava os fragmentos de osso secava no punho de Hywelbane quando os seus guerreiros surgiram entre as árvores que cobriam a encosta sul de Cwm Isaf, em frente à nossa casa. Os lanceiros não vinham para nos ameaçar, apenas tinham feito um desvio na longa marcha de regresso a casa, a aprazível Dumnónia. Não vimos sinais de Lancelote, nem de Guinevere, à medida que Artur atravessava sozinho o ribeiro. Não trazia nem a espada nem o escudo.

Recebêmo-lo à porta de nossa casa. Ele cumprimentou Ceinwyn com uma vénia e depois sorriu-lhe.

— Querida senhora — disse simplesmente.

— Estais zangado comigo, senhor? — perguntou-lhe ela, ansiosa.

Ele fez uma careta.

— A minha mulher julga que sim, mas não estou. Como posso eu estar zangado? Apenas fizestes o mesmo que eu fiz outrora, e vós tivestes a gentileza de o fazer antes do juramento. — Tornou a sorrir-lhe. — Talvez tenhais causado um certo contratempo, mas eu mereci-o. Posso caminhar um pouco com Derfel?

Metemos pelo mesmo caminho que eu percorrera com Ceinwyn nes-

sa manhã, e mal se apanhou fora do alcance dos seus lanceiros, Artur pôs um braço em volta dos meus ombros.

— Muito bem, Derfel — disse ele, suavemente.

— Lamento, se o que fiz vos magoou, senhor.

— Não sejas tolo. Fizeste aquilo que eu fiz em tempos e invejo-te pela frescura com que levaste a cabo os teus planos. Isso apenas muda as coisas, é tudo. É, como já disse, um contratempo.

— Não serei o paladino de Mordred — disse eu.

— Não. Mas alguém há de ser. Se dependesse de mim, meu amigo, levava-vos a ambos para casa, nomeava-te paladino e dava-te tudo o que tenho para dar. Mas as coisas nem sempre podem ser como nós queremos.

— Quereis dizer — disse eu, sem cerimónia — que a princesa Guinevere nunca me perdoará.

— Não — confirmou Artur tristemente. — Nem Lancelote. — Suspirou. — Que hei de fazer com Lancelote?

— Casai-o com Gwenhwyvach — sugeri eu — e enterrai-os a ambos na Silúria.

Ele riu.

— Se ao menos pudesse fazê-lo. Vou enviá-lo para a Silúria, isso é certo, mas duvido que a Silúria o prenda. As suas ambições ultrapassam os limites daquele pequeno reino, Derfel. Tinha esperanças que o facto de ter Ceinwyn e uma família pudessem prendê-lo lá, mas agora? — Encolheu os ombros. — Teria feito melhor se te tivesse dado o reino a ti. — Tirou o braço de cima dos meus ombros e olhou-me de frente. — Não vou libertar-vos dos vossos juramentos, Lorde Derfel Cadarn — anunciou ele, em tom formal, — ainda sois um dos meus homens e quando mandar chamar-vos, vireis ter comigo.

— Sim, senhor.

— Isso acontecerá na primavera — acrescentou. — Jurei manter a paz com os Saxões durante três meses e cumprirei esse juramento; e quando esses três meses se tiverem esgotado, o inverno forçar-nos-á a manter as nossas lanças empilhadas. Mas na primavera marcharemos e vou querer os teus homens no meu escudo defensivo.

— Eles lá estarão, senhor — prometi eu.

Levantou as duas mãos e pousou-as nos meus ombros.

— Também juraste obediência a Merlim? — perguntou-me ele, olhando-me fixamente.

— Sim, senhor — admiti.

— Partirás então em busca de um Caldeirão que não existe?

— Partirei em busca do Caldeirão, sim.

Cerrou os olhos.

— Quanta estupidez! — Deixou cair as mãos e abriu os olhos. — Eu acredito nos Deuses, Derfel, mas será que os Deuses acreditam na Bretanha? Esta já não é a antiga Bretanha — disse ele com veemência. — É provável que em tempos tivéssemos sido um único povo de um só sangue e uma só carne, mas hoje? Os Romanos trouxeram homens de todos os cantos do mundo! Sarmáticos, Líbios, Gauleses, Númidas, Gregos! O sangue deles misturou-se com o nosso, da mesma forma que este fervilha de sangue romano e se mistura agora com sangue saxão. Somos o que somos, Derfel, e não aquilo que fomos outrora. Hoje em dia existe uma centena de Deuses e já não apenas os velhos Deuses; não podemos inverter o curso dos anos, mesmo que o Caldeirão ou todos os Tesouros da Bretanha estejam em nosso poder.

— Merlim não é dessa opinião.

— E Merlim obrigar-me-ia a lutar contra os Cristãos apenas para que os Deuses dele possam prevalecer? Não, não o farei, Derfel. — Falava com raiva. — Podes procurar o teu Caldeirão imaginário, mas não julgues que irei fazer o jogo de Merlim perseguindo os Cristãos.

— Merlim — disse eu, na defensiva — deixará o destino dos Deuses nas mãos dos Deuses.

— E que outra coisa somos nós senão os instrumentos dos Deuses? — perguntou Artur. — Não vou lutar contra outros bretões só porque eles adoram outro Deus. Nem tu, Derfel, enquanto o teu juramento se mantiver válido.

— Não, senhor.

Ele soltou um suspiro.

— Odeio todo este rancor em torno dos Deuses. Mas Guinevere não se cansa de me dizer que sou cego em relação aos Deuses. Segundo ela, é o meu único defeito. — Sorriu. — Se estás ligado a Merlim por um juramento, Derfel, então tens de o acompanhar. Para onde te leva ele?

— Para Ynys Mon, senhor.

Fitou-me em silêncio durante alguns segundos e depois estremeceu.

— Vais para Lleyn? — perguntou, incrédulo. — Ninguém sai vivo de Lleyn.

— Eu sairei — vangloriei-me eu.

— Faz por isso, Derfel, faz por isso. — Parecia melancólico. — Preciso que me ajudes a derrotar os Saxões. Depois disso, talvez possas regressar a Dumnónia. Guinevere não é mulher que guarde ressentimentos.

Tinha dúvidas quanto a isso, mas nada disse.

— Mandarei chamar-te na primavera, então — prosseguiu Artur, — e rezo para que sobrevivas a Lleyn. — Enfiou um dos braços no meu e acompanhou-me de regresso à casa. — E se alguém te perguntar alguma

coisa, Derfel, acabei de te repreender violentamente. Amaldiçoei-te e cheguei mesmo a agredir-te.

Desatei a rir.

— Perdoo-vos a agressão, senhor.

— Considera-te agredido — disse ele — e considera-te também — continuou — o segundo homem mais afortunado da Bretanha.

O homem mais afortunado do Mundo, pensei eu, já que tinha junto a mim o desejo da minha alma.

Ou viria a ter, que os Deuses nos livrassem do mal!, quando Merlim tivesse o seu.

Fiquei de pé observando a partida dos lanceiros. O estandarte de Artur, representando um urso, espreitou brevemente por entre as árvores. Ele acenou, montou no seu cavalo e partiu.

E nós ficámos sozinhos.

Não estava, pois, em Dumnónia para assistir ao regresso de Artur. Teria gostado disso, pois ele regressava como herói a um país que desdenhara as suas hipóteses de sobrevivência e conspirara para o substituir por criaturas menores.

A comida escasseava no outono, já que a guerra inesperada tinha esgotado as novas colheitas. Não havia fome, no entanto, e os homens de Artur cobravam tributos justos. Podem parecer progressos de pouca monta, mas depois dos acontecimentos de anos recentes, causaram grande agitação por todo o país. Só os ricos pagavam tributos ao Tesouro Real. Alguns faziam-no em ouro, mas a maioria contribuía com cereais, couro, linho, sal, lã e peixe seco que, em contrapartida, lhes haviam sido entregues pelos respetivos arrendatários. Nos últimos anos, os ricos pouco tinham pago ao rei enquanto os pobres tinham pago muito aos ricos. Deste modo, Artur ordenou aos seus lanceiros que inquirissem junto dos pobres qual o tributo que lhes tinha sido cobrado e que, com base nas suas respostas, procedessem à cobrança junto dos ricos. No final, um terço da colheita foi entregue a igrejas e magistrados, para que estes pudessem distribuir alimentos durante o inverno. Esse ato só por si foi o suficiente para que Dumnónia percebesse que o país tinha um novo poder, e apesar de alguns sinais de descontentamento entre os ricos, nenhum deles se atreveu a oferecer qualquer oposição a Artur. Ele era o senhor da guerra do reino de Mordred, o vencedor do Vale do Lugg, o chacinador de Reis, e aqueles que antes lhe ofereciam resistência hoje temiam-no.

Mordred foi entregue aos cuidados de Culhwch, primo de Artur e um guerreiro rude e honesto que, provavelmente, estava pouco interessado no

destino de uma criança pequena e difícil. Culhwch estava demasiado ocupado em conter a revolta desencadeada por Cadwy de Isca nas longínquas regiões ocidentais da Dumnónia, e segundo ouvi dizer, liderou os seus homens numa campanha-relâmpago através das imensas charnecas, rumando depois para sul para as paisagens agrestes da costa. Arrasou o coração dos domínios de Cadwy e em seguida tomou de assalto o príncipe rebelde na velha fortaleza romana de Isca. As muralhas estavam degradadas e os veteranos do Vale do Lugg galgaram as muralhas da cidade e perseguiram os rebeldes através das ruas. O príncipe Cadwy foi capturado num santuário romano e aí foi desmembrado. Artur ordenou que partes do seu corpo fossem exibidas pelas cidades de Dumnónia e a sua cabeça, ostentando as inequívocas tatuagens azuis no rosto, foi enviada ao rei Mark de Kernow, o instigador da revolta. Em resposta, o rei Mark enviou um tributo em lingotes de estanho, uma selha de peixe defumado, três carapaças de tartaruga polidas que tinham dado à costa nesta região agreste e um protesto de inocência, negando qualquer cumplicidade na rebelião de Cadwy.

Durante a tomada da fortaleza de Cadwy, Culhwch encontrara algumas cartas que enviara a Artur. As cartas tinham sido enviadas pela facção cristã de Dumnónia e tinham sido escritas antes da campanha que culminara no Vale do Lugg. Nelas se explicitavam em pormenor os planos destinados a livrar Dumnónia da presença de Artur. Os Cristãos tinham antipatizado com Artur desde que ele revogara a lei do Rei Supremo Uther, que isentava a Igreja do pagamento de impostos e empréstimos, e tinham-se convencido que o seu Deus iria conduzir Artur para uma grande derrota às mãos de Gorfyddyd. Fora a perspectiva dessa derrota quase certa que os encorajara a pôr os seus pensamentos por escrito, e eram esses mesmos escritos que estavam agora na posse de Artur.

As cartas revelavam uma comunidade cristã ansiosa, que queria a morte de Artur mas que temia igualmente as incursões dos lanceiros pagãos comandados por Gorfyddyd. Para se salvarem a si mesmos e às suas riquezas, estavam dispostos a sacrificar Mordred, e as cartas incitavam Cadwy a marchar sobre Durnovária durante a ausência de Artur, matar Mordred e em seguida entregar o reino a Gorfyddyd. Os Cristãos prometiam-lhe auxílio e esperavam que as lanças de Cadwy os protegessem quando Gorfyddyd reinasse.

Em vez disso foram punidos. Melwas, o rei dos Belgas, apoiante dos cristãos que se opunham a Artur, foi designado como o novo governante dos domínios de Cadwy. Isto dificilmente podia ser considerado uma recompensa, já que obrigava Melwas a viajar para muito longe das suas gentes até um lugar onde Artur poderia seguir os seus movimentos de perto. Nabur, o magistrado cristão que detivera a guarda de Mordred e que se servira

dessa posição para formar a facção que se opunha a Artur, e que era também o autor das cartas sugerindo o assassinato de Mordred, foi crucificado no anfiteatro de Durnovária. Nos dias que correm, obviamente, é considerado um santo e um mártir, mas, quanto a mim, apenas recordo Nabur como um mentiroso e um corrupto. Dois padres, um outro magistrado e dois proprietários rurais foram também condenados à morte. O último conspirador era o bispo Sansum, embora este fosse demasiado astuto para deixar que o seu nome ficasse registado por escrito. Foi essa astúcia, aliada à estranha amizade que mantinha com Morgana, a irmã aleijada e pagã de Artur, que salvou a vida de Sansum. Jurou lealdade eterna a Artur, colocou uma mão sobre um crucifixo e jurou que nunca conspirara para matar o rei e isso valeu-lhe uma nomeação como guardião do santuário do Espinheiro Sagrado, em Ynys Wydryn. Sansum podia ser posto a ferros e ameaçado com uma espada ao pescoço, mesmo assim ele conseguiria libertar-se.

Morgana, a sua amiga pagã, fora a sacerdotisa de confiança de Merlim até Nimue, mais jovem do que ela, ter usurpado a sua posição. Merlim e Nimue, porém, estavam ambos ausentes em paragens longínquas, o que colocava Morgana na posição de soberana virtual das terras de Merlim, em Avalon. Morgana, o rosto destruído pelo fogo, escondido sob a sua máscara dourada, e o corpo deformado pelas chamas envolto numa túnica negra, assumiu os poderes de Merlim tendo sido ela quem terminou a reconstrução do castelo de Merlim, no Tor, e quem organizou a cobrança de tributos na região norte das terras de Artur. Morgana tornou-se um dos conselheiros de maior confiança de Artur; na verdade, após a morte do bispo Bedwin no outono desse ano, na sequência de uma febre, Artur chegou a sugerir, contrariando todos os precedentes, que Morgana fosse nomeada conselheira efetiva. Nunca até então uma mulher tinha feito parte do Conselho do Rei na Bretanha e Morgana poderia muito bem ter sido a primeira, mas Guinevere impediu que tal se concretizasse. Guinevere não permitiria que nenhuma mulher fosse nomeada conselheira se ela própria não pudesse sê-lo. Além do mais, Guinevere odiava tudo o que era feio e, como os Deuses bem sabem, a pobre Morgana era grotesca, mesmo quando usava a máscara dourada. Morgana permaneceu, então, em Ynys Wydryn, enquanto Guinevere supervisionava a construção do novo palácio em Lindinis.

Era um palácio deslumbrante. A antiga *villa* romana que Gundleus incendiara foi reconstruída e ampliada de forma a que as suas alas formadas por claustros albergassem dois enormes pátios fechados, onde a água corria através de canais de mármore. Lindinis, que ficava próximo da colina real de Caer Cadarn, seria a nova capital de Dumnónia, embora Guinevere tivesse tomado as providências necessárias para que Mordred, aleijado do pé esquerdo, não obtivesse autorização para se aproximar do local. Só as

peças formosas poderiam permanecer em Lindinis, e nos seus pátios servidos por arcadas, Guinevere reuniu estátuas provenientes de *villas* e santuários de toda a Dumnónia. Não havia um santuário cristão, mas Guinevere mandou erigir um enorme e sombrio salão dedicado à Deusa Ísis, bem como um elegante conjunto de aposentos onde Lancelote podia ficar instalado quando visitava o palácio, vindo da Silúria, o seu novo reino. Elaine, a mãe de Lancelote, vivia nesses aposentos e ela, que outrora transformara Ynys Trebes num sítio extremamente belo, ajudava agora Guinevere a fazer do palácio de Lindinis um santuário de beleza.

Artur, segundo sei, raramente se deslocava a Lindinis. Estava demasiado ocupado com os preparativos da grande guerra contra os Saxões, e a pensar nela dera início à refortificação das antigas cidadelas de terra do sul da Dumnónia. Até Caer Cadarn, perdida no coração do nosso país, viu as suas muralhas serem reforçadas ao mesmo tempo que novas plataformas de combate em madeira eram colocadas nos contrafortes. Os trabalhos de maior vulto, contudo, tiveram lugar em Caer Ambra, a uma escassa meia hora de caminho a leste das Pedras; esta deveria ser a sua nova base de combate contra os Sais. Os antigos tinham aí construído um forte, mas durante o outono e o inverno, os escravos trabalharam arduamente para fortalecer as antigas paredes de terra e construir novas paliçadas e plataformas de combate no cimo das muralhas. Outras fortificações foram reparadas a sul de Caer Ambra, com o objetivo de defender as terras mais baixas de Dumnónia das investidas dos saxões do Sul liderados por Cerdic, que com certeza atacariam enquanto Artur assaltava Aelle, no Norte. Nunca desde o tempo dos Romanos, atrevo-me a dizer, se tinha visto cavar tanta terra britânica ou serrar tanta madeira, e os tributos honestos cobrados por Artur jamais seriam suficientes para pagar metade de todo esse esforço. Foi então que ele decidiu cobrar um imposto às prósperas e poderosas igrejas cristãs do Sul da Bretanha, as mesmas que haviam apoiado as diligências de Nabor e de Sansum para o derrubar. O dinheiro destes impostos acabaria por ser devolvido, tendo protegido os Cristãos das sinistras atenções dos Saxões idólatras. Os Cristãos, porém, nunca perdoaram Artur, da mesma forma que não se aperceberam de que impostos semelhantes foram cobrados a um conjunto de santuários pagãos que ainda possuíam algumas riquezas.

Nem todos os cristãos eram inimigos de Artur. Pelo menos um terço dos seus soldados era cristão, e estes homens eram tão leais como qualquer pagão. Muitos outros cristãos aprovavam a sua governação, mas a maioria dos dirigentes eclesiásticos deixaram que a sua cobiça ditasse as leis que regiam a sua lealdade e eram esses os seus verdadeiros opositores. Acreditavam que o seu Deus haveria de regressar à terra um dia e caminhar no meio de nós como qualquer mortal. No entanto, Ele só voltaria quando to-

dos os pagãos tivessem sido convertidos à Sua fé. Os pregadores, cientes de que Artur era pagão, lançavam-lhe maldições, mas Artur ignorava as suas palavras durante os seus infundáveis périplos pelo Sul da Bretanha. O dia chegaria em que ele e Sagramor estariam juntos na fronteira de Aelle e, no dia seguinte, estariam a lutar contra um dos bandos de guerreiros de Cerdic que avançavam pelos vales a sul. Depois cavalgaria para norte, através da Dumnónia e direito a Isca, depois de ter atravessado Gwent, onde negociaria com os chefes locais o número de soldados que poderiam ser recrutados a ocidente de Gwent e a leste da Silúria. Graças ao Vale do Lugg, Artur era agora muito mais do que o Senhor Supremo de Dumnónia e do que o tutor de Mordred. Era o senhor da guerra da Bretanha, o líder indiscutível de todos os nossos exércitos, e não havia rei que se recusasse a atender aos seus chamados ou que, naqueles dias, quisesse fazê-lo.

No entanto, tudo isto eu perdi, pois encontrava-me em Caer Sws na companhia de Ceinwyn, apaixonado.

E esperava Merlim.

Merlim e Nimue chegaram a Cwm Isaf escassos dias antes do solstício de inverno. Nuvens negras acumulavam-se mesmo por cima das copas desfolhadas dos carvalhos nas serranias em volta e a geada matinal persistia já a tarde ia avançada. O ribeiro era um labirinto de placas de gelo e de água escorrendo gota a gota, as folhas mortas estavam quebradiças e o solo do vale era duro como pedra. Acendêramos uma fogueira no aposento central e a nossa casa estava suficientemente aquecida, ainda que estivesse saturada de fumo que revolteava em torno do travejamento irregular antes de encontrar a pequena abertura na linha de junção do telhado. Outras fogueiras ardiam nos abrigos que os meus soldados tinham erigido em toda a extensão do vale: pequenas cabanas resistentes feitas de terra e pedras que suportavam telhados de madeira e fetos. Tínhamos construído um abrigo para os animais na parte de trás da casa, onde um touro, duas vacas, três porcas, um javali, uma dúzia de carneiros e uma vintena de galinhas ficavam guardados durante a noite, a salvo dos ataques dos lobos. Havia muitos lobos nos bosques em redor e os seus uivos ecoavam todos os dias à hora do crepúsculo; em certas noites era possível ouvir o arranhar das suas garras do outro lado da cabana dos animais. Os carneiros baliavam tristemente, as galinhas cacarejavam assaltadas pelo pânico e Issa, ou quem quer que estivesse de guarda, gritava e atirava violentamente um tição na direção da orla do bosque para espantar os lobos. Uma manhã bem cedo, quando me dirigia até ao ribeiro a fim de ir buscar água, dei comigo frente a frente com um lobo velho e enorme. Tinha estado a beber água, mas no momento

em que saí do meio dos arbustos, ele ergueu o focinho cinzento, fitou-me e depois esperou pela minha saudação antes de se afastar silenciosamente rio acima. Era, decidi eu, um bom presságio e durante aqueles dias em que aguardávamos a chegada de Merlim, valorizávamos os presságios.

Também caçávamos lobos. Cuneglas dera-nos três parcelhas de cães de lobo peludos, maiores e mais hirsutos do que os famosos galgos de Powys e iguais aos que Guinevere tinha em Dumnónia. O desporto mantinha ativos os meus soldados e até Ceinwyn gostava daqueles dias longos e frios passados nos bosques frondosos. Usava calções de couro, botas altas, um justilho de pele e uma comprida faca de caça presa à cintura. Entrançava os cabelos louros e apanhava-os na nuca, depois escalava rochedos, descia ravinas, saltava por cima de árvores mortas no encalço da sua parcelha de galgos escoceses presos por longas cordas feitas de crinas de cavalo, que faziam as vezes de trelias. A maneira mais simples de caçar lobos era com arco e flecha, mas como poucos de nós possuíam talento para tal, usávamos cães, lanças de guerra e facas. Quando Merlim finalmente regressou, a arrecadação de Cuneglas albergava já uma rima de peles de lobo. O rei expressara a sua vontade de que regressássemos a Caer Sws, mas Ceinwyn e eu sentíamos-nos tão felizes quanto a antecipação da prova a que seríamos submetidos por Merlim nos permitia, pelo que nos deixámos ficar no nosso pequeno vale contando os dias.

E como fomos felizes em Cwm Isaf. Ceinwyn sentia um prazer ridículo na execução de todas as tarefas que até então tinham estado a cargo dos seus servos. Estranhamente, porém, nunca conseguiu torcer o pescoço de um frango e eu jamais fui capaz de conter o riso sempre que a via matar uma galinha. Não tinha necessidade de o fazer, já que qualquer um dos servos poderia ter matado a ave e os meus soldados estavam dispostos a fazer tudo por Ceinwyn, mas ela insistia em dividir as tarefas, ainda que quando se tratava de matar galinhas, patos e gansos, não conseguisse fazê-lo como devia ser. O único método que foi capaz de inventar foi deitar a pobre criatura no chão, colocar um dos seus pequenos pés sobre o pescoço da ave e, em seguida, fechando os olhos com força, aplicar um golpe rápido e decisivo na cabeça.

Tinha mais sucesso com a roca. Todas as mulheres da Bretanha, à exceção das muito abastadas, nunca se separavam da roca e do fuso, já que fiar era uma daquelas tarefas infundáveis que provavelmente durarão até o Sol concluir a sua última volta em torno da Terra. Mal os tosões de um determinado ano acabavam de ser transformados em fio, já os tosões do ano seguinte enchiam as arrecadações, e as mulheres juntavam grandes quantidades de lã que lavavam e desembaraçavam antes de retomarem a fição. Fiavam enquanto caminhavam, fiavam enquanto conversavam, fia-

vam sempre que nenhuma outra tarefa as obrigava a usar as mãos. Era um trabalho monótono, estúpido, mas que exigia perícia. No início, Ceinwyn apenas conseguia produzir pequenos e patéticos farrapos de lã, mas foi-se aperfeiçoando com o tempo, embora nunca chegasse a ser tão rápida como as mulheres que fiavam lã desde o primeiro dia em que as suas mãos tinham atingido o tamanho suficiente para segurar a roca. Sentava-se, à noite, e contava-me como lhe tinha corrido o dia enquanto virava o esteio com a mão esquerda e, com a direita, afastava o fuso pesado que pendia da roca para assim alongar e torcer o fio que entretanto surgia. Quando o fuso tocava o chão, ela enrolava o fio em volta dele, prendia o rolo de fio com uma mola feita de osso na parte superior do fuso e recomeçava a fiar. A lã que ela fiou naquele inverno era grumosa ou frágil, mas, lealmente, usei uma das camisas feitas por ela com esse fio até a mesma se desfazer.

Cuneglas visitava-nos com frequência, embora a esposa, Helledd, nunca o acompanhasse. A rainha Helledd era muito convencional e reprovava profundamente a atitude de Ceinwyn.

— Ela acha que isso prejudica a família — disse-nos Cuneglas, alegremente.

Tal como Artur e Galaad, ele tornou-se um dos meus amigos mais queridos. Julgo que ele se sentia só em Caer Sws, onde além de Iorweth e de alguns dos druidas mais jovens, tinha poucos homens com quem conversar sobre outros assuntos que não fossem a caça e a guerra. Acho que acabei por substituir os irmãos que ele havia perdido. O mais velho, que deveria ter-se tornado rei, morrera em consequência de uma queda de cavalo, o outro fora atingido por uma febre mortal e o mais novo tombara num combate contra os Saxões. Cuneglas, tal como eu, discordava por completo da ida de Ceinwyn à Estrada Sombria, mas disse-me que só o gume de uma espada a deteria.

— Todos a veem como uma pessoa muito doce e gentil — disse-me, — mas tem uma vontade férrea. Obstinada.

— Não consegue matar um frango.

— Nem consigo imaginá-la a tentar fazê-lo! — riu ele. — Mas está feliz, Derfel, e estou-te grato por isso.

Eram tempos felizes, um dos períodos mais felizes entre os mais felizes, embora sempre ensombrado pela certeza da vinda de Merlim, que chegaria para nos exigir o cumprimento dos nossos juramentos.

Chegou numa tarde gelada. Eu estava cá fora partindo com um machado de guerra saxão uma série de toros acabados de cortar, e Ceinwyn estava dentro de casa, tentando serenar uma altercação que se desencadeara entre as suas servas e a impetuosa Scarach, quando os sons emitidos por um corno ressoaram por todo o vale. Era um sinal dos meus homens, avi-

sando-nos que um estranho se aproximava de Cwm Isaf e mal tivera tempo de baixar o machado quando pude vislumbrar a figura alta de Merlim entre as árvores. Nimue acompanhava-o. Ficara connosco uma semana após a noite do noivado de Lancelote e depois, sem uma palavra de explicação, esgueirara-se durante a noite para regressar agora, vestida de negro, ao lado do seu amo, que usava a sua longa túnica branca.

Ceinwyn saiu da casa. Tinha o rosto enfarruscado e as mãos manchadas com o sangue de uma lebre que estivera a amanhar.

— Pensei que ele viria com um bando de guerreiros — disse ela, fixando os olhos azuis em Merlim.

Fora isso que Nimue nos dissera antes de partir; que Merlim estava a reunir o exército que o protegeria ao longo da Estrada Sombria.

— Talvez os tenha deixado junto ao rio — sugeri eu.

Afastou uma madeixa de cabelo da cara, acrescentando uma mancha de sangue à fuligem que lhe cobria o rosto.

— Não tens frio? — perguntou ela, pois eu despira-me da cintura para cima enquanto cortava a lenha.

— Ainda não — respondi, mas vesti uma camisa de lã à medida que Merlim saltava o ribeiro com as suas longas pernas. Os meus soldados, antecipando as novidades, deixavam os seus abrigos para o seguir, mas permaneceram do lado de fora da casa quando ele baixou o seu corpo alto para transpor o nosso lintel baixo.

Não esboçou qualquer gesto de saudação, limitando-se a passar por nós e a entrar em nossa casa. Nimue seguiu-o e quando Ceinwyn e eu entrámos, ambos estavam já agachados junto ao fogo. Merlim aproximou as mãos esqueléticas do braseiro e, em seguida, pareceu soltar um longo suspiro. Não falou e nenhum de nós queria questioná-lo. Eu, tal como ele, fui sentar-me à beira das chamas enquanto Ceinwyn colocava metade da lebre dentro de uma taça e limpava as mãos ensanguentadas. Fez sinal às servas e a Scarach para que deixassem a casa e depois sentou-se ao meu lado.

Merlim estremeceu e depois pareceu relaxar. As suas longas costas curvaram-se quando ele arqueou os ombros e se chegou para a frente com os olhos fechados. Permaneceu naquela posição durante muito tempo. O seu rosto castanho exibia as marcas deixadas pelas rugas pronunciadas e a barba estava tingida de um branco surpreendente. Como todos os druidas, rapara a parte anterior do crânio, mas naquele momento a sua tonsura estava encoberta por uma fina camada de cabelos brancos curtos, a prova de que andava em viagem havia muito tempo sem ter acesso a uma navalha de barba e a um espelho de bronze. Tinha um ar tão envelhecido naquele dia e curvado como estava, à beira da lareira, parecia até frágil.

Nimue estava sentada em frente dele, sem dizer palavra. Levantou-se

uma vez para pegar em Hywelbane, que estava pendurada num gancho suspenso da trave principal do teto, e vi-a sorrir quando reconheceu os dois fragmentos de osso incrustados no punho da espada. Desembainhou a lâmina, aproximando-a em seguida da zona da lareira onde havia mais fumo. Quando o metal ficou coberto de fuligem, rabiscou com cuidado uma inscrição com um pedaço de palha. As letras eram diferentes destas com que eu agora escrevo, e que são empregues tanto por nós como pelos Saxões; eram caracteres mágicos e antigos, simples traços cortados por barras que só os druidas e os feiticeiros utilizavam. Apoiou a bainha da espada contra a parede e tornou a pendurar a espada no gancho respetivo, mas não adiantou qualquer explicação sobre o significado do que tinha estado a escrever. Merlim ignorou-a.

Abriu os olhos subitamente e a debilidade que aparentara foi substituída por uma terrível ferocidade.

— Lanço uma maldição — disse, lentamente — sobre as criaturas da Silúria. — Estalou os dedos na direção do fogo e uma língua de chamas mais vivas fez estalar a madeira. — Que as suas colheitas mirrem — rugiu, — o seu gado se torne estéril, os filhos aleijados, as lâminas das suas espadas se partam e os seus inimigos saiam vitoriosos.

Para ele, tratava-se de uma maldição suave, mas a sua voz deixava transparecer uma malevolência sibilante.

— E quanto a Gwent — continuou, — ordeno que sobre ela se abata a peste, que caiam geadas no verão e que os ventres mirrem até se tornarem ocos. — Cuspiu para as chamas. — Em Elmet — disse ele, — as lágrimas formarão lagos, as pragas encherão as sepulturas e os ratos tomarão conta dos lares. — Tornou a cuspir. — Quantos homens levarás contigo, Derfel?

— Todos os que tenho, senhor. — Hesitei em admitir quão reduzido era o seu número, mas por fim respondi: — Vinte escudos.

— E os teus homens que ainda estão com Galaad? — Lançou-me um rápido olhar de relance, os olhos escondidos debaixo das farfalhudas sobancelhas brancas. — Quantos são?

— Não tive notícias deles, senhor.

Esboçou um sorriso de escárnio.

— Formaram uma guarda palaciana para Lancelote. Ele insistiu nisso. Transformou o irmão em porteiro.

Galaad era meio-irmão de Lancelote e o mais diferente dele que se possa imaginar.

— Ainda bem — Merlim olhou para Ceinwyn — que não haveis desposado Lancelote, senhora.

Ela sorriu-me.

— Também penso assim, senhor.

— Ele acha a Silúria um tédio. Não posso censurá-lo por isso, mas irá procurar os confortos de Dumnónia e será uma serpente no seio de Artur. — Sorriu. — Vós, senhora, deveríeis ter sido o seu brinquedo.

— Prefiro estar aqui — disse Ceinwyn, indicando com um gesto as nossas toscas paredes de pedra e o travejamento do teto manchado pelo fumo.

— Mas ele tentará atingir-vos — preveniu-a Merlim. — O seu orgulho voa mais alto do que a águia de Lleullaw, senhora, e Guinevere amaldiçoou-vos. Matou um cão no templo de Ísis e forrou uma cadela estropiada com a sua pele, dando-lhe depois o vosso nome.

Ceinwyn empalideceu, fez o sinal para afastar o mal e cuspiu para o fogo.

Merlim encolheu os ombros.

— Eu contra-ataquei essa maldição, senhora — disse ele, esticando depois os longos braços e inclinando a cabeça para trás, de modo que as tranças adornadas por fitas quase tocaram o chão coberto de juncos. — Ísis é uma Deusa estrangeira — disse — e o seu poder é fraco nestas paragens. — Tornou a puxar a cabeça para a frente e esfregou os olhos com as mãos compridas. — Voltei de mãos vazias — disse, tristemente. — Não houve um só homem em Elmet que tivesse dado um passo em frente, ninguém que o tivesse feito em lado nenhum. As suas lanças, dizem eles, estão guardadas para as barrigas saxãs. Não lhes ofereci ouro, nem prata, apenas um combate em nome dos Deuses. Em troca, eles ofereceram-me as suas preces e deram ouvidos às mulheres, que lhes falaram de filhos, cantos de fogão e cabeças de gado e eles afastaram-se, furtivos e envergonhados. Oitenta homens! Era tudo o que eu queria. Diwrnach é capaz de juntar duzentos, talvez uns quantos mais, mas oitenta seriam suficientes. No entanto, nem oito se mostraram dispostos a acompanhar-me. Os seus senhores prestam agora vassalagem a Artur. O Caldeirão, dizem eles, pode esperar até que Lloegyr seja de novo nossa. Querem as terras saxãs e o ouro saxão e eu nada mais lhes ofereci a não ser sangue e frio na Estrada Sombria.

Seguiu-se um silêncio. Um toro desmoronou-se na lareira e lançou uma constelação de faíscas na direção do teto escurecido.

— Não houve um só homem que tivesse colocado a sua lança à disposição? — perguntei, pasmado com as notícias.

— Alguns — disse ele, com desdém, — mas ninguém em quem eu pudesse confiar. Ninguém que fosse digno do Caldeirão. — Fez um pausa, parecendo de novo cansado. — Luto contra o engodo do ouro saxão e contra Morgana. Ela está contra mim.

— Morgana! — Não consegui esconder o meu espanto. Morgana, a irmã mais velha de Artur, fora a companheira mais próxima de Merlim até

Nimue ter usurpado o seu lugar, e embora Morgana odiasse Nimue, nunca pensei que o seu ódio se estendesse também a Merlim.

— Morgana — disse ele, num tom inexpressivo. — Espalhou uma mentira por toda a Bretanha. Segundo ela, os Deuses opõem-se à minha demanda e eu estou condenado a sair derrotado; e a minha morte arrastará também a morte de todos os meus companheiros. Sonhou com esta história e o povo simples acredita nos sonhos dela. Estou velho, diz ela, fraco e doido.

— Ela diz — interveio Nimue, suavemente — que serás morto por uma mulher, não por Diwrnach.

Merlim encolheu os ombros.

— Morgana está a fazer o seu próprio jogo, que ainda não compreendo.

Remexeu dentro de um dos bolsos da túnica e tirou uma mão-cheia de erva seca atada num nó. Todos os caules pareciam iguais aos meus olhos, mas ele estudou-os e escolheu um que estendeu na direção de Ceinwyn.

— Liberto-vos do vosso juramento, senhora.

Ceinwyn olhou-me de soslaio e depois tornou a fixar a erva.

— Ainda ides tomar a Estrada Sombria, senhor? — perguntou ela a Merlim.

— Sim.

— Mas como ides encontrar o Caldeirão sem mim?

Encolheu os ombros, mas não respondeu.

— E como ides encontrá-lo com ela? — perguntei eu, pois ainda não tinha percebido a razão porque deveria ser uma virgem a encontrar o Caldeirão, ou por que motivo essa virgem tinha de ser Ceinwyn.

Merlim tornou a encolher os ombros.

— O Caldeirão — disse — sempre foi guardado por uma virgem. É-o neste momento, se a informação dos meus sonhos está correta, e só outra virgem poderá revelar o local onde ele se encontra escondido. Sonhareis com ele — disse para Ceinwyn — se estiverdes disposta a vir comigo.

— Irei, senhor — disse Ceinwyn, — tal como vos prometi.

Merlim tornou a guardar a erva dentro do bolso antes de passar novamente as suas longas mãos pelo rosto.

— Partimos dentro de dois dias — anunciou, sem rodeios. — Têm de cozer pão, embalar carne e peixe secos, afiar as vossas armas e certificarem-se de que têm peles suficientes para enfrentar o frio.

Olhou para Nimue.

— Dormiremos em Caer Sws. Vem.

— Podeis ficar aqui — sugeri.

— Tenho de falar com Iorweth. — Pôs-se de pé e a sua cabeça ficou

ao nível das vigas do teto. — Liberto-vos a ambos dos vossos juramentos — disse num tom muito formal, — mas rezo para que mesmo assim me acompanhem. Será, no entanto, uma provação mais dura do que imaginam, e mais dura ainda do que fazem prever os vossos mais terríveis pesadelos, pois eu ofereci o sacrifício da minha própria vida em troca do Caldeirão.

Baixou os olhos para nós e o seu rosto espelhava uma tristeza imensa.

— No dia em que pisarmos a Estrada Sombria — disse-nos, — começarei a morrer, pois esse é o meu juramento, e não posso de modo nenhum garantir que este juramento será coroado de êxito. Se esta demanda fracassar, morrerei e vocês ficarão sozinhos em Lleyrn.

— Teremos Nimue — disse Ceinwyn.

— E ela será tudo o que terão — disse Merlim, com uma expressão carregada, virando-se em seguida para a porta. Nimue seguiu-o.

Ficámos sentados em silêncio. Acrescentei mais um toro ao fogo. Estava verde, pois toda a nossa lenha era composta de madeira ainda não amadurecida e cortada recentemente, razão pela qual ardia tão mal. Vi o fumo engrossar e rodopiar na direção do travejamento do teto e depois segurei na mão de Ceinwyn.

— Queres morrer em Lleyrn? — ralhei-lhe.

— Não — respondeu ela, — mas quero ver o Caldeirão.

Olhei fixamente para o fogo.

— Ele enchê-lo-á com sangue — disse, baixinho.

Os dedos de Ceinwyn acariciaram os meus.

— Quando era criança — disse, — ouvi todas as histórias sobre a Bretanha, como os Deuses viviam entre nós e toda a gente se sentia feliz. Não havia fome nesses tempos, nem pestes, só nós, os Deuses e paz. Quero essa Bretanha de volta, Derfel.

— Artur diz que nunca poderemos tê-la de volta. Somos aquilo que somos e não o que outrora fomos.

— E em qual dos dois acreditas tu, então — perguntou ela, — em Artur ou em Merlim?

Meditei durante muito tempo.

— Em Merlim — admiti, finalmente, talvez porque quisesse acreditar na sua Bretanha, onde todos os nossos sofrimentos desapareceriam por artes mágicas. Gostava igualmente da ideia que Artur fazia da Bretanha, mas esta implicava guerra, sacrifício e a fé em que todos os homens se portariam bem se fossem bem tratados. O sonho de Merlim exigia menos e prometia mais.

— Nesse caso acompanharemos Merlim — disse Ceinwyn. Hesitou, fitando-me. — Estás preocupado com a profecia de Morgana? — perguntou.

Abanei a cabeça.

— Ela é poderosa — disse eu, — mas não tanto como ele. Nem como Nimue.

Nimue e Merlim tinham sido ambos atingidos pelas Três Feridas da Sabedoria, enquanto Morgana sofrera apenas a ferida do corpo e nunca a ferida do espírito ou a ferida do orgulho. No entanto, a profecia de Morgana era uma história arguta, pois em certo sentido Merlim estava a desafiar os Deuses. Queria domar os seus caprichos e, em troca, oferecer-lhes-ia a devoção de um país inteiro. Mas por que razão haveriam os Deuses de querer ser subjugados? Talvez tivessem escolhido os poderes menores de Morgana como instrumento contra as interferências de Merlim, pois que outra coisa poderia explicar a hostilidade de Morgana? Ou talvez Morgana, tal como Artur, acreditasse que a demanda de Merlim era um disparate, a procura desesperada de um velho por uma Bretanha que desaparecera com a chegada das Legiões. Para Artur, a luta era apenas uma: expulsar os reis saxões da Bretanha. E Artur teria dado cobertura aos rumores postos a circular pela irmã se isso significasse que nenhuma lança bretã seria desperdiçada contra os escudos tingidos de sangue de Diwrnach. Talvez Artur estivesse a servir-se da irmã para se certificar de que nenhuma das vidas preciosas de Dumnónia seria dissipada em Lleyn. À exceção da minha vida, da dos meus homens e da minha adorada Ceinwyn. Pois nós estávamos presos por um juramento.

No entanto, Merlim desobrigara-nos e eu fiz uma derradeira tentativa para persuadir Ceinwyn a permanecer em Powys. Contei-lhe que Artur acreditava que o Caldeirão já não existia, que devia ter sido roubado pelos Romanos e transportado para a grande arca de tesouros que era Roma, para ser derretido e transformado em pentes para o cabelo, pregadores, moedas ou alfinetes. Disse-lhe tudo isto e quando me calei, ela sorriu e voltou a perguntar em qual dos dois eu acreditava: Merlim ou Artur.

— Merlim — repeti.

— Eu também — disse Ceinwyn. — E partirei.

Cozemos pão, embalámos comida e afiámos as nossas armas. E na noite seguinte, na véspera da nossa partida e do início da demanda de Merlim, caíram as primeiras neves.

Cuneglas deu-nos dois póneis, que carregámos com a comida e as peles. Depois pusemos a tiracolo os escudos decorados com uma estrela de cinco pontas e tomámos a estrada que seguia para norte. Iorweth abençoou-nos e os lanceiros de Cuneglas acompanharam-nos durante os primeiros quilómetros. Todavia, logo que passámos os vastos e gelados baldios

do paul de Dugh, do outro lado das colinas a norte de Caer Sws, os soldados afastaram-se e deixaram-nos sozinhos. Fizera a minha promessa a Cuneglas de que protegeria a vida da irmã com a minha própria vida. Depois de me ter abraçado, ele sussurrou-me ao ouvido:

— Mata-a, Derfel — disse, — mas não deixes que Diwrnach a leve.

Ele tinha os olhos marejados de lágrimas e, ao vê-las, quase fui levado a mudar de ideias.

— Se lhe ordenardes que não vá, meu Rei e Senhor — disse eu, — talvez ela vos obedeça.

— Nunca — disse ele, — mas ela sente-se mais feliz neste momento do que alguma vez até hoje. Além disso, Iorweth diz-me que ides regressar. Vai, meu amigo.

Recuou, deixando como prenda de despedida um saco com lingotes de ouro, que acomodámos num dos póneis.

A estrada coberta de neve seguia para norte, indo dar a Gwynned. Nunca estivera naquele reino antes e achei que era um lugar rude e inóspito. Os Romanos tinham chegado até ali, mas apenas no intuito de extrair chumbo e ouro. Tinham deixado marcas escassas na região e não a tinham dotado de qualquer legislação. Os seus habitantes viviam em cabanas escuras e atarracadas, que se amontoavam, desordenadas, no interior de muralhas circulares em pedra, no cimo das quais se viam cães que rosnavam na nossa direção e onde tinham sido colocados crânios de lobos e de ursos para amedrontar os espíritos. Dólmens coroavam os cumes das colinas e, de tantos em tantos quilómetros, deparávamos com um mastro enterrado à beira da estrada, de onde pendiam ossos humanos e panos cortados em farrapos. As árvores eram raras, os ribeiros estavam gelados e a neve bloqueava alguns dos desfiladeiros. Pernoitámos nas casas amontoadas, onde pagámos para nos aquecer com lascas de ouro raspadas dos lingotes oferecidos por Cuneglas.

Vestíamo-nos com peles. Ceinwyn e eu, à semelhança do que acontecia com os meus homens, estávamos envoltos em peles de lobo e de veado desparasitadas, mas Merlim usava um fato feito com o pelo de um enorme urso negro. Nimue protegia-se com peles de lontra, muito mais leves do que as nossas. Ainda assim, ela parecia insensível ao frio, ao contrário dos restantes de nós. Nimue era a única que não levava armas. Merlim tinha o seu bastão preto, uma arma terrível durante uma batalha, enquanto os meus homens estavam armados de lanças e espadas; até Ceinwyn transportava uma lança leve e atara à cintura a faca de caça. Não usava adornos de ouro e as pessoas que nos davam abrigo não faziam a mais pálida ideia da sua condição. Reparavam no seu cabelo brilhante e concluíam que, tal como Nimue, era uma das adeptas de Merlim. Gostavam de Merlim, pois

todos tinham ouvido falar dele e traziam os filhos aleijados até junto dele, para que os tocasse.

Demorámos seis dias a chegar a Caer Gei, onde Cadwallon, rei de Gwynned, passava o inverno. Tratava-se de uma fortaleza erigida no topo de uma colina. Abaixo do rebordo saliente da construção, estendia-se um vale fundo coberto de árvores altas que cresciam ao longo das encostas escarpadas. No fundo do vale, uma paliçada feita de toros rodeava um castelo de madeira, algumas arrecadações e uma vintena de abrigos, todos eles tingidos de branco pela neve e com longos pingentes de gelo suspensos nos beirais, o que emprestava ao quadro uma aparência fantasmagórica. Cadwallon revelou-se um velho azedo; o seu castelo tinha apenas um terço do tamanho do castelo de Cuneglas e a turba de guerreiros tentou fazer-nos crer que o chão em terra batida estava já apinhado de camas. Entre resmungos lá conseguiram arranjar espaço para nós e colocar um biombo num dos cantos para Nimue e Ceinwyn. Nessa noite, Cadwallon brindou-nos com um banquete. Uma refeição pobre à base de carneiro em salmoura e cenouras estufadas, mas era o melhor que as suas arrecadações tinham para nos oferecer. Generosamente prontificou-se a livrar-nos do fardo que Ceinwyn representava para nós, fazendo dela a sua oitava esposa, mas não se mostrou ofendido nem decepcionado quando ela recusou. As suas sete esposas, ainda vivas, eram mulheres morenas e carrancudas que partilhavam uma cabana redonda, onde se envolviam em altercações ruidosas e perseguiam os filhos umas das outras.

Caer Gei era um lugar deplorável, embora real, e custava a acreditar que Cunedda, o pai de Cadwallon, fora o Rei Supremo que antecederia Uther de Dumnónia. As lanças de Gwynned viviam tempos de vacas magras desde aqueles anos gloriosos. Era difícil acreditar, também, que Artur tinha sido criado naquele lugar, à sombra daqueles cumes que naquele momento refulgiam sob o efeito do gelo e da neve. Fui ver a casa que tinha oferecido abrigo à sua mãe depois de Uther a ter repudiado e descobri que se tratava de uma construção com paredes de terra, sensivelmente do mesmo tamanho da nossa casa de Cwm Isaf. Ficava no meio de abetos, cujos ramos vergavam sob o peso da neve e estava virada para norte, na direção da Estrada Sombria. A casa servia agora de morada a três soldados, suas famílias e respetivas cabeças de gado. A mãe de Artur era meia-irmã do rei Cadwallon, que era assim tio de Artur, embora Artur fosse filho ilegítimo e dificilmente se pudesse esperar que essa relação gerasse muitas lanças destinadas à campanha da primavera contra os Saxões, liderada por Artur. Na verdade, Cadwallon enviara homens para combater Artur no Vale do Lugg, embora o envio desses soldados tivesse resultado de uma medida de precaução no sentido de conservar a amizade de Powys e não tanto do ódio

que o rei de Gwynedd pudesse alimentar contra Dumnónia. Na maioria das vezes, as lanças de Cadwallon estavam apontadas para norte, na direção de Lleyrn.

O rei mandou chamar Byrthig, o Príncipe Herdeiro, para que este se juntasse ao banquete e nos falasse sobre Lleyrn. O príncipe Byrthig era um homem baixo e atarracado, marcado por uma cicatriz que ia desde a têmpora esquerda até à barba espessa, passando pelo nariz partido. Tinha apenas três dentes, o que tornava os seus esforços para mastigar demorados e atabalhoados. Servia-se dos dedos para roçar a carne contra o único dente da frente e deste modo desfazer a comida em lascas que empurrava com goles de hidromel. Toda esta operação laboriosa sujara a sua eriçada barba negra com o suco da carne e lascas meio mastigadas. Cadwallon, no seu jeito sombrio, ofereceu-o como marido a Ceinwyn e de novo pareceu ter ficado insensível perante a recusa gentil dela.

Diwrnach, contou o príncipe Byrthig, instalara a sua morada em Boduan, uma fortaleza situada no extremo ocidental da península de Lleyrn. O rei era um dos Senhores Irlandeses do Outro Lado do Mar, mas o seu grupo de guerreiros, ao contrário do de Oengus de Demétia, não era composto por homens oriundos de uma única tribo irlandesa. Era, sim, um conjunto de fugitivos saídos de todas as tribos.

— Ele acolhe todos aqueles que atravessam as águas, e quanto mais sanguinários forem, melhor — disse-nos Byrthig. — Os Irlandeses servem-se dele para se livrarem dos seus fora-da-lei e nos últimos tempos o seu número tem aumentado.

— Cristãos — resmungou Cadwallon, numa breve explicação, e depois deu uma cuspidela.

— Lleyrn é cristã? — perguntei eu, surpreendido.

— Não — disparou Cadwallon, como se eu já devesse saber a resposta à minha pergunta. — Mas a Irlanda está a vergar-se ao Deus cristão. A vergar-se em rebanho, e aqueles que não conseguem suportar esse Deus fogem para Lleyrn. — Tirou a lasca de um osso da boca e inspecionou-a com uma expressão sisuda. — Em breve teremos de os combater — acrescentou.

— As tropas de Diwrnach estão a crescer? — perguntou Merlin.

— É o que nos dizem, embora ouçamos pouca coisa — replicou Cadwallon.

Olhou para o teto no momento em que o calor que enchia o salão derretia uma porção da neve que cobria o telhado inclinado. Ouviu-se um ruído áspero e prolongado seguido de um estalido suave quando a massa de gelo deslizou pela cobertura de colmo.

— Diwrnach — explicou Byrthig e a sua voz soava sibilina devido aos dentes deteriorados — quer apenas que o deixem em paz. Se não o incomo-

darmos, só ocasionalmente ele fará o mesmo connosco. Os seus homens vêm para fazer escravos, mas já há poucas pessoas no Norte, e os homens dele não viajam para muito longe. No entanto, se o seu bando de guerreiros for superior às colheitas de Lleyrn, ele partirá em busca de novas terras, fiquem elas onde ficarem.

— Ynys Mon é famosa pelas suas colheitas — disse Merlim. Ynys Mon era a grande ilha que ficava ao largo da costa norte de Lleyrn.

— Ynys Mon produz o suficiente para alimentar um milhar de bocas — concordou Cadwallon, — mas só se houver pessoas em número suficiente para semear e ceifar, e as vidas dos seus habitantes não são poupadas. Ninguém escapa. Todos os bretões de bom senso deixaram Lleyrn há muitos anos e os que ficaram estão subjugados pelo terror. O mesmo fariam vocês, se Diwrnach vos fizesse uma visita à procura do que lhe interessa.

— Que é? — perguntei eu.

Cadwallon olhou-me, fez uma pausa e depois encolheu os ombros.

— Escravos — disse.

— E vocês — inquiriu Merlim, num tom de voz insinuante — pagam-lhe o tributo exigido?

— É um pequeno preço a pagar, a bem da paz. — Cadwallon rejeitou a acusação.

— Quantos? — quis saber Merlim.

— Quarenta por ano — admitiu finalmente Cadwallon. — A maior parte são crianças órfãs e, por vezes, alguns prisioneiros. As raparigas, no entanto, são o que o deixam mais satisfeito. — Lançou um olhar pensativo a Ceinwyn. — Ele tem uma queda por raparigas.

— Muitos homens têm, meu Rei — respondeu Ceinwyn, secamente.

— Não como Diwrnach — advertiu-a Cadwallon. — Os feiticeiros dele disseram-lhe que um escudo forrado com a pele curtida de uma virgem seria invencível numa batalha. — Encolheu os ombros. — Quanto a mim, não posso dizer que alguma vez o tenha experimentado.

— Envia-lhe crianças, então? — disse Ceinwyn, num tom acusatório.

— Conheceis outro tipo de virgens? — retorquiu Cadwallon.

— Nós pensamos que ele foi tocado pelos Deuses — disse Byrthig, como se isso explicasse o apetite de Diwrnach por escravas virgens, — pois parece louco. Um dos seus olhos é vermelho — interrompeu-se para triturar um pedaço de carneiro cinzento com o dente da frente. — Ele forra os escudos com pele — continuou, depois de ter reduzido a carne a uma película fina — e depois pinta-os com sangue. Por isso é que os seus homens chamam a si mesmos Escudos Sanguinários.

Cadwallon fez o sinal para afastar os espíritos maléficos.

— E alguns homens dizem que ele come a carne das raparigas — pros-

segiu Byrthig, — mas não sabemos se isso é verdade. Quem sabe aquilo de que os loucos são capazes?

— Os loucos são íntimos dos Deuses — rugiu Cadwallon. Era óbvio que se sentia aterrorizado pelo seu vizinho do Norte, e *não era para menos*, pensei eu.

— Certos loucos são íntimos dos Deuses — disse Merlim, — não todos.

— Diwrnach é — preveniu-o Cadwallon. — Ele faz o que quer, a quem quer, como quer e os Deuses protegem-no enquanto o faz.

Uma vez mais fez o gesto para afastar o mal, e de súbito desejei estar de volta à longínqua Dumnónia, onde havia tribunais, palácios e longas estradas romanas.

— Duzentas lanças — disse Merlim — seriam suficientes para expulsar Diwrnach de Lleyn. Poderiam empurrá-lo para o mar.

— Tentámos uma vez — disse Cadwallon — e cinquenta dos nossos homens morreram afogados na maré no espaço de uma semana, enquanto outros cinquenta tiritavam, inundados pelos seus próprios excrementos. Nem uma só vez os seus guerreiros deixaram de nos cercar montados nos seus pôneis, uivando e manuseando as suas longas lanças que jorravam da noite. Quando chegámos a Boduan, tudo o que havia era um muro enorme onde estavam penduradas coisas moribundas que se esvaíam em sangue, gritavam e se contorciam nos ganchos que as prendiam. Nenhum dos meus homens se atreveu a trepar por aquele horror acima. Nem eu — admitiu. — E se o tivesse feito, de que me serviria isso? Ele teria fugido para Ynys Mon e eu teria precisado de dias e semanas até conseguir arranjar barcos para o seguir por água. Não disponho de tempo, nem de soldados, nem de ouro suficientes para empurrar Diwrnach para o mar, por isso entrego-lhe as crianças.

Gritou para um escravo, para que este lhe trouxesse mais carne e em seguida lançou um olhar irritado a Ceinwyn.

— Entregue-a a ele — disse ele a Merlim — e então ele talvez lhe dê o Caldeirão.

— Não lhe darei nada em troca do Caldeirão — ripostou Merlim. — Além do mais, ele nem sabe que o Caldeirão existe.

— Agora já sabe — acrescentou Byrthig. — Toda a Bretanha conhece a razão que vos leva a viajar para o Norte. E por acaso pensais que os feiticeiros dele não querem encontrar o Caldeirão?

Merlim sorriu.

— Enviai os vossos lanceiros comigo, meu Rei, e juntos apoderar-nos-emos do Caldeirão e de Lleyn.

Cadwallon bufou ao ouvir a proposta.

— Diwrnach, Merlim, ensina a um homem como há de ser bom vizinho. Permitirei que atravesse o meu território, pois temo as pragas que me possas rogar se o não fizer. Mas nem um dos meus homens te acompanhará, e quando os teus ossos forem enterrados nas areias de Lleyrn, direi a Diwrnach que nada tive a ver com o facto de teres violado a minha propriedade.

— Ireis revelar-lhe a estrada que vamos tomar? — perguntou Merlim, já que nesse momento tínhamos de escolher entre duas estradas. Uma contornava a costa e era a estrada para norte habitualmente usada no inverno, e a outra era a Estrada Sombria que muitos homens reconheciam ser intransitável durante o inverno. Merlim esperava que viajando pela Estrada Sombria pudesse surpreender Diwrnach e sair de Ynys Mon antes mesmo que ele tivesse dado pela nossa presença.

Cadwallon sorriu pela única vez naquela noite.

— Ele já sabe — disse o rei, olhando depois para Ceinwyn, a figura mais resplandecente entre todas as que se encontravam no salão escurecido pelo fumo. — E sem dúvida que aguarda ansiosamente a vossa chegada.

Será que Diwrnach sabia que estávamos a pensar percorrer a Estrada Sombria? Ou estaria Cadwallon a fazer conjeturas? Fosse como fosse, cuspi, para que todos ficássemos protegidos do mal. O solstício estava para breve, a longa noite do ano em que a vida está em declínio, a esperança vacila e os demónios dominam os ares. E seria nessa altura que atravessaríamos a Estrada Sombria.

Cadwallon tomava-nos por loucos, Diwrnach aguardava-nos e nós cobrimo-nos com as nossas peles e adormecemos.

Na manhã seguinte, o Sol brilhava, transformando os cumes circundantes em espigões de um branco ofuscante que feria os olhos. O céu estava quase límpido e um vento forte arrancava a neve ao solo, formando nuvens de partículas reluzentes que deslizavam com suavidade ao longo da terra alva. Carregámos os pôneis, aceitámos a pele de carneiro com que Cadwallon nos presenteou de má vontade e iniciámos a nossa marcha na direção da Estrada Sombria, que começava precisamente a norte de Caer Gei. Era uma estrada despovoada, onde não havia uma única quinta, uma só alma que nos oferecesse abrigo. Nada, a não ser um trilho acidentado que furava a barreira formada pelas montanhas agrestes e protegia o coração do território de Cadwallon dos Escudos Sanguinários de Diwrnach. Dois postes assinalavam o início da estrada, ambos encimados por crânios humanos embrulhados em farrapos e de onde pendiam longos pingentes de gelo que retiniam embalados pelo vento. Os crânios estavam virados para norte, na

direção de Diwrnach, quais dois talismãs destinados a manter a influência maléfica deste do outro lado das montanhas. Vi Merlim tocar um amuleto de ferro que trazia pendurado ao pescoço no momento em que passávamos entre os dois crânios e recordei a terrível promessa segundo a qual ele começaria a morrer no instante em que pisasse a Estrada Sombria. No momento em que as nossas botas calcaram a imaculada camada de neve que cobria a estrada, eu soube que aquele juramento de morte começara a funcionar. Fitei-o, mas não vi sinais de angústia ao longo de todo aquele dia à medida que escalávamos as colinas, deslizando na neve e caminhando penosamente, envoltos na nuvem de neblina formada pela nossa própria respiração. Nessa noite pernoitámos na cabana abandonada de um pastor que, ditosamente, ainda conservava um telhado grosseiro feito de tábuas velhas e palha podre com a qual ateámos uma fogueira que tremeluzia debilmente na escuridão nívea.

Na manhã seguinte, ainda não tínhamos percorrido uns duzentos e cinquenta metros quando um corno soou nas nossas costas. Parámos, virámo-nos e fazendo uma pala com as mãos para proteger os olhos, vimos uma fila de homens formando uma linha escura no cume de uma colina ao longo da qual tínhamos deslizado na tarde do dia anterior. Eram quinze, todos armados com escudos, espadas e lanças, e quando viram que tinham atraído as nossas atenções, iniciaram a descida da traiçoeira colina coberta de neve, ora correndo, ora escorregando ao longo da encosta. À medida que avançavam, produziam grandes nuvens turvas que o vento empurrava para oeste.

Sem esperarem pelas minhas ordens, os meus homens formaram uma linha, desapertaram os escudos e baixaram as lanças para constituir um escudo defensivo que atravessava a estrada. Eu atribuíra as responsabilidades de Cavan a Issa e ele gritou-lhes que se mantivessem firmes. No entanto, mal ele acabara de falar quando eu reconheci a curiosa insígnia pintada num dos escudos agora cada vez mais próximos. Era uma cruz, e eu só conhecia um único homem que usasse aquele símbolo cristão. Galaad.

— Companheiros! — gritei para Issa e depois desatei a correr. Naquele momento conseguia ver claramente os homens que se aproximavam. Todos eles faziam parte do grupo de soldados que eu deixara na Silúria, forçados a servir na guarda palaciana de Lancelote. Os seus escudos ainda ostentavam a máscara de urso que era a insígnia de Artur, embora fossem comandados pela cruz de Galaad. Tal como eu, Galaad acenava e gritava, pelo que nenhum de nós ouviu uma só palavra do que o outro disse até termos caído nos braços um do outro.

— Meu Príncipe — saudei-o e tornei a abraçá-lo, pois ele foi de facto o melhor de todos os amigos que alguma vez tive.

Tinha cabelos louros e um rosto tão largo e vigoroso quanto o de Lancelote, seu meio-irmão, era estreito e delicado. Tal como Artur, a sua figura inspirava confiança e se todos os Cristãos tivessem sido como Galaad, creio que teria abraçado o culto da cruz naqueles dias longínquos.

— Passámos a noite do outro lado da montanha — indicou com um gesto a estrada atrás de nós — e metade dos homens ficaram enregelados; vocês, no entanto, devem ter descansado ali, não? — Apontou para a coluna de fumo que ainda se desprendia da nossa fogueira.

— Quentes e secos — disse eu, e depois de os recém-chegados terem saudado os seus velhos camaradas, eu próprio os abracei a todos e disse a Ceinwyn como se chamavam. Um por um ajoelharam e juraram-lhe lealdade. Todos sabiam que ela se escapulira da sua festa de noivado para se juntar a mim, e amavam-na por isso, erguendo agora as lâminas descobertas das espadas para que as mesmas pudessem ser agraciadas com o seu toque real. — E que é feito dos outros homens? — perguntei a Galaad.

— Foram juntar-se a Artur. — Fez uma careta. — Nenhum dos cristãos veio comigo, infelizmente. Exceto eu.

— Achas que um Caldeirão pagão compensa tudo isto? — perguntei eu, indicando com um gesto a estrada gelada que se estendia à nossa frente.

— Diwrnach espera-nos no fim da estrada, meu amigo — disse Galaad — e segundo oiço dizer, a sua crueldade iguala tudo o que alguma vez possa ter saído de dentro do covil do diabo. A missão de um cristão é combater o mal e por isso aqui estou.

Saudou Merlim e Nimue e, em seguida, enquanto príncipe com a mesma condição social de Ceinwyn, abraçou-a.

— Sois uma mulher afortunada — ouvi-o sussurrar.

Ela sorriu e beijou-lhe a face.

— E agora mais ainda, meu Príncipe, pois estais aqui connosco.

— Isso é verdade, claro. — Galaad deu um passo atrás e o seu olhar pousou em cada um de nós, alternadamente. — Toda a Bretanha fala de vocês os dois.

— Porque toda a Bretanha está cheia de línguas ociosas — interveio Merlim, num surpreendente acesso de mau génio — e temos uma viagem pela frente quando os dois tiverem dado por terminada a tagarelice.

O seu rosto estava tenso e o seu humor irritadiço. Atribuí-o à idade e ao caminho árduo que percorríamos em tempo frio e fiz por não pensar no seu juramento de morte.

A travessia das montanhas demorou outros dois dias. A Estrada Sombria não era longa, mas era acidentada, seguindo por colinas íngremes e furando vales profundos onde o mais ínfimo dos sons ressoava cavernoso e frio nas paredes geladas. Encontrámos um povoado abandonado onde

passámos a nossa segunda noite na estrada. Era um conjunto de cabanas de pedra redondas, amontoadas no interior de uma muralha com a altura de um homem, sobre a qual colocámos três homens de guarda às encostas que reluziam sob a claridade brilhante da Lua. Não tínhamos com que atear uma fogueira, pelo que nos sentámos muito juntos entoando melodias, contando histórias e tentando não pensar nos Escudos Sanguinários. Naquela noite, Galaad contou-nos novidades da Silúria. O irmão, disse ele, recusara-se a ocupar a antiga capital de Gundleus em Nidum, pois era muito distante de Dumnónia e não tinha outros confortos para além de um aquartelamento romano em ruínas. Assim, mudara a sede do governo da Silúria para Isca, a enorme fortaleza romana que se erguia nas margens do Usk, no extremo mais remoto do território da Silúria e muito próximo de Gwent. Era o mais perto que Lancelote conseguia chegar de Dumnónia, sem sair da Silúria.

— Ele gosta de pavimentos de mosaico e paredes de mármore — disse Galaad — e em Isca há-os em quantidades suficientes para o manter satisfeito. Juntou todos os druidas da Silúria à sua volta.

— Não há druidas na Silúria — rugiu Merlim. — Nenhum que seja bom, em todo o caso.

— Aqueles que se autointitulam druidas, então — disse Galaad, pacientemente. — Há dois que ele estima particularmente e paga-lhes para que lancem maldições.

— Sobre mim? — perguntei, tocando o ferro que cobria o punho de Hywelbane.

— Entre outros — disse Galaad, olhando de soslaio para Ceinwyn e fazendo o sinal da cruz. — Com o tempo, ele acabará por esquecer — acrescentou, tentando tranquilizar-nos.

— Esquecerá quando estiver morto — disse Merlim — e mesmo assim, continuará a guardar ressentimento quando atravessar a ponte das espadas. — Estremeceu, não por temer a inimizade de Lancelote, mas porque estava com frio. — Quem são esses supostos druidas que ele tanto estima?

— Os netos de Tanaburs — disse Galaad, e eu senti uma mão gelada apertar-se em redor do meu coração. Eu matara Tanaburs, e embora tivesse o direito de roubar a sua alma, sabia que aquele que ousava matar um druida não deixava de ser um louco corajoso. A maldição lançada por um Tanaburs moribundo ainda me perseguia.

No dia seguinte avançámos devagar, acertando o passo pelo de Merlim. Ele insistia em dizer que se sentia bem e recusava a minha ajuda, mas cambaleava com frequência, o rosto tornara-se amarelado e macilento e respirava com dificuldade. Julgávamos que ao anoitecer já teríamos ultrapassado o último desfiladeiro, mas à hora em que a claridade diurna entra-

va em declínio, ainda escalávamos a subida que nos conduziria à passagem. Durante toda a tarde, a Estrada Sombria serpenteara colina acima, embora na realidade a designação de estrada soasse ridícula, pois nada mais era do que um medonho caminho pedregoso aqui e ali interrompido por um ribeiro gelado, frequentemente pontuado por pequenas quedas de água de cujos rebordos pendiam pingentes de gelo. Os pôneis não paravam de escorregar e, por vezes, recusavam-se pura e simplesmente a mover-se; tínhamos a impressão de passar mais tempo a ampará-los do que a conduzi-los, mas no momento em que as últimas luzes frias morriam a ocidente, chegámos ao desfiladeiro, que era tal e qual como eu o entrevira no sonho arrepiante que tivera no cume do Dolforwyn. Era tão ermo quanto gelado, embora não houvesse nenhum vampiro negro a barrar a Estrada Sombria, que agora se precipitava a pique para a estreita planície costeira de Lley, seguindo depois para norte, em direção à costa.

E para além da costa ficava Ynys Mon.

Eu nunca vira a Ilha Abençoada. Ouvira falar nela durante toda a minha vida, conhecia o seu poder e lamentava a destruição infligida pelos Romanos no Ano Negro, mas nunca a tinha visto a não ser em sonhos. Naquele momento, no crepúsculo de inverno, não apresentava qualquer semelhança com a sua imagem idealizada. Não estava banhada pelo Sol, mas sim obscurecida pelas nuvens, o que fazia com que a grande ilha parecesse sombria e ameaçadora, um prenúncio agravado pelo cintilar sinistro dos lagos negros que trespassavam as suas colinas pouco elevadas. A ilha quase não tinha neve, mas as suas cristas rochosas surgiam esbranquiçadas, fruto da erosão provocada pela ferocidade do mar cinzento. Caí de joelhos perante a visão da ilha, todos nós o fizemos à exceção de Galaad; mas até ele acabou por apoiar um dos joelhos no solo em sinal de respeito. Enquanto cristão, sonhava por vezes com uma viagem a Roma ou à longínqua Jerusalém, se é que esta existia realmente, mas Ynys Mon era a nossa Roma e a nossa Jerusalém, e naquele momento o seu solo sagrado desdobrava-se perante os nossos olhos.

Além disso estávamos em Lley. Tínhamos atravessado a fronteira não demarcada e, abaixo de nós, estendiam-se os esparsos povoados da planície costeira, as terras arrendadas de Diwrnach. Os campos estavam ligeiramente cobertos de neve, colunas de fumo escapavam-se das cabanas, mas nenhum movimento humano parecia visível naquele espaço escuro e todos nós, creio eu, perguntávamos a nós próprios como iríamos atravessar o espaço que separava o continente da ilha.

— Existem barqueiros nos estreitos — disse Merlim, lendo os nossos pensamentos.

Ele era o único que já estivera em Ynys Mon, mas isso acontecera mui-

tos anos antes, muito antes de ele ter ficado a saber que o Caldeirão ainda existia. Deslocara-se até lá no tempo em que Leodegan, o pai de Guinevere, governava o país antes da chegada dos navios grosseiros de Diwrnach, vindos da Irlanda com o fito de arrasar Leodegan e expulsar do país as suas filhas órfãs de mãe.

— De manhã — disse Merlim, — caminharemos até à costa e pagaremos aos nossos barqueiros. Quando Diwrnach souber que pisámos os seus domínios, já teremos partido.

— Ele seguir-nos-á até Ynys Mon — disse Galaad, nervoso.

— Nessa altura também já teremos partido — disse Merlim.

Espirrou. Parecia transido de frio. O nariz pingava, as faces estavam pálidas e de tempos a tempos tremia incontrolavelmente. Apesar disso conseguiu descobrir umas ervas poeirentas que guardava dentro de uma pequena bolsa de couro e engoliu-as juntamente com uma mão-cheia de neve derretida, insistindo em dizer que se sentia bem.

Na manhã seguinte, o seu aspeto era ainda pior. Tínhamos pernoitado numa fenda entre as rochas, onde não ousáramos acender uma fogueira, apesar do feitiço dissimulador que Nimue conseguira fazer com a ajuda de um crânio de doninha que encontráramos num ponto mais elevado da estrada. As nossas sentinelas tinham ficado de guarda à planície costeira, onde três pequenos clarões de luz traíam a presença de vida, enquanto nós permanecíamos muito juntos, entre os rochedos, tremendo e maldizendo o frio e imaginando se a aurora chegaria a romper. Ela chegou, enfim, espalhando uma claridade penetrante e desagradável que fazia com que a ilha distante parecesse mais escura e ameaçadora do que nunca. Todavia, o feitiço de Nimue pareceu surtir efeito, pois nenhum lanceiro guardava o fim da Estrada Sombria.

Merlim tremia e estava demasiado fraco para poder andar. Por isso, quatro dos meus soldados transportavam-no numa padiola feita de capas e lanças, enquanto deslizávamos sem ser notados até às primeiras árvores de Lleyrn, vergadas pelo vento. A estrada fazia um rombo naquele ponto e os sulcos que rasgavam a sua superfície estavam gelados nos sítios onde ela serpenteava por entre carvalhos arqueados, azevinho franzino e pequenos campos votados ao abandono. Merlim gemia e estremecia, e Issa perguntou se não seria melhor voltar para trás.

— Voltar a atravessar as montanhas — disse Nimue — seria com certeza a morte dele. Seguimos em frente.

Chegámos a uma bifurcação e aí encontrámos o primeiro indício de Diwrnach. Era um esqueleto, atado com cordas feitas de crina de cavalo e pendurado num poste, cujas ossadas ressequidas chocalhavam agitadas pelo vento agreste que soprava de oeste. Por baixo dos ossos viam-se três

corvos fixos ao poste com pregos, e Nimue cheirou os corpos rígidos tentando decidir que tipo de magia fora impregnada nas suas mortes.

— Mija! Mija! — Merlim conseguiu dizer, deitado na sua liteira. — Depressa, rapariga! Mija! — Tossiu horrivelmente e depois virou a cabeça para cuspir a expetoração para a vala.

— Não vou morrer! — disse para si mesmo. — Não vou morrer! — Tornou a deitar-se enquanto Nimue se agachava junto ao poste.

— Ele sabe que estamos aqui — advertiu-me Merlim.

— Ele está aqui? — perguntei, baixando-me até junto dele.

— Alguém está. Tem cuidado, Derfel. — Fechou os olhos e suspirou. — Estou tão velho — disse em voz baixa, — terrivelmente velho. — Existe uma maldição aqui, sobre nós. — Abanou a cabeça. — Leva-me para a ilha, nada mais. Chega à ilha, é tudo o que te peço. O Caldeirão curará tudo.

Nimue terminou, depois esperou para ver a direção que tomavam os vapores da sua urina, que o vento empurrou para a direita da bifurcação. E foi esse presságio que decidiu o nosso caminho. Antes de partirmos, Nimue dirigiu-se até um dos póneis e procurou um saco de couro de onde tirou um punhado de pontas de seta em sílex e pedras-d'água que distribuiu pelos soldados.

— Proteção — explicou enquanto depunha uma amotite na padiola de Merlim. — Em frente — ordenou ela.

Caminhámos toda a manhã, retardando a marcha para transportar Merlim. Não vimos ninguém e essa ausência de vida fez nascer um medo terrível entre os meus homens, pois parecia que tínhamos penetrado numa terra de mortos. As sebes estavam cobertas de sorvas e bagas de azevinho, os ramos das árvores serviam de poiso a tordos e piscos, mas não havia gado, nem carneiros, nem homens. Vimos uma povoação de onde se desprendia uma coluna de fumo que se elevava nos ares, impelida pelo vento, mas estava muito distante de nós e ninguém parecia estar a observar-nos desde a muralha circular.

No entanto, havia homens naquela terra desolada. Comprovámo-lo quando parámos para descansar num pequeno vale, onde um ribeiro corria, indolente, entre as suas margens geladas, abrigado por um bosque de pequenos carvalhos escuros e vergados pelo vento. Cada um dos intrincados ramos estava delicadamente ornamentado por uma camada de geada branca. Descansámos sob eles até Gwilym, um dos soldados que guardava a nossa retaguarda, me ter chamado.

Fui até à orla de carvalhos e vi que uma fogueira tinha sido ateadada em baixo, na encosta montanhosa. Não havia vestígios de chamas, apenas um véu espesso de fumo cinzento que se agitava furiosamente antes de ser var-

rido pelo vento oeste. Gwilym apontou na direção do fogo com a lâmina da espada e depois cuspiu para afastar o mal que dela poderia advir.

Galaad veio ao meu encontro.

— Um sinal? — perguntou.

— Provavelmente.

— Então eles sabem que estamos aqui? — Benzeu-se.

— Sabem. — Nimue juntou-se a nós. Carregava o pesado bastão negro de Merlim e era a única que parecia transbordar de energia naquele lugar frio e morto. Merlim estava doente, nós estávamos paralizados pelo medo, mas quanto mais penetrávamos nas terras sombrias de Diwrnach, mais feroz Nimue se tornava. Estava a aproximar-se do Caldeirão, e a atração que este exercia inflamava-lhe os ossos. — Estamos a ser observados.

— Podes esconder-nos? — perguntei, desejoso de um dos seus feitiços de dissimulação.

Abanou a cabeça.

— Estamos no país deles, Derfel, onde os Deuses deles são poderosos.

Esboçou um sorriso escarninho quando Galaad fez o sinal da cruz pela segunda vez.

— O vosso Deus crucificado não derrotará Crom Dubh — disse.

— Ele está aqui? — perguntei, receoso.

— Ou alguém como ele — disse ela.

Crom Dubh era o Deus Negro, um horror estropiado e malévolo que provocava pesadelos aterradores. Os outros Deuses, dizia-se, evitavam Crom Dubh, o que indicava que estávamos sós, à mercê do seu poder.

— Nesse caso estamos condenados — disse Gwilym, num tom categórico.

— Louco! — invetivou Nimue. — Só estaremos condenados se não conseguirmos encontrar o Caldeirão. Então, sim, estaremos todos irremediavelmente perdidos. Vais ficar a olhar para aquele fumo o dia inteiro? — perguntou-me ela.

Afastámo-nos. Merlim já não conseguia falar e os seus dentes tiritavam, ainda que amontoássemos peles sobre ele.

— Ele está a morrer — disse Nimue, calmamente.

— Nesse caso deveríamos procurar um abrigo — disse eu — e acender uma fogueira.

— Para que todos possamos estar quentes quando formos massacrados pelos soldados de Diwrnach? — escarneceu ela. — Ele está a morrer, Derfel — explicou — porque está perto do seu sonho e porque fez um acordo com os Deuses.

— A vida dele em troca do Caldeirão? — perguntou Ceinwyn, aproximando-se do lado oposto.

— Não exatamente — admitiu Nimue. — Mas enquanto vocês dois arranjavam a vossa casinha — fez esta observação num tom sarcástico, — nós fomos até Cadair Idris. Fizemos um sacrifício, o sacrifício antigo, e Merlim ofereceu a sua vida como garantia, não ao Caldeirão, mas à demanda. Se encontrarmos o Caldeirão, ele viverá, mas se fracassarmos, morrerá e a alma-sombra do sacrifício poderá reclamar a alma de Merlim para toda a eternidade.

Eu sabia o que era o sacrifício antigo, embora nunca tivesse ouvido dizer que continuava a ser praticado no nosso tempo.

— Quem foi o sacrifício? — perguntei.

— Ninguém que conheças. Ninguém que nós conhecêssemos. Um homem, apenas. — Nimue falou com desdém. — Mas a sua alma-sombra está aqui, observando-nos, e quer que fracássemos. Quer a vida de Merlim.

— E se Merlim acabar por morrer? — perguntei.

— Não morrerá, louco! Não, se encontrarmos o Caldeirão.

— Se eu o encontrar — disse Ceinwyn, nervosa.

— Encontrarás — retorquiu Nimue, confiante.

— Como?

— Sonharás — disse Nimue — e o sonho conduzir-nos-á até ao Caldeirão.

E Diwrnach, compreendi quando chegámos aos estreitos que separavam o continente da ilha, queria que o encontrássemos. A fogueira fora o sinal de que estávamos a ser vigiados pelos seus homens, mas estes não se tinham mostrado nem tentado impedir a nossa viagem, o que sugeria que Diwrnach estava ao corrente da nossa demanda e queria que a mesma fosse bem-sucedida para que ele próprio pudesse apoderar-se do Caldeirão. Não havia outra explicação para o facto de não estar a levantar obstáculos à nossa viagem até Ynys Mon.

Os estreitos não eram largos, mas a água cinzenta rodopiava, sugava e formava espuma à medida que varria impetuosamente o canal. O mar corria veloz por entre aquelas passagens estreitas, formando perigosos redemoinhos ou quebrando-se em vagas de espuma branca contra rochedos escondidos. O mar, porém, não era tão assustador como a costa distante, que se erguia perante os nossos olhos absolutamente vazia, escura e desabrigada, quase como se esperasse a oportunidade certa para sugar as nossas almas. Estremeci ao observar a colina coberta de erva, perdida na distância, sem poder deixar de pensar naquele longínquo Dia Negro em que os Romanos chegaram a esta mesma costa rochosa e em que a distante margem oposta se encheu de druidas, que lançavam as suas temíveis maldições na direção dos soldados estrangeiros. As maldições tinham falhado, os Romanos tinham feito a travessia até à outra margem e Ynys Mon perecera.

Agora ali estávamos nós, no mesmo local, num último e desesperado esforço para fazer recuar os anos e rebobinar séculos de tristezas e sofrimentos, para que a Bretanha voltasse a ser o estado abençoado que era antes da chegada dos Romanos. Nessa altura seria a Bretanha de Merlim, a Bretanha dos Deuses, a Bretanha liberta dos Saxões, a Bretanha repleta de ouro, salões rejubilantes e milagres.

Caminhámos para leste, na direção da zona menos larga dos estreitos e aí, depois de contornarmos um rochedo e por baixo de uma fortaleza deserta, encontrámos dois barcos que tinham sido içados até ficar sobre os seixos de uma enseada minúscula. Uma dúzia de homens aguardava junto aos barcos, quase como se estivessem à nossa espera.

— São os barqueiros? — perguntou-me Ceinwyn.

— Os barqueiros de Diwrnach — respondi eu e levei a mão à cobertura de ferro do punho de Hywelbane. — Querem que atravessemos — disse eu, e senti medo pois o rei estava a facilitar demasiado a nossa missão.

Os marinheiros não se sentiam de modo nenhum atemorizados pela nossa presença. Eram criaturas atarracadas, de aspeto endurecido, com escamas de peixe espetadas na barba e vestidos com grossas vestimentas de lã. Não tinham quaisquer armas para além das facas de amanhar o peixe e os arpões. Galaad perguntou-lhes se tinham visto alguns dos lanceiros de Diwrnach, mas eles limitaram-se a um encolher de ombros, como se a língua que ele falava não tivesse qualquer significado para eles. Nimue dirigiu-se a eles em irlandês, a sua língua de origem, e eles responderam-lhe com um mínimo de educação. Alegaram que não tinham visto nenhum dos Escudos Sanguinários, mas disseram-lhe que tínhamos de esperar até que a maré atingisse o nível desejado para que pudéssemos fazer a travessia. Só então, ao que parecia, os estreitos seriam seguros para os barcos.

Fizemos uma cama para Merlim num dos barcos, depois Issa e eu escalámos a fortaleza deserta e espreitámos para o seu interior. Uma segunda coluna de fumo elevava-se para o céu, desde o vale dos carvalhos retorcidos. Fora isso, porém, nada mudara e não havia inimigos à vista. Eles estavam lá, no entanto. Não era necessário ver os seus escudos toscamente pintados de sangue para saber que estavam por perto. Issa tocou a lâmina da espada.

— Creio, senhor — disse ele, — que Ynys Mon seria um bom lugar para morrer.

Sorri.

— Seria um lugar ainda melhor para viver, Issa.

— Mas as nossas almas estarão com certeza a salvo, se morrermos em solo sagrado? — perguntou ele, ansiosamente.

— Estarão a salvo — prometi-lhe — e tu e eu atravessaremos juntos a ponte das espadas.

E Ceinwyn, jurei a mim mesmo, estaria um passo ou dois à nossa frente, pois eu próprio a mataria antes que um dos homens de Diwrnach pudesse tocar-lhe. Saquei Hywelbane, cuja lâmina estava ainda manchada pela fuligem sobre a qual Nimue escrevera o seu feitiço, e encostei a ponta ao rosto de Issa.

— Jura — ordenei-lhe.

Apoiou-se sobre um dos joelhos.

— Dizei, senhor.

— Se eu morrer, Issa, e Ceinwyn ainda viver, deves matá-la com um golpe de espada antes que os homens de Diwrnach possam capturá-la.

Ele beijou a ponta da espada.

— Juro, senhor.

À hora da maré-alta, o redemoinho de correntes desapareceram e o mar ficou calmo à exceção das ondas batidas pelo vento, que faziam flutuar os dois barcos, elevando-os acima dos seixos da praia. Colocámos os póneis a bordo e em seguida ocupámos os nossos lugares. Os barcos eram compridos e estreitos e, mal nos tínhamos instalado entre as pegajosas redes de pesca, os barqueiros fizeram-nos sinal para que tirássemos a água que se infiltrara através das tábuas revestidas de alcatrão. Usámos os nossos elmos para vazar o mar gelado e mandá-lo de volta ao seu devido lugar, e eu rezei a Manawydan, o Deus do mar, para que ele nos poupasse enquanto os barqueiros enfiavam os remos compridos entre os toletes. Merlim tremia. Nunca até aí vira o seu rosto tão pálido, ainda que tingido por um amarelo repugnante e salpicado da espuma que escorria dos cantos do lábios. Não estava consciente e murmurava coisas estranhas no meio do seu delírio.

Os barqueiros entoavam um estranho cântico à medida que manejavam os remos, mas ficaram em silêncio quando chegaram à zona central dos estreitos. Pararam, e um homem em cada um dos barcos gesticulou na direção do continente, que ficara para trás.

Virámo-nos. De início, só consegui distinguir a faixa escura da costa, sob a sombra das montanhas alva como a neve e negra como ardósia. Depois vi uma forma negra e andrajosa movendo-se logo depois da praia de seixos. Era um estandarte, simples faixas de trapos flutuantes amarradas a um mastro. Instantes depois, porém, uma fila de guerreiros perfilou-se acima da margem do estreito. Riam-se na nossa direção, e as suas gargalhadas sonoras furavam o vento gelado e sobrepunham-se ao rumorejar das ondas. Todos eles montavam póneis felpudos e todos estavam vestidos com o que pareciam ser tiras de um pano preto andrajoso que, agitadas pela brisa, flutuavam como flâmulas. Estavam armados com escudos e empunhavam as lanças de guerra extremamente compridas de que os Irlandeses

tanto gostavam. Nem os escudos nem as lanças me assustaram, mas algo na sua aparência selvagem, esfarrapada e nas cabeleiras longas fez com que o meu corpo fosse subitamente percorrido por um calafrio. Ou, então, talvez este calafrio tivesse sido provocado pela saraiva que começara a trespassar o vento oeste, agitando a superfície cinzenta do mar.

Os andrajosos cavaleiros negros observavam-nos enquanto os nossos barcos atracavam em Ynys Mon. Os barqueiros ajudaram-nos a içar Merlim e os pôneis e a depô-los na margem, em segurança, e depois tornaram a fazer-se ao mar.

— Não deveríamos ter deixado ficar os barcos aqui? — perguntou-me Galaad.

— Como? — perguntei. — Teríamos de dividir os homens e colocar alguns a guardar os barcos e destacar outros para acompanhar Ceinwyn e Nimue.

— Então, como é que saímos da ilha? — perguntou Galaad.

— Com o Caldeirão — adotei a confiança de Nimue, — tudo é possível.

Não tinha outra resposta para lhe dar e não me atrevia a contar-lhe a verdade. A verdade é que me sentia condenado. Era como se, até naquele momento, todas as maldições dos druidas antigos nos deixassem a alma gelada.

Deixámos a praia e rumámos para norte. As gaivotas gritavam na nossa direção, revolteando à nossa volta no meio da saraiva, que caía misturada com chuva à medida que escalávamos as rochas em direção a uma charneca batida pelo vento, pontuada aqui e ali por um ou outro afloramento rochoso. Nos velhos tempos, antes de os Romanos terem destruído Ynys Mon, aquelas terras tinham sido densamente povoadas por carvalhos sagrados, à sombra dos quais eram executados os grandes mistérios da Bretanha. As novas saídas desses rituais governavam as estações na Bretanha, Irlanda e até na Gália, pois fora aí que os Deuses tinham descido à terra e fora aí que se estabelecera o mais forte dos laços que unira os homens aos Deuses, antes que o mesmo fosse quebrado pelas espadas curtas dos Romanos. Estávamos em solo sagrado, e penoso também, já que depois de uma escassa hora de marcha, chegámos a um vasto paul que parecia barrar o caminho que nos conduziria ao interior da ilha. Percorremos a linha fronteira do paul, procurando um trilho, mas não havia nenhum. Deste modo, quando a luminosidade começou a definhar, usámos as hastes das lanças para descortinar a passagem mais firme por entre as ervas altas e pontiagudas e as devoradoras e traiçoeiras manchas pantanosas. Tínhamos as pernas encharcadas de lama gelada e a saraiva conseguia infiltrar-se na nossa pele. Um dos pôneis ficou preso e o outro entrou em pânico, for-

çando-nos a descarregar os dois animais para distribuir os fardos que eles transportavam entre nós, e depois abandonámo-los.

Continuámos a caminhar com esforço. De quando em vez, sentávamo-nos sobre os nossos escudos circulares que faziam as vezes de pequenos barcos delgados onde apoiávamos o nosso peso até que, inevitavelmente, a água salobra ultrapassava o rebordo e forçava-nos a ficar novamente de pé. A saraiva tornou-se mais intensa e mais densa, fustigada por um vento cada vez mais forte que achatava a erva pantanosa e impelia o frio a penetrar bem fundo, até aos ossos. Merlim gritava palavras estranhas e sacudia a cabeça de um lado para o outro, enquanto alguns dos meus homens começavam a soçobrar, exauridos pelo frio e pela malevolência dos Deuses, fossem eles quem fossem, que governavam aquela terra arruinada.

Nimue foi a primeira a alcançar o extremo mais longínquo do paul. Saltava de tufo em tufo, indicando-nos o trilho a seguir até que, finalmente, pisou terreno firme sobre o qual se pôs a saltar, provando que em breve estaríamos em segurança. Então, ficou petrificada durante alguns segundos, até se decidir a apontar o bastão de Merlim na direção de onde viéramos.

Virámo-nos para descobrir que éramos seguidos pelos cavaleiros negros, que nesse momento eram mais numerosos. Uma horda de Escudos Sanguinários andrajosos observavam-nos desde o lado mais afastado do paul. Três estandartes esfarrapados tinham sido içados diante deles, um dos quais em jeito de saudação irónica, antes de os cavaleiros virarem os seus póneis para leste.

— Nunca deveria ter-te trazido até aqui — disse eu a Ceinwyn.

— Não me trouxeste, Derfel — disse ela. — Eu vim de livre e espontânea vontade. — Tocou o meu rosto com um dedo enluvado. — E havemos de partir da mesma maneira, meu amor.

Escalámos o paul e, do outro lado da pequena elevação, deparámo-nos com uma paisagem formada por pequenos campos cultivados encaixados entre charnecas grosseiras e inesperados afloramentos rochosos. Precisávamos de um refúgio para a noite e encontrámo-lo num povoado constituído por oito cabanas de pedra, circundadas por uma muralha da altura de uma lança. O local estava deserto, embora se notassem indícios evidentes da presença de pessoas, pois os pequenos abrigos de pedra estavam limpos e as cinzas das lareiras ainda estavam quentes. Retirámos o telhado de turfa que cobria um dos abrigos e partimos as vigas do teto em pedaços, que usámos para acender uma fogueira para Merlim, que nesse momento tremia e delirava. Colocámos um soldado de guarda, despimos as nossas peles e tentámos secar as botas encharcadas e as pernas húmidas.

Então, no instante em que a última réstea de luz morria no céu cinzento, subi à muralha e perscrutei a paisagem circundante. Não vi nada.

Quatro dos elementos do grupo ficaram de guarda durante a primeira parte da noite e, em seguida, Galaad e outros três soldados encarregaram-se de vigiar o que restava daquela escuridão varrida pela chuva. Nenhum de nós ouviu qualquer outro ruído para além do vento e do crepitar do fogo no interior do abrigo. Não ouvimos nada, não vimos nada. Todavia, às primeiras luzes pálidas da manhã, uma cabeça de carneiro recentemente cortada e ensanguentada decorava uma das zonas da muralha.

Com um gesto zangado, Nimue arrancou a cabeça de carneiro da cumeeira da muralha, gritando um desafio aos céus. Tirou uma bolsa de pó cinzento e espalhou-o sobre o sangue fresco, em seguida deu uma pancada seca e breve na muralha com o bastão de Merlim e disse-nos que a malevolência tinha sido contrariada. Acreditámos nela porque queríamos acreditar nela, da mesma forma que queríamos acreditar que Merlim não estava a morrer. Ele, no entanto, exibia uma palidez mortal, a sua respiração era fraca e não produzia qualquer som. Tentámos alimentá-lo com o que sobrava do nosso pão, mas ele cuspiu as migalhas, atabalhoadamente.

— Temos de encontrar o Caldeirão hoje — disse Nimue calmamente, — antes que ele morra.

Juntámos as nossas coisas, pusemos os escudos ao ombro, pegámos nas lanças e seguimo-la para norte.

Nimue conduzia o grupo. Merlim contara-lhe tudo o que sabia sobre a ilha sagrada e esse conhecimento guiou-nos para norte durante toda a manhã. Os Escudos Sanguinários apareceram pouco depois de termos deixado o abrigo e, agora que nos aproximávamos da nossa meta, tornavam-se mais ousados, havendo cerca de uma vintena de homens sempre visíveis e, por vezes, o triplo desse número. Formavam um círculo amplo à nossa volta, mas tomavam as precauções necessárias para se manterem fora do alcance das nossas lanças. A saraiva parara com o amanhecer, deixando ficar apenas um vento frio e húmido que fazia vergar as ervas que cobriam a charneca e agitava os farrapos escuros das capas dos cavaleiros negros.

Pouco passava do meio-dia quando chegámos ao local que Nimue designava por Lleyn Cerrig Bach. O nome significava «lago das pequenas pedras» e era um lençol de água escura, pouco profundo e rodeado de pauis. Ali, disse Nimue, os antigos Bretões tinham realizado as suas cerimónias mais sagradas e seria também ali, acrescentou, que teria início a nossa demanda. Aquele, porém, parecia um lugar inóspito para procurar o maior Tesouro da Bretanha. Para oeste havia um pequeno braço de mar pouco fundo, para além do qual ficava situada uma outra ilha; para sul e para norte viam-se apenas terras de cultivo e rochedos e a leste erguia-se uma pequena colina escarpada coroada por um grupo de rochas cinzentas seme-

lhantes a um conjunto de afloramentos rochosos por que passáramos nessa manhã. Merlim parecia morto. Tive de me ajoelhar ao seu lado e encostar o meu ouvido ao seu rosto para poder ouvir o arranhar quase inaudível de cada uma das suas penosas exalações. Pus a minha mão sobre a testa dele e senti-a fria. Beije-i-lhe a face.

— Vivei, senhor — sussurrei-lhe, — vivei.

Nimue disse a um dos meus homens que enterrasse uma lança no solo. Ele pressionou a ponta da lança na terra rija, depois Nimue pegou em meia dúzia de capas, pendurou-as no topo da lança, e prendendo as bainhas das capas com pedras, formou uma espécie de tenda. Os cavaleiros negros formaram um círculo à nossa volta, permanecendo no entanto a uma distância suficiente para não interferirem com a nossa atividade, nem nós com a deles.

Nimue remexeu debaixo das suas peles de lontra e tirou a taça prateada pela qual eu bebera no cimo do Dolforwyn e uma pequena garrafa de barro vedada com cera. Agachou-se debaixo da tenda e fez sinal a Ceinwyn para que a seguisse.

Enquanto esperava, contemplei as pregas escuras que o vento desenhava na superfície do lago. Foi então que Ceinwyn soltou um grito inesperado. Tornou a soltar um grito terrível e eu precipitei-me para a tenda, mas fui detido pela lança de Issa. Galaad, que como cristão que era, não era suposto acreditar em nada do que se estava a passar, colocou-se ao lado de Issa e encolheu os ombros.

— Agora que chegámos até aqui — disse ele, — devemos ir até ao fim.

Ceinwyn gritou de novo, e desta vez Merlim ecoou o grito dela soltando um gemido fraco e patético. Ajoelhei a seu lado e tentei não pensar nos horrores que Ceinwyn estaria a sonhar no interior da tenda negra.

— Senhor — chamou Issa.

Virei-me para ver que ele estava a olhar para sul, para o sítio onde um grupo de guerreiros acabava de se juntar ao círculo formado pelos Escudos Sanguinários. A maioria dos recém-chegados vinha montada em póneis, embora um dos homens montasse um esquálido cavalo negro. O homem, sabia-o, tinha de ser Diwrnach. O seu estandarte esvoaçava atrás dele: um mastro, no cimo do qual estava encaixada uma cruz onde estavam pendurados dois crânios e um conjunto de fitas negras. O rei estava envolto numa capa preta e sobre o dorso do seu cavalo preto fora colocado um teliz negro. Empunhava uma enorme lança negra que endireitou no ar antes de começar a avançar num trote lento. Estava sozinho, e quando ficou a cinquenta passos de distância de nós, desapertou o escudo redondo e, com aparato, virou-o mostrando que não vinha à procura de confronto.

Caminhei ao encontro dele. Nas minhas costas, Ceinwyn arfava e ge-

mia no interior da tenda em torno da qual se perfilavam os meus homens formando um anel protetor.

O rei vestia uma armadura de couro negro por baixo da capa e não usava elmo. O seu escudo parecia lascado pela ferrugem e eu supus que as lascas fossem as camadas de sangue seco, da mesma forma que a cobertura de pele só poderia ser a pele esfolada de uma jovem escrava. Deixou o escudo sinistro suspenso ao lado da bainha da longa espada negra enquanto refreava o cavalo e apoiava a extremidade da enorme lança no chão.

— Sou Diwrnach — disse ele.

Inclinei a cabeça perante ele.

— Sou Derfel, meu Rei.

Ele sorriu.

— Bem-vindo a Ynys Mon, Lorde Derfel Cadarn — disse ele, e não restavam dúvidas de que queria surpreender-me revelando que conhecia o meu nome completo e o meu título, embora o que mais me tivesse espantado fosse o facto de ele ser um homem atraente. Estava à espera de encontrar um vampiro de nariz adunco, uma personagem saída de um pesadelo. Diwrnach, porém, estava no início da maturidade, tinha uma testa larga, uma boca grande e uma barba negra bem aparada, que acentuava uma linha do maxilar pronunciada. A sua aparência nada tinha de demente, embora ele tivesse de facto um olho vermelho, o que era suficiente para o tornar uma figura assustadora. Encostou a lança ao flanco do cavalo e tirou um bolo de farinha de aveia de dentro de uma bolsa. — Pareceis estar com fome, Lorde Derfel — disse ele.

— O inverno é uma época de fome, meu Rei.

— Mas com certeza que não ireis recusar a minha oferenda? — Partiu o bolo de aveia em dois e atirou-me uma das metades. — Comei.

Aceitei o bolo e, em seguida, hesitei.

— Jurei que não comeria, senhor, até ter cumprido a minha missão.

— A vossa missão! — provocou-me. Depois, em movimentos lentos, enfiou a metade dele na boca. — Não estava envenenada, Lorde Derfel — disse, quando acabou de a comer.

— E porque haveria de estar, meu Rei?

— Porque eu sou Diwrnach e tenho muitas formas de matar os meus inimigos. — Tornou a sorrir. — Falai-me sobre a vossa missão, Lorde Derfel.

— Vim para rezar, meu Rei.

— Oh! — exclamou ele, proferindo a interjeição como se pretendesse sugerir que eu tinha clarificado todo aquele mistério por completo. — E as orações proferidas em Dumnónia são assim tão pouco eficazes?

— Estamos em território sagrado, senhor — disse eu.

— Estamos também no meu território, Lorde Derfel Cadarn — ri-postou ele — e, segundo creio, todos os estranhos deveriam procurar obter a minha autorização antes de defecar nas minhas terras ou mijar para as minhas paredes.

— Se vos ofendemos, senhor — disse eu, — pedimos-vos perdão.

— É demasiado tarde para isso — retorquiu ele, suavemente. — Estais aqui agora, Lorde Derfel, e eu consigo sentir o cheiro dos vossos excrementos. Tarde de mais. Que vou então fazer convosco? — Falava num tom de voz baixo, quase gentil, sugerindo que ali estava um homem que facilmente veria a razão. — Que vou então fazer convosco? — perguntou de novo, e eu nada disse.

O círculo de cavaleiros negros permanecia imóvel, o céu apresentava-se carregado de nuvens e os gemidos de Ceinwyn tinham-se transformado em queixumes breves. O rei ergueu o escudo, não num gesto de ameaça mas sim porque o seu peso assentava desconfortavelmente na sua anca e eu vi, horrorizado, que a pele de um braço e uma mão humanos pendia do rebordo inferior. O vento agitava os dedos gordos da mão. Diwrnach viu o meu horror e sorriu.

— Era minha sobrinha — disse e depois olhou para além de mim e outro sorriso lento iluminou o seu rosto. — A raposa saiu da toca, Lorde Derfel — disse ele.

Virei-me e vi que Ceinwyn tinha saído de debaixo da tenda. Despira as peles de lobo e usava o vestido branco que exibira na sua festa de noivado, a bainha ainda manchada pela lama em que ela mergulhara o tecido de linho no momento da fuga de Caer Sws. Estava descalça, tinham-lhe soltado os cabelos dourados e aos meus olhos parecia estar imersa num transe.

— A princesa Ceinwyn, julgo — disse Diwrnach.

— Exatamente, senhor.

— É ainda uma donzela, segundo julgo saber? — perguntou o rei.

Não respondi. Diwrnach inclinou-se para a frente para abanar as orelhas do cavalo afetuosamente.

— Teria sido delicado da parte dela ter vindo cumprimentar-me quando entrou no meu país, não achais?

— Também ela tem as suas orações para fazer, senhor.

— Nesse caso esperemos que elas produzam resultados. — Riu. — Entregai-me, Lorde Derfel, ou caso contrário sofrereis a mais lenta das mortes. Tenho homens que conseguem arrancar a pele a um animal centímetro a centímetro até ele não ser mais do que uma amálgama de carne viva e sangue, conseguindo no entanto manter-se de pé. Andar, até! — Afagou o pescoço do cavalo com uma mão enluvada de negro e depois voltou a sorrir-me. — Já sufoquei homens no seu próprio excremento, Lorde Derfel,

esmaguei-os debaixo de pedras, queimei-os, enterrei-os vivos, deitei-os juntamente com víboras, afoguei-os, matei-os à fome, cheguei até a matá-los de susto. Tantas formas interessantes; mas entregai-me a princesa Ceinwyn, Lorde Derfel, e eu prometo-vos uma morte tão lesta como a queda de uma estrela brilhante.

Ceinwyn começara a caminhar na minha direção e os meus homens tinham agarrado subitamente a padiola de Merlim, as suas capas, armas e fardos, para se juntarem a ela. Ergui os olhos para Diwrnach.

— Um dia, senhor — disse eu, — atirarei a vossa cabeça para dentro de um fosso e soterrá-la-ei em excrementos de escravos. — Afastei-me dele.

Ele riu.

— Sangue, Lorde Derfel! — gritou atrás de mim. — Sangue!! É disso que os Deuses se alimentam, e o vosso dará um néctar excelente! Obrigarei a vossa mulher a bebê-lo na minha cama! — E, dito isso, picou os flancos do cavalo com as esporas e virou-o na direção dos seus homens.

— São setenta e quatro — disse-me Galaad, quando cheguei junto dele. — Setenta e quatro homens e outras tantas lanças. Nós somos trinta e seis lanças, um homem moribundo e duas mulheres.

— Eles não vão atacar já — tranquilizei-o. — Esperarão até que tenhamos descoberto o Caldeirão.

Ceinwyn devia estar gelada sob o vestido fino e sem botas, mas em vez disso transpirava como se estivéssemos num dia de verão, enquanto cambaleava sobre as ervas. Tinha dificuldade em manter-se de pé, e ainda mais em caminhar, e contorcia-se da mesma forma que eu me contorcera no cume do Dolforwyn, depois de ter ingerido o líquido que estava dentro da taça prateada. Nimue, porém, estava ao seu lado, falando-lhe e reconfortando-a, embora também lutasse para a desviar da direção que ela queria tomar. Os cavaleiros negros de Diwrnach seguiam-nos de perto, um anel móvel de Escudos Sanguinários que avançava através da ilha, formando um círculo amplo que tinha como centro o nosso reduzido grupo.

Apesar do seu estado delirante, Ceinwyn quase corria agora. Parecia estar no limiar da consciência e balbuciava palavras que eu não conseguia entender. O seu olhar parecia vazio. Nimue não parava de a arrastar para um lado, obrigando-a a seguir um carreiro de ovelhas que serpenteava para norte, perto de um pequeno monte coroadado por pedras cinzentas. No entanto, quanto mais nos aproximávamos desses rochedos altos e cobertos de líquenes, maior era a resistência que Ceinwyn oferecia, até que Nimue se viu obrigada a recorrer a todas as suas forças para a manter dentro dos limites do carreiro estreito. A fila da frente do círculo formado pelos cavaleiros negros já tinha passado o pequeno e íngreme monte de terra, e este, tal como nós, estava agora no interior do círculo. Ceinwyn choramingava

e protestava e depois começou a bater nas mãos de Nimue, que continuava a segurá-la firmemente e a arrastá-la, enquanto os homens de Diwrnach seguiam os nossos movimentos.

Nimue esperou até que o trilho se aproximasse o mais possível do cume dos rochedos escarpados e, então, deixou que Ceinwyn corresse livremente.

— Para as rochas! — gritou ela. — Todos! Para as rochas! Corram!

Corremos. Percebi então a atitude de Nimue. Diwrnach não se atrevera a tocar-nos antes de saber para onde íamos, e se tivesse visto Ceinwyn dirigir-se para o pequeno monte de rochas, teria certamente enviado uma dúzia de soldados para o guardar e, em seguida, o resto dos seus homens para nos capturar. Agora, porém, graças à manobra inteligente de Nimue, podíamos contar com a proteção oferecida pela amálgama de enormes pedregulhos, os mesmos que — caso Ceinwyn estivesse certa — tinham protegido o Caldeirão de Clyddno Eiddyn durante mais de quatro séculos e meio de escuridão.

— Corram! — gritava Nimue, e à nossa volta os póneis eram instigados a avançar à medida que o círculo dos cavaleiros negros se ia fechando à nossa volta para nos barrar a saída.

— Corram! — tornou a gritar Nimue. Eu ajudava a carregar Merlim, Ceinwyn escalava as rochas com esforço e Galaad gritava aos homens incitando-os a descobrir posições no meio das rochas onde pudessem esconder-se e manejar as lanças. Issa ficou junto de mim, a lança pronta a rasgar qualquer cavaleiro negro que chegasse perto de nós. Gwilym e outros três arrancaram Merlim das nossas mãos e levaram-no até à base dos rochedos no preciso instante em que os dois Escudos Sanguinários que lideravam o grupo nos alcançavam. Gritaram um desafio picando as montadas com as esporas para as incitar a subir a colina, mas eu afastei a comprida lança do primeiro soldado com o meu escudo e depois fiz girar a minha espada de forma a que a lâmina de aço se abatesse como um taco sobre o crânio do pónei. O animal relinchou e caiu de lado, e enquanto Issa enterrava a sua lança no abdómen do cavaleiro, eu golpeava o segundo soldado com a minha lança. O cabo da lança dele embateu sonoramente na minha e depois ele ultrapassou-me; mas eu consegui agarrar um punhado das suas longas faixas andrajosas e pude assim puxá-lo para trás e obrigá-lo a desmontar do pequeno animal. Ele atingiu-me quando caiu. Pus uma bota sobre a garganta dele, ergui a lança e cravei-a com força no coração. Por baixo da sua túnica andrajosa havia uma couraça de couro, mas a lança trespassou ambas e logo a sua barba negra se tingiu de uma espuma ensaguentada.

— Para trás! — bradou Galaad, e Issa e eu atirámos os nossos escudos e lanças para os homens que já se encontravam em segurança no topo dos

altos rochedos, após o que nos dispusemos a escalá-los. Uma lança de cabo preto embateu sonoramente nas rochas ao meu lado, em seguida uma mão forte alcançou-me, agarrou-me pelo pulso e levantou-me no ar. Merlin tinha sido içado até aos rochedos da mesma maneira, sendo em seguida largado sem cerimónias na zona central do cimo do rochedo, onde, qual taça coroada por um anel feito de imensos pedregulhos, havia uma funda concavidade de pedra. Ceinwyn estava lá dentro, esgaravando as pedrinhas que enchiam a taça como um cão enlouquecido. Tinha vomitado e as suas mãos moviam-se, absortas, entre a amálgama de vomitado e pedras frias e pequenas.

O pequeno monte era excelente como local de defesa. Os inimigos apenas podiam escalar as rochas com a ajuda das mãos e dos pés, enquanto nós poderíamos abrigar-nos nas gretas do cume e enfrentá-los à medida que fossem surgindo. Alguns deles tentaram chegar até nós, gritando quando as lâminas lhes retalhavam os rostos. As lanças choveram sobre as nossas cabeças, mas nós conservámos os escudos erguidos e as armas embatiam com ruído mas sem perigo. Coloquei seis homens na concavidade central e eles usaram os respetivos escudos para proteger Merlin, Nimue e Ceinwyn enquanto os restantes lanceiros guardavam a orla exterior do cume rochoso. Tendo abandonado os póneis, os Escudos Sanguinários fizeram nova investida e durante alguns instantes não tivemos descanso, apunhalando e golpeando. Um dos meus homens ficou ferido num braço durante essa breve escaramuça, mas foi a única baixa. Os cavaleiros negros, pelo contrário, levaram quatro mortos e seis feridos de volta ao sopé do monte.

— É o que acontece — disse eu aos meus homens — aos escudos feitos com a pele de donzelas.

Esperámos pela investida seguinte, mas nada aconteceu. Em vez disso, Diwrnach subiu a colina a cavalo, sozinho.

— Lorde Derfel? — chamou, na sua voz falsamente agradável e, quando espreitei entre duas rochas, propôs-me com um sorriso plácido:

— O meu preço subiu — disse o rei. — Agora, em troca de uma morte fulminante para vós, exijo a princesa Ceinwyn e o Caldeirão. Foi o Caldeirão que vieram buscar, não foi?

— É o Caldeirão de toda a Bretanha, senhor — disse eu.

— Ah, e julgais que eu seria um guardião indigno? — Meneou a cabeça tristemente. — Lorde Derfel, com que facilidade insultais um homem. Como é que seria? A minha cabeça num fosso atolada em excrementos de escravos? Que imaginação miserável, a vossa. A minha, temo, parece excessiva por vezes, inclusive aos meus próprios olhos.

Fez uma pausa e ergueu os olhos para o céu, como se pretendesse avaliar o tempo que lhe restava em termos de luz do dia.

— Tenho poucos guerreiros, Lorde Derfel — prosseguiu na sua voz controlada — e não quero que as vossas lanças me façam perder mais nenhum. Mas mais cedo ou mais tarde, tereis de sair do meio das rochas e eu estarei à vossa espera, e enquanto estiver à vossa espera, deixarei que a minha imaginação se eleve a novos cumes. Apresentai os meus cumprimentos à princesa Ceinwyn e dizei-lhe que aguardo com ansiedade o momento em que possamos conhecer-nos melhor.

Ergueu a lança numa saudação trocista e em seguida fez o caminho de volta até ao círculo de cavaleiros negros, que nesse momento cercavam por completo o monte.

Deixei-me cair na taça encaixada no centro do monte e percebi que fosse o que fosse que encontrássemos, seria demasiado tarde para Merlim. A morte estava estampada no seu rosto. O maxilar estava descaído e os olhos tão vazios como o espaço entre os mundos. Os dentes tiritaram uma vez em sinal de que ainda vivia, mas essa vida era agora um ténue fio que estava a esboroar-se rapidamente. Nimue pegara na faca de Ceinwyn e começara a escarafunchar e a desfazer as pedras pequenas que enchiam a concavidade onde nos encontrávamos, enquanto Ceinwyn, uma expressão exausta no rosto, sucumbira junto a um rochedo, tremendo e observando as escavações de Nimue. Fosse qual fosse o transe que se tinha apoderado de Ceinwyn, neste momento já passara e eu ajudei-a a limpar a porcaria das mãos, descobri o seu fato de pele de lobo e cobri-a.

Ela puxou as luvas.

— Tive um sonho — sussurrou-me — e vi o fim.

— O nosso fim? — perguntei, alarmado.

Ela abanou a cabeça.

— O fim de Ynys Mon. Havia linhas de soldados, Derfel, vestidos com saias e couraças romanas e elmos de bronze. Grandes linhas de soldados, com os braços que manejavam as espadas tingidos de sangue até aos ombros, porque matavam, matavam e continuavam a matar. Atravessavam as florestas formando uma enorme linha e matando, apenas. As armas subiam e desciam, todas as mulheres e crianças fugiam, só que não havia sítio para fugir e os soldados cercavam-nos cada vez mais, massacrando-os. Crianças, Derfel!

— E os druidas?

— Todos mortos. Todos, exceto três, e trouxeram o Caldeirão para aqui. Já tinham aberto um poço para o colocar, percebeis, antes de os Romanos terem atravessado as águas, e enterraram-no aqui, cobrindo-o depois com pedras tiradas do lago; depois cobriram as pedras com cinzas e atearam um fogo com as suas próprias mãos para que os Romanos pensassem que nada poderia estar enterrado aqui. E depois de tudo isto estar feito, caminharam cantando na direção dos bosques para morrer.

Nimue assobiou em sinal de alarme e quando me virei, vi que ela tinha descoberto um pequeno esqueleto. Remexeu entre as saias de lontra e tirou um saco de couro que abriu para deixar sair duas plantas secas. As folhas eram pontiagudas e tinham pequenas flores de um dourado esbatido. Sabia que ela estava a aplacar os ossos mortos oferecendo-lhes asfódelo.

— Foi uma criança que eles enterraram — Ceinwyn justificou o tamanho reduzido das ossadas, — a guardiã do Caldeirão e filha de um dos três druidas. Tinha cabelos curtos e uma bracelete de pele de raposa no pulso. Enterraram-na viva para que pudesse guardar o Caldeirão até nós o encontrarmos.

Uma vez aplacada a alma morta da guardiã do Caldeirão com o asfódelo, Nimue arrastou os ossos da garota, afastando-os das pedras pequenas, e em seguida concentrou-se no buraco cada vez mais fundo com a sua faca, ao mesmo tempo que pedia a minha ajuda num tom de voz brusco.

— Escava com a tua espada, Derfel! — ordenou, e obedientemente comecei a golpear o poço com o punho de Hywelbane.

E encontrei o Caldeirão.

Inicialmente tudo não passou de um lampejo de ouro sujo, depois um movimento rápido da mão de Nimue revelou um pesado rebordo dourado. O Caldeirão era muito maior do que o buraco que tínhamos escavado, pelo que ordenei a Issa e a outro homem que me ajudassem a torná-lo maior. Removemos as pedras com a ajuda dos nossos elmos, trabalhando com uma pressa desesperada, pois a alma de Merlim soltava já o seu último sopro de vida. Nimue estava ofegante e carpia enquanto atacava as pedras muito juntas que tinham sido trazidas até este cume desde o lago sagrado de Llyn Cerrig Bach.

— Ele está morto! — gritou Ceinwyn. Estava ajoelhada ao lado de Merlim.

— Não está morto! — Nimue cuspiu por entre os dentes cerrados, em seguida agarrou o rebordo dourado com as duas mãos e desatou a abanar o Caldeirão com todas as forças que tinha. Juntei-me a ela e pareceu-me impossível que conseguíssemos mover o enorme cálice devido ao peso das pedras que continuavam a exercer pressão no seu interior fundo. Sem que soubéssemos como, porém, com a ajuda de Deus, deslocámos aquele enorme objeto de ouro e prata e sacámos-lo para fora do poço escuro onde estava enterrado.

E foi assim que expusemos o Caldeirão perdido de Clyddno Eiddyn à luz do dia.

Era uma taça enorme, tão larga como as mãos de um homem estendidas e tão funda como a lâmina de uma faca de caça. Era feito de prata maciça, assentava sobre três curtos pés dourados e estava decorada com

sumptuosos arabescos em ouro. Três aros dourados estavam fixos no rebordo para que pudesse ser pendurado sobre o fogo. Era o maior Tesouro da Bretanha e nós arrancámo-lo ao túmulo onde jazia; podia ver como o ouro que o decorava fora trabalhado por forma a retratar figuras de guerreiros, Deuses e veados. Todavia, não tínhamos tempo para admirar o Caldeirão, pois, frenética, Nimue espalhou as últimas pedras que estavam dentro dele e tornou a colocá-lo no buraco antes de rasgar as peles negras que cobriam o corpo de Merlim.

— Ajuda-me! — gritou e, juntos, fizemos rolar o velho para dentro do poço e enfiámo-lo nas entranhas da grande taça de prata. Nimue aconchegou as pernas dele e cobriu-o com uma capa. Foi só nesse momento que ela se recostou nos pedregulhos. Estava um frio de rachar, mas o rosto dela brilhava de suor.

— Está morto — disse Ceinwyn numa voz sumida e assustada.

— Não — insistiu Nimue, cansada, — não está, não.

— Estava frio! — protestou Ceinwyn. — Estava frio e não se conseguia ouvir a sua respiração. — Colou-se a mim e começou a chorar baixinho. — Está morto.

— Vive — disse Nimue ríspidamente.

Tinha recommençado a chover. Era uma chuva miudinha e batida pelo vento, que polia as pedras e cobria de gotas as lâminas ensanguentadas das nossas espadas. Merlim jazia, tapado e inerte na cavidade do Caldeirão, os meus homens vigiavam o inimigo no topo das pedras cinzentas, os cavaleiros negros cercavam-nos e eu perguntava a mim mesmo que tipo de loucura nos trouxera até àquele lugar miserável, no extremo mais frio da Bretanha.

— Que fazemos agora? — perguntou Galaad.

— Esperamos — ripostou Nimue, — esperamos, apenas.

Nunca esquecerei o frio que fazia naquela noite. A geada formara cristais sobre as rochas e tocar numa lâmina de aço significava deixar uma lasca de pele colada ao metal. Estava um frio medonho. De madrugada, a chuva passou a neve, depois parou e depois do nevão o vento passou a soprar mais baixo e as nuvens foram arrastadas para leste, deixando a descoberto uma enorme Lua cheia, elevando-se no céu. Era uma Lua cheia de portento; uma bola prateada inchada, toldada pelos reflexos de nuvens distantes suspensas sobre um oceano repleto de ondas negras e prateadas. As estrelas nunca me tinham parecido tão brilhantes. Os contornos enormes do carro de Bel refulgiam sobre as nossas cabeças, em eterna perseguição da constelação a que chamávamos a truta. Os Deuses viviam entre as estrelas e eu

enviei uma prece que se elevou no ar gelado, na esperança de que chegasse até esses fogos brilhantes.

Alguns de nós dormitavam, mas era o sono leve próprio de homens exaustos, enregelados e assustados. Os nossos inimigos, cercando o monte com as suas lanças, tinham acendido fogueiras. Alguns póneis transportavam combustível para uso dos Escudos Sanguinários e as chamas erguiam-se altas no escuro da noite, espalhando faíscas na direção do céu claro.

Tudo estava imóvel na cavidade do Caldeirão, onde o corpo coberto de Merlim estava protegido da luz da Lua pelo vulto dos rochedos elevados de onde observávamos, por turnos, as silhuetas dos cavaleiros que se recortavam contra as fogueiras. De quando em vez, uma lança comprida zunia na escuridão da noite e a sua cabeça cintilava ao luar antes de a arma embater sonoramente nas pedras.

— E agora, que vais fazer com o Caldeirão? — perguntei a Nimue.

— Até ao Samain, nada — disse ela, inexpressiva. Estava deitada, amarfanhada, próxima do monte de fardos abandonados que tinham sido atirados para a concavidade no topo da elevação, assentando os pés sobre o entulho que com gestos desesperados tínhamos retirado de dentro do poço. — Tudo tem de estar certo, Derfel. Tem de estar Lua cheia, o tempo tem de ser o correto e todos os Treze Tesouros têm de estar reunidos.

— Fala-me dos Tesouros — pediu Galaad, falando do canto mais afastado da concavidade.

Nimue cuspiu.

— Para que possas fazer troça de nós, cristão? — desafiou-o.

Galaad sorriu.

— Há milhares de pessoas, Nimue, que fazem troça de vocês. Dizem que os Deuses estão mortos e que deveríamos transferir a nossa fé para os homens. Devíamos seguir Artur, dizem, e acreditam que a vossa demanda de caldeirões, capas, facas e cornos não passam de uma série de disparates que morreram juntamente com Ynys Mon. Quantos reis da Bretanha enviariam os seus homens para vos acompanhar numa demanda como esta? — Mexeu-se, tentando encontrar algum conforto na noite fria. — Nenhum, Nimue, porque fazem troça de vós. É demasiado tarde, dizem eles. Os Romanos mudaram tudo e todos os homens sensatos alegam que o vosso Caldeirão está tão morto como Ynys Trebes. Os Cristãos dizem que fazes o trabalho do Diabo, mas este cristão, cara Nimue, trouxe a sua espada até este lugar e por esse facto, cara dama, deves-me pelo menos um gesto de boa educação.

Nimue não estava habituada a ser repreendida, exceto por Merlim talvez, e ficou rígida ao ouvir a censura moderada de Galaad. Por fim cedeu.

Puxou a pele de urso de Merlim para cima dos ombros e curvou-se para a frente.

— Os Tesouros — disse ela — foram-nos deixados pelos Deuses. Foi há muito tempo, quando a Bretanha estava completamente sozinha no mundo. Não havia outros países; apenas a Bretanha e um vasto mar coberto por uma espessa neblina. Nesse tempo havia doze tribos na Bretanha e doze reis e doze salões de consagração e apenas doze Deuses. Estes Deuses caminhavam pela terra tal como nós, e Bel, um deles, chegou a casar com uma humana; e esta senhora — fez um gesto na direção de Ceinwyn, que a escutava com uma atenção tão ávida como qualquer um dos soldados — descende desse casamento.

Calou-se quando um grito soou no círculo de fogueiras. Esse grito, porém, não pressagiava qualquer ameaça e o silêncio tornou a cair sobre a noite enquanto Nimue prosseguia o seu relato.

— Outros Deuses, no entanto, que sentiam inveja dos doze que governavam a Bretanha, desceram das estrelas e tentaram roubar a Bretanha aos doze Deuses, e as doze tribos sofreram durante as batalhas. Uma lança arremessada por um Deus podia matar uma centena de pessoas e nenhum escudo terreno era capaz de deter a espada de um Deus; por isso, os doze Deuses, em virtude do amor que sentiam pela Bretanha, deram às doze tribos doze Tesouros. Cada Tesouro devia ser guardado num castelo real e a presença do Tesouro impediria que as lanças dos Deuses atingissem o castelo ou qualquer um dos seus habitantes. Não eram coisas grandiosas. Se os doze Deuses nos tivessem oferecido coisas esplêndidas, os outros Deuses tê-las-iam visto, adivinhado a sua finalidade e tê-los-iam roubado para sua própria proteção. Por isso, as doze oferendas eram apenas objetos comuns: uma espada, um cesto, um corno, um carro, um cabresto, uma faca, uma pedra de amolar, um casaco com mangas, uma capa, um prato, um escudo e um anel de guerreiro. Doze objetos comuns, e tudo o que os Deuses nos pediram foi que preservássemos os doze Tesouros, que os guardássemos em local seguro e que os venerássemos. Em troca, para além de ter a proteção dos Tesouros, cada tribo podia usar o seu presente para convocar o seu Deus. Tinham direito a uma convocação por ano, e apenas uma, mas essa convocação conferia às tribos algum poder na terrível guerra dos Deuses.

Interrompeu o relato e aconchegou ainda mais as peles em torno dos ombros magros.

— As tribos possuíam então os seus Tesouros — prosseguiu, — mas graças ao grande amor que Bel sentia por essa rapariga terrena, presenteou-a com um décimo terceiro Tesouro. Ofereceu-lhe o Caldeirão e disse-lhe que sempre que começasse a envelhecer, apenas tinha de encher o Caldeirão com água e mergulhar lá dentro para recuperar a juventude.

Desse modo poderia caminhar ao lado de Bel para sempre, no auge da sua beleza. E o Caldeirão, como pudeste ver, é esplêndido; é todo feito de ouro e prata, mais belo do que qualquer coisa que um homem é capaz de fazer. As outras tribos viram-no e sentiram ciúmes e foi assim que deflagraram as guerras da Bretanha. Os Deuses guerrearam-se no ar e as doze tribos digladiaram-se na terra, e um por um os Tesouros foram capturados ou então foram trocados por guerreiros até que, movidos pela ira, os Deuses retiraram a sua proteção. O Caldeirão foi roubado, a amada de Bel envelheceu e morreu e Bel rogou-nos uma maldição. Essa maldição foi a existência de outros países e outros povos, embora Bel nos tivesse prometido que se por altura de um Samain, voltássemos a reunir os doze Tesouros das doze tribos, realizássemos os ritos adequados e enchêssemos o décimo terceiro Tesouro com a água que nenhum homem bebe mas sem a qual nenhum homem consegue sobreviver, os doze Deuses viriam de novo em nosso auxílio. — Deteve-se, encolheu os ombros e olhou para Galaad. — Aí tens, cristão — disse ela, — as razões porque a tua espada veio até aqui.

Seguiu-se um longo silêncio. O luar desceu sobre as rochas deslizando vagorosamente no sentido do poço onde Merlim jazia, coberto por uma fina capa.

— E os doze Tesouros estão todos em teu poder? — perguntou Ceinwyn.

— A maior parte — respondeu Nimue evasivamente. — Mas mesmo sem os doze, o poder do Caldeirão é imenso. Enorme. O seu poder é maior do que o de todos os Tesouros juntos. — Lançou um olhar agressivo para o outro lado da cavidade, onde estava Galaad. — E que farás tu, cristão, quando vires esse poder?

Galaad sorriu.

— Recordar-te-ei que empunhei a minha espada na sua demanda — respondeu num tom de voz suave.

— Todos nós o fizemos. Somos os guerreiros do Caldeirão — disse Issa em voz baixa, exibindo um talento poético que eu desconhecia nele, perante o sorriso dos outros soldados. As suas barbas estavam cobertas de neve, as mãos envolvidas em faixas de tecido e peles e o seu olhar parecia vazio. No entanto tinham encontrado o Caldeirão e o orgulho que sentiam por tal façanha cumulava-os, ainda que, às primeiras horas da manhã, tivessem de enfrentar os Escudos Sanguinários e começassem a perceber que todos nós estávamos condenados.

Ceinwyn encostou-se a mim, partilhando a pele de lobo que me cobria. Esperou até Nimue ter adormecido e depois encostou o seu rosto ao meu.

— Merlim está morto, Derfel — disse em voz baixa e triste.

— Eu sei — respondi eu, pois do poço onde estava o Caldeirão, não vinha nem movimento nem som.

— Senti o rosto e as mãos dele — sussurrou ela, — e estavam ambas frias como gelo. Aproximei a lâmina da minha faca da boca dele e nada aconteceu. Ele está morto.

Eu não disse nada. Amava Merlim porque ele fora como um pai para mim e não conseguia realmente acreditar que tivesse morrido naquele momento de triunfo, mas tão-pouco podia reunir esperanças de chegar a ver de novo a vida da sua alma.

— Devíamos enterrá-lo aqui — disse Ceinwyn suavemente, — dentro do seu Caldeirão.

Mais uma vez não respondi. A mão dela encontrou a minha.

— O que é que vamos fazer? — perguntou ela.

Morrer, pensei, mas continuei calado.

— Não deixarás que me levem, pois não? — murmurou ela.

— Nunca — disse eu.

— O dia em que vos conheci, Lorde Derfel Cadarn — disse ela, — foi o melhor dia da minha vida.

E as suas palavras fizeram com que os meus olhos se enchessem de lágrimas. Se eram lágrimas de alegria ou um lamento por tudo aquilo que iria perder na fria madrugada que se aproximava, não sei dizer.

Caí num sono pouco profundo e sonhei que estava preso num lodaçal, cercado por cavaleiros negros capazes de atravessar magicamente a terra ensopada. Depois descobri que não conseguia erguer o braço onde segurava o escudo e vi a espada abater-se sobre o meu ombro direito; acordei sobressaltado esticando o braço na direção da minha lança para ver que fora Gwilym quem inadvertidamente tocara no meu ombro quando se preparava para escalar a rocha e iniciar o seu turno de guarda.

— Perdão, senhor — sussurrou ele.

Ceinwyn dormia na curva do meu braço e Nimue estava aninhada no outro lado. Galaad, cuja barba loura estava manchada de neve, ressonava baixinho e o resto dos meus soldados dormitavam ou permaneciam deitados numa apatia gelada. A Lua estava agora quase por cima de mim, a sua claridade inclinando-se para pôr a descoberto as estrelas pintadas nos escudos amontoados dos meus homens e na parede rochosa do poço que tínhamos escavado no cume côncavo. A neblina que encobriria a face inchada da Lua quando esta estava suspensa sobre o mar tinha desaparecido e nesse momento ela era um disco puro, duro, claro e frio, de contornos tão definidos como uma moeda acabada de cunhar. Lembrei-me vagamente da minha mãe dizendo-me o nome do homem da Lua, mas não conseguia fixar a memória. A minha mãe era saxã e eu estava na barriga

dela no momento em que fora capturada numa incursão dumnoniana. Tinham-me dito que ela ainda estava viva e que estava na Silúria, mas nunca mais a vira desde o dia em que o druida Tanaburs me arrancara dos braços dela e tentara matar-me no poço da morte. Merlim criara-me e eu tinha-me tornado bretão, um amigo de Artur e o homem que tinha levado a estrela de Powys do castelo do irmão dela. *Que fio de vida tão estranho, pensei, e como era triste que tivesse de ser cortado tão cedo aqui, na ilha sagrada da Bretanha.*

— Suponho — disse Merlim — que não há por aqui nenhum pedaço de queijo?

Fitei-o, pensando que devia estar a sonhar.

— Daquele tipo esbranquiçado, Derfel — disse ele, ansioso, — que se esfarela. Não aquela massa rija, amarelo-escuro. Não suporto aquele queijo rijo amarelo-escuro.

Estava de pé dentro da concavidade e olhava-me com uma expressão atenta e séria, com a capa que tinha coberto o seu corpo pendurada nos ombros, como se fosse um xaile.

— Senhor? — disse eu, numa voz fraca.

— Queijo, Derfel. Não ouviste o que eu disse? Apetece-me comer queijo. Tínhamos um pedaço. Estava embrulhado em linho. E onde está o meu bastão? Um homem deita-se para dormir um pouco e logo lhe roubam o bastão. Será que já não há gente honesta? Vivemos num mundo terrível. Não há queijo, não há honestidade, não há bastão.

— Senhor!

— Para de me gritar, Derfel. Não estou surdo, apenas tenho fome.

— Oh, senhor!

— Agora choras! Odeio lágrimas. Tudo o que peço é um pedaço de queijo e tu começas a choramingar como uma criança. Ah, eis o meu bastão. Ótimo.

Apanhou o bastão, que estava ao lado de Nimue, e serviu-se dele para sair da cavidade. Os outros soldados estavam agora acordados e olhavam-no boquiabertos. Depois, Nimue mexeu-se e eu ouvi a respiração ofegante de Ceinwyn.

— Suponho, Derfel — disse Merlim enquanto caminhava entre os fardos empilhados procurando o seu pedaço de queijo, — que nos colocaste numa posição difícil? Estamos cercados, não é verdade?

— Sim, senhor.

— E somos inferiores em número?

— Sim, senhor.

— Ora, ora, Derfel. E consideras-te tu um líder de guerreiros? Queijo! Cá está ele. Eu sabia que havia algum. Excelente.

Apontei um dedo trémulo na direção da cavidade.

— O Caldeirão, senhor. — Queria saber se o Caldeirão tinha operado um milagre, mas estava demasiado confuso pela estupefação e o alívio para que pudesse ser coerente.

— E que belo Caldeirão este, Derfel. Espaçoso, fundo, dotado de todas as qualidades que se exige a um Caldeirão. — Deu uma dentada no queijo. — Estou esfomeado! — Deu nova dentada, em seguida recostou-se nos rochedos e sorriu para todos nós. — Inferiores em número e cercados! Bem, bem!! Que virá a seguir? — Enfiou o resto do pedaço de queijo na boca e sacudiu as migalhas das mãos. Dedicou um sorriso especial a Ceinwyn e depois estendeu um dos seus longos braços na direção de Nimue. — Está tudo bem? — perguntou-lhe.

— Tudo bem — disse ela calmamente enquanto se aninhava entre os braços dele. Era a única que não parecia surpreendida com o aparecimento dele ou com o seu evidente estado de boa saúde.

— A não ser que estamos cercados e somos inferiores em número! — disse ele em tom zombeteiro. — O que é que vamos fazer? Normalmente, o melhor que há a fazer numa situação de emergência é sacrificar alguém. — Lançou um olhar expectante pelo círculo de homens atónitos. O seu rosto tinha recuperado as cores e toda a sua energia perversa regressara. — Derfel, talvez?

— Senhor! — protestou Ceinwyn.

— Senhora! Vós não! Não, não, não, não, não. Já haveis feito o suficiente.

— Sacrifício, não, senhor — implorou Ceinwyn.

Merlim sorriu. Nimue parecia ter adormecido nos braços dele, mas nenhum de nós que ali estávamos poderia voltar a adormecer. Uma lança ressoou nas rochas mais baixas e o som fez com que Merlim me estendesse o seu bastão.

— Sobe até ao cimo, Derfel, e aponta para oeste com o meu bastão. Para oeste, não te esqueças, não para leste. Tenta fazer uma coisa como deve ser por uma vez, está bem? É claro que quando se quer que uma tarefa seja executada corretamente, devemos sempre fazê-la nós mesmos, mas eu não quero acordar Nimue. Vai.

Empunhei o bastão e galguei as rochas até chegar ao ponto mais elevado do monte e aí, seguindo as instruções de Merlim, apontei-o na direção do oceano distante.

— Não o abanes! — gritou Merlim. — Aponta-o! Sente o seu poder! Não é um aguilhão para espicaçar bois, rapaz, é o bastão de um druida!

Mantive o bastão apontado para oeste. Os cavaleiros negros de Diwrnach devem ter pressentido a presença da magia, pois os seus feiticeiros

começaram a uivar subitamente ao mesmo tempo que um grupo de lanceiros corria apressadamente colina acima, pronto a arremessar as suas armas contra mim.

— Agora — gritou Merlim à medida que as lanças caíam aos meus pés, — dá-lhe poder, Derfel, dá-lhe poder!

Concentrei-me no bastão, mas a verdade é que não senti nada, embora Merlim parecesse satisfeito com o meu esforço.

— Agora baixa-o — disse ele, — e descansa um pouco. Temos uma caminhada razoável pela frente, de manhã. Temos mais queijo? Era capaz de comer um saco cheio!

Ficámos deitados ao frio. Merlim recusava-se a falar sobre o Caldeirão, ou sobre a sua doença, mas eu sentia a mudança de estado de espírito que se verificara em todos nós. Sentíamo-nos de súbito esperançosos. Íamos viver, e Ceinwyn foi a primeira a entrever o caminho da nossa salvação. Beliscou-me e depois apontou para a Lua. Nesse momento vi que aquilo que fora uma forma de contornos precisos e nítidos aparecia agora toldada por um véu de neblina cintilante. Os pontos minúsculos cintilavam com tal intensidade em redor da Lua cheia e prateada que este colar nebuloso fazia lembrar um anel de gemas pulverizadas.

Merlim não prestava qualquer atenção à Lua e continuava a falar sobre queijos.

— Havia uma mulher em Dun Seilo que fazia um queijo mole fabuloso — disse-nos. — Embrulhava-o em folhas de urtiga, se bem me lembro, depois fazia questão que ele passasse seis meses em repouso numa selha de madeira que tinha estado em infusão em urina de carneiro. Urina de carneiro! Há pessoas que possuem as superstições mais absurdas, mas seja como for, ela fazia um queijo muito bom. — Soltou um riso abafado. — Obrigava o pobre do marido a recolher a urina. E como é que ele o fazia? Nunca gostei de perguntar. Agarrando-o pelos cornos e fazendo-lhe cócegas, perguntarão vocês? Ou talvez usasse a sua própria urina sem nunca lhe dizer nada. Era o que eu teria feito. Está a ficar mais quente, não acham?

A neblina gelada e brilhante que rodeava a Lua dissipara-se, mas esse facto não tornara os contornos da Lua mais apagados. Pelo contrário, eram agora toldados por uma neblina mais translúcida, empurrada com suavidade por um vento ligeiro que soprava de oeste e que era, de facto, mais quente. As estrelas cintilantes apareciam turvas, o gelo de cristal que cobria as rochas dissolvia-se num esplendor húmido e todos nós tínhamos parado de tremer. Podíamos de novo tocar as pontas das nossas lanças e estava a levantar-se um nevoeiro.

— Os Dumnonianos, é claro, teimam em dizer que o seu queijo é o melhor de toda a Bretanha — dizia Merlim num tom convicto, como se

nenhum de nós tivesse outra coisa melhor para fazer a não ser escutar uma palestra sobre queijos — e reconheço que ele pode ser bom, mas na maioria das vezes é rijo. Lembro-me que em certa ocasião Uther partiu um dente ao morder um pedaço de queijo proveniente de uma quinta perto de Lindinis. Em duas metades perfeitas! Pobre homem, as dores não o largaram durante semanas. Nunca consegui suportar a ideia de arrancar um dente. Eu dizia-lhe insistentemente que usaria um pouco de magia, mas, coisa estranha, a magia nunca resulta quando se trata de dentes. Olhos, sim, intestinos, sempre, e por vezes miolos até, embora nos dias que correm, existam muito poucos na Bretanha. Mas dentes!? Nunca. Tenho de estudar esta questão quando tiver algum tempo livre. E eu até gosto de arrancar dentes, imaginem só. — Sorrii de uma forma extravagante, expondo a sua dentadura de uma perfeição rara. Artur fora bafejado com a mesma bênção, mas os restantes de nós conhecíamos os tormentos das dores de dentes.

Levantei os olhos para ver que o topo das rochas mais altas estava quase escondido pelo nevoeiro que se adensava a cada minuto que passava. Era um nevoeiro criado por um druida, denso e branco sob a Lua e envolvendo Ynys Mon no seu espesso manto de vapor.

— Na Silúria — disse Merlim, — servem-nos uma taça com uma mistela sem cor e chamam-lhe queijo. É tão repelente que nem os ratos lá vão. Mas que mais se poderia esperar da Silúria? Há alguma coisa que me queiras dizer? Pareces excitado.

— Nevoeiro, senhor — disse eu.

— Que homem perspicaz — disse ele, com admiração. — Nesse caso, talvez possas tirar o Caldeirão de dentro do buraco? É hora de partir, Derfel, hora de partir.

E assim aconteceu.